

Eanes admite dissolver a Assembleia

Nunca as FA's foram tão solicitadas: depois da cooperação com Bissau e Maputo e da discutida presença na Namíbia, também o Líbano pede tropas portuguesas

Pág. 4 e 24

Esta manhã em Almada

Monteiro Pereira morto a tiro

● *Ele era o "português forte"
das Loças de Sacavém*

● *"FP 25 de Abril" reivindicam o atentado*

Pág. 11



Elas chutaram com a França

Tapadinha, tarde chuvosa de sábado: espectáculo inédito para o lisboeta, com o primeiro jogo oficial da «selecção nacional» feminina de futebol a tentar (ao 3.º golpe) um êxito no calendário europeu. As parceiras foram francesas e tiveram em Marie Françoise Sidibe (uma negra de cabelo ripado) a melhor artista sobre o palco verde, enquanto cá apelo nosso lado Alfredina e Tiza deram um lamiré de como poder ser o futuro.

Pág. 17



DOSSIER

Foto de Hernando Domingues

... E o senhor dança?

«Aprender a dançar em Portugal» é o título genérico de uma viagem através dos estúdios e escolas onde hoje se faz, no nosso país, a aprendizagem do bailado. Trata-se de um «dossier» que publicamos, a partir de hoje, até ao próximo sábado: cinco vezes, portanto, visto que depois de amanhã, quarta-feira, feriado nacional, o «Diário de Lisboa» não será publicado, à semelhança dos outros vespertinos. Atenção às surpresas que vos reserva este «Aprender a dançar em Portugal». Talvez alguns leitores entre os mais jovens descubram, aqui, uma vocação que têm vindo a recalcar...

Pág. 19

*Nova Banda Desenhada
começa hoje no "DL"*

Jonathan Cartland em O Fantasma de Wah-Kee



Chegadas que foram ao seu termo, sábado passado, as aventuras do detective Alack Sinner, um novo herói — mais precisamente um anti-herói — habita, a partir de hoje, no «DL»: é ele Jonathan Cartland, o batedor que em tempos viveu entre os índios e que transporta um pouco da sua visão do mundo para os azares da sua sorte, entre o Sul racista e o Norte individualista e aventureiro. Os «fans» da banda desenhada, mesmo aqueles que estavam fartos de «histórias de cow-boys», não resistirão ao personagem e aos cenários de Laurence Harle e de M. Blanc-Dumont.

Pág. 20



Sétimo Encontro da Imprensa Algarvia

Um apelo a todos os jornais regionais para que se unam em associações tendo em vista a criação de uma futura Federação da Imprensa Regional Portuguesa foi formulado, sábado, no VII Encontro da Imprensa Algarvia.

A proposta partiu de um director e proprietário de um jornal da Quarteira que considera não estarem os interesses dos órgãos de Comunicação Regional a ser defendidos convenientemente pela Associação da Imprensa Diária.

A mesma ideia foi defendida pelo director-geral da Comunicação Social que afirmou não ser aquela associação «qualificada para representar a Imprensa Regional».

Manuel Figueira salientou que a ausência de um interlocutor válido da Imprensa regional dificulta o relacionamento e a tomada de posições do Governo em relação a estes órgãos de Comunicação Social.

O VII Encontro da Imprensa Algarvia foi promovido pelo jornal «A Voz de Loulé», dirigido por José Maria Barros.

Aos trabalhos assistiram o secretário de Estado adjunto

para a Comunicação Social, José Alfaia, o governador civil do distrito, Oliveira Santos, e o presidente da Câmara de Loulé.

Grande Lisboa: pequeno-almoço com pouca TV

A audiência à Televisão ao pequeno-almoço desce na Grande Lisboa, mas aumenta no Grande Porto — segundo informa o Gabinete de Estudos de Audiência da RTP.

Analisando comparativamente a primeira e a terceira semanas de emissão do «Bom Dia, Portugal», o estudo agora divulgado conclui que na Grande Lisboa houve uma descida de 26 para 22 por cento, enquanto no Grande Porto a audiência era de 32 por cento.

Globalmente — afirma a RTP —, a audiência da manhã televisiva subiu de 31 para 34 por cento da primeira para a terceira semana de emissão, aumento registado em todas as regiões excepto a da Grande Lisboa.

A região interior Sul mantém a liderança de audiência (40 por cento), seguida da faixa litoral (35 por cento).

Colaboração com Cabo Verde

O secretário de Estado José Alfaia, quando da visita a Cabo Verde, assinou na ilha de São Vicente dois instrumentos jurídicos que reforçam os laços de cooperação com aquele país na Rádio e na Televisão.

A cerimónia surgiu na sequência de diversas sessões de trabalho na Praia e no Mindelo, entre Alfaia e o seu homólogo cabo-verdiano Corsino Fortes.

Uma fonte portuguesa indicou que no decurso das conversações foram também «decididas importantes acções no que respeita à Imprensa e à agência de notícias» cabo-verdianas.

O Estado português vai ceder equipamentos destinados ao parque gráfico do jornal «Voz do Povo» e Portugal colaborará no desenvolvimento da futura agência noticiosa cabo-verdiana, foi referido, entretanto, pela delegação que acompanhou Alfaia.

O convénio assinado determina que a RDP promova estágios de especialização e de reciclagem para profissionais da Rádio de Cabo Verde.

Quanto à Televisão, a RTP garantirá a deslocação à Cidade da Praia de uma missão técnica que estude a cobertura territorial do arquipélago cabo-verdiano.

«Brados do Alentejo»

O director do semanário «Brados do Alentejo», José do Sacramento Dias Sena, ao assumir aquele cargo, endereçou à Direcção do «DL» (António Pedro Ruella Ramos e Fernando Pi-teira Santos) amistosos cumprimentos, extensivos a todo o corpo redactorial e demais trabalhadores.

Para além disso, José Sena formula votos de uma «estreita e proveitosa colaboração» com o nosso jornal.

«Correio da Horta»

O jornal «Correio da Horta», da ilha do Faial, entrou no seu quinquagésimo terceiro ano de publicação.

Dirigido desde 1974 pelo deputado social-democrata Fernando Faria, o «Correio da Horta» é o único vespertino do Faial.

O jornal foi adquirido pela diocese de Angra há cerca de dois anos.

Já é possível ver em Lisboa programas em directo da TV de Moscovo

Os representantes dos órgãos de Comunicação Social e mais de uma centena de agentes da Rádio Bercko tiveram oportunidade de assistir no Hotel Penta a uma transmissão em directo de um programa da Televisão soviética via satélite. A recepção é obtida através de um televisor normal Luxor ligado a uma «caixa preta» conversora e utili-

o sucesso tem sido espectacular.

O sistema de recepção por satélite é constituído por uma antena parabólica que capta todos os pequenos sinais, por uma cabeça de microondas que amplifica os fracos sinais, converte-os e envia-os através do cabo para os equipamentos. A unidade de interior (a caixa preta) selecciona



zando neste caso, uma antena parabólica de 1,80 m de diâmetro.

A qualidade do som e da imagem surpreenderam podendo afirmar-se que nada ficam a dever à fidelidade das emissões nacionais apesar de o satélite soviético se encontrar a 40 mil quilómetros de distância.

A Luxor e a Rádio Bercko pretendem com esta demonstração sensibilizar os agentes para as novas técnicas da transmissão do som e da imagem e para aquilo que será o futuro da Televisão.

Com três anos de avanço sobre a entrada em funcionamento dos satélites europeus é já possível receber em Portugal, com uma simples antena parabólica, os programas soviéticos. Num futuro próximo qualquer programa europeu transmitido via satélite estará ao alcance do telespectador normal.

A Luxor é neste momento a única empresa europeia que fabrica receptores para satélites e

os canais e efectua a conversão adicional que activa o som e a imagem do televisor Luxor.

Um engenheiro sueco presente nesta reunião deu uma explicação profundamente detalhada mas ao mesmo tempo muito acessível sobre os princípios técnicos de funcionamento dos satélites. Ao mesmo tempo deu aos agentes ali presentes uma visão comercial dos benefícios que no futuro poderão retirar do desenvolvimento e divulgação deste sistema.

Um espectro pairou todavia naquela reunião: as «ameaças» governamentais de aumentar significativamente as taxas sobre os electrodomésticos. A tributação prevista é na óptica dos profissionais daquele sector ruína, pondo em risco uma área que ocupa cerca de 300 mil trabalhadores, ao mesmo tempo que estimula o contrabando.

Intercaladas com as questões técnicas, as críticas à política do Governo foram uma constante.

DEZEMBRO 82
DIA 8
QUARTA 22H00

NO SPORT
GRUPO
SACAVENENSE

PAVILHÃO DO SACAVENENSE

1 GRANDIOSO BAILE DE FAZER FERVER A PANELA

1.º GRITO DO CARNAVAL DE SACAVÉM

APRESENTAÇÃO DA SUPER ATRACÇÃO DA TELEVISÃO GLOBO BRASILEIRA

A GAROTA DO PLANETA DOS HOMENS DA TV

WILMA DIAS
QUARTA, 8
BAILE
DO

VERMELHO & PRETO

2 BANDAS
VAPORES
DO
REGO

2 BANDAS
GRUPO
O
CISNE

BAILE DAS 22H00 ÀS 4 DA MATINA

BILHETES
200.00

MESA
4 LUGARES 400\$00



PSD PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA

FESTA-COMICIO

Pavilhão de CASCAIS

2.ª-f.-6 Dez.-21.30h

ENTRADA LIVRE

DA VINCI
GRUPO de BAILE
ROXIGÉNIO
LARA LI
TONICHA

Intervenções de:

ANTÓNIO
CAPUCHO
HELENA
ROSETA

apresentação de António Sala



A missão interna das Forças Armadas

Vasco Gonçalves

A consideração de inconstitucionalidade do n.º 3 do Art.º 24.º da Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas feita pelo Presidente da República na mensagem que dirigiu à Assembleia da República explicando as razões pelas quais vetou aquela lei, e certas passagens do discurso proferido pelo chefe do Estado-Maior do Exército, no acto de abertura do ano lectivo do Instituto de Altos Estudos Militares, em 26 de Novembro último, a propósito da aprovação da Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas chamam a atenção para a questão da missão ou missões internas das FA's.

A questão da missão interna das Forças Armadas está ligada à estrutura de classe da sociedade, e à sua estrutura socioeconómica e política.

Juntamente com os órgãos de soberania (Presidente da República, Assembleia da República, Governo, Tribunais), com a Administração Pública, as Regiões Autónomas, as Autarquias Locais, as Forças Armadas são um elemento constitutivo, uma componente, aliás de grande relevo, de grande importância, da organização política do Estado, do poder político.

É da acção simultânea e do relacionamento recíproco destes órgãos e aparelhos que resulta o carácter do poder político, em cada momento da vida da sociedade.

Por estas razões não é correcto falar de subordinação das Forças Armadas ao poder político. As Forças Armadas estão no interior do poder político, as Forças Armadas são um elemento da definição do poder político. Elas influem, por vezes de modo decisivo, na correlação de forças que resulta da acção recíproca dos diversos elementos que fazem parte da organização do poder político.

Em qualquer Estado, o carácter fundamental da missão interna das Forças Armadas está estreitamente ligado à defesa do regime socioeconómico e político. A missão interna é diferente de regime para regime.

Assim, a missão interna das Forças Armadas durante o fascismo era muito diferente da que foi institucionalizada pela Constituição de 1976.

No caso da Constituição de 1976 essa missão interna foi fixada com grande transparência, em termos precisos, que traduziam um compromisso concreto para com o regime democrático surgido do 25 de Abril.

«Art.º 273.º. Funções das Forças Armadas.

«1. As Forças Armadas Portuguesas garantem a independência nacional, a unidade do Estado e a integridade do território.

«2. As Forças Armadas Portuguesas são parte do povo e, identificadas com o espírito do Programa do Movimento das Forças Armadas, asseguram o prosseguimento da Revolução de 25 de Abril de 1974.

«3. As Forças Armadas garantem o regular funcionamento das instituições democráticas e o cumprimento da Constituição.

«4. As Forças Armadas têm a missão histórica de garantir as condições que permitam a transição pacífica e pluralista da sociedade portuguesa para a democracia e o socialismo.

«5. As Forças Armadas colaboram nas tarefas de reconstrução nacional.»

A missão interna das Forças Armadas estava de acordo com o projecto de transformação económica-social, política e cultural que foi consagrado na Constituição:

«Art.º 2.º (Estado democrático e transição para o socialismo)

«A República Portuguesa é um Estado democrático, baseado na soberania popular, no respeito e garantia dos direitos e liberdades fundamentais e no pluralismo de expressão e organização política democráticas, que tem por objectivo assegurar a transição para o socialismo mediante a criação de condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras.»

Pode afirmar-se: tal regime, tal missão interna para as Forças Armadas.

sagradas no texto revisto:

«Art.º 290 (limites materiais da revisão)

«As leis de revisão constitucional terão de respeitar:

«d) Os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos;

«e) Os direitos dos trabalhadores, das comissões de trabalhadores e das associações sindicais;

«f) O princípio da apropriação colectiva dos principais meios de produção e solos, bem como dos recursos naturais, e a eliminação dos monopólios e dos latifúndios.»

Nestas condições, para a «redefinição» e «clarificação» do regime, a direita, a reacção e os seus aliados contam com as alterações introduzidas no sistema do poder político, nomeadamente, com a restrição dos poderes do Presidente da República. Contam, também, com as Leis de Defesa Nacional e das Forças Armadas e do Tribunal Constitucional, as quais, tal como foram aprovadas oferecem condição para a instrumentalização das Forças Armadas e do Tribunal Constitucional por parte do Governo ou da maioria conjuntura.

Por tudo o que se vem dizendo acerca da «redefinição» do regime, não oferece dúvidas que, às forças instaladas no poder e seus apoiantes interessava alterar profundamente a missão interna das Forças Armadas, aliás, de acordo com o princípio de que já falámos atrás: tal regime, tal missão interna das Forças Armadas.

Da definição de uma missão interna para as Forças Armadas resulta, logicamente, a definição do inimigo interno.

Qualquer que seja o regime político e económico-social que se considere, o inimigo interno deste regime é o que está interessado em, ou o que desenvolve ou é capaz de desenvolver, ou tenderá a desenvolver acções que conduzem à sua destruição.

Consagrando a Constituição de 1976 um regime democrático que é caracterizado no domínio económico, pelo princípio da apropriação colectiva dos principais meios de produção e solos e recursos naturais e pelo princípio da eliminação dos monopólios e latifúndios, naturalmente que os inimigos internos do regime serão o grande capital, os grupos monopolistas (em reconstrução ou em formação) e os latifundiários.

Ao contrário, para um regime que consagre ou que corresponda aos interesses daquelas classes exploradoras, os inimigos internos serão a classe operária, os trabalhadores, as camadas médias (empregados, camponeses, intelectuais, pequenos empresários), os quais sofrem a exploração directa ou indirecta dos monopólios e do latifúndio.

Ora, a prática política das forças que fizeram aprovar o conjunto de leis atrás referido tem consistido, fundamentalmente, na reconstituição do poder económico e político dos monopólios e latifúndios cuja eliminação, repete-se, continua a ser prescrita na Constituição mesmo depois da sua recente revisão.

Nestas condições, para a AD e para a direcção do PS, não podia continuar no texto revisto da Constituição a missão interna das Forças Armadas constante do texto inicial (missão, aliás, que se enquadrava num conceito alargado de defesa nacional, cobrindo quer a ameaça externa quer a ameaça interna).

Acontece, porém, que não há hoje condições para que a direita e a reacção (que tiveram um papel determinante na elaboração e aprovação da Lei de Revisão Constitucional) possam fazer aprovar, às claras, a missão interna das Forças Armadas que corresponde aos interesses

restauracionistas da classe dominante.

Por outro lado, entre os seus aliados, no PS, há elementos com concepções liberais pequeno-burguesas que, não desejando pôr em causa o sistema capitalista, defendem, ao mesmo tempo, o exercício dos direitos, liberdades e garantias políticas. Muito destes elementos têm concepções antimilitaristas, primárias, de vistas curtas, e receiam que as Forças Armadas, uma vez institucionalizadas uma missão de defesa contra ameaças internas ao regime, a interpretem de modo que ponham em risco a «própria sobrevivência das instituições democráticas» (pág. 17 da Memória Justificativa da Proposta de Lei de Defesa Nacional).

Por estas diversas razões, a AD e a direcção do PS entenderam-se para fazer adoptar um conceito restrito de defesa nacional e um elenco limitado das missões das Forças Armadas. Com que argumentação o justificaram?

Vejamos a Memória Justificativa da Proposta de Lei de Defesa Nacional e Forças Armadas, pág. 17 e seg: «...o conceito alargado de defesa nacional comportava o risco de interpretações extensivas capazes de pôr em causa a própria sobrevivência das instituições democráticas».

«Com efeito, se existe em termos de defesa nacional uma ameaça interna e a garantia contra esta é institucionalmente confiada às Forças Armadas, como impedir o corolário de que estas devam participar normalmente no desempenho de funções policiais? E como delimitar a ameaça interna senão definindo um «inimigo interno»? E, neste caso, como compatibilizar essa definição com o respeito pelos adversários políticos, sem o qual não existe democracia pluralista? E como evitar que em caso de agudização de crises políticas internas as Forças Armadas sejam impedidas a tomar conta do poder, uma vez que, institucionalmente, se declara pertencer-lhes a salvaguarda da sobrevivência da Nação perante quaisquer ameaças internas?»

«6. Estas dúvidas e reticências levaram o legislador da Revisão Constitucional a adoptar um conceito mais restrito de defesa nacional e um elenco mais limitado de missões das Forças Armadas.»

«Assim, nos termos da nova redacção dada ao Art.º 273.º 2 «a defesa nacional tem por objectivos garantir, no respeito das instituições democráticas, a independência nacional, a integridade do território e a liberdade e segurança das populações contra qualquer agressão ou ameaça externa». E de acordo com o n.º 1 do novo art.º 275.º «às Forças Armadas incumbe a defesa militar da República».

«A modificação não podia ser mais clara e intencional. O Governo, como lhe competia, reproduziu esta concepção na presente proposta de Lei».

Da análise destas passagens e tendo em atenção quem é o seu autor (o presidente do CDS), os interesses que representa e os entendimentos entre a AD e a direcção do PS para a «redefinição» e «clarificação» do regime democrático, pode concluir-se:

1) Invoca-se a existência da democracia pluralista para justificar que não seja institucionalizada, como missão das Forças Armadas, a garantia contra a ameaça interna ao regime democrático.

Ora, segundo o texto inicial da Constituição uma das missões das Forças Armadas, na esfera interna, era, precisamente, a de garantir a democracia pluralista (art.º 273.º 4).

2) Por duas vezes o advérbio

Continua na pág. 22

ponto a ponto

• O secretário norte-americano da Defesa escalou sábado a Base Aérea das Lajes da Terceira, tendo-se avistado com o presidente do executivo açoriano, Mota Amaral.

Vindo de Bruxelas, Caspar Weinberger chegou à Base das Lajes cerca das 16, sendo aguardado, para além de Mota Amaral, pelo ministro da República para os Açores, general Conceição e Silva, presidente do Parlamento açoriano, Alvaro Monjardino, e secretário regional da Educação e Cultura, Reis Leite.

Embora não tenham sido feitas declarações à imprensa, admitia-se nas Lajes que no encontro de Weinberger com as autoridades regionais tenha sido abordada informalmente a renovação do acordo sobre a utilização daquela base pelos norte-americanos.

• Helena Roseta vai ser condecorada pela Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa. A medalha atribuída à ex-deputada e actual candidata do PSD à Câmara Municipal de Cascais é concedida aos membros particularmente activos da referida assembleia e que tenham dedicado especial atenção à causa europeia. A condecoração será oferecida pelo presidente da Assembleia Parlamentar, o espanhol José Maria Areiza.

• «A Igreja Católica em Portugal e no Mundo» constitui o tema que esta noite será debatido em «Clube de Imprensa», a partir das 20.30 no segundo canal da RTP. Além do moderador (um jornalista membro do CIP), intervirão o bispo de Setúbal, o bispo auxiliar de Aveiro, e os jornalistas Raul Rego, Pacheco de Andrade e Freitas Cruz.



• O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Futscher Pereira, felicitou hoje o seu homólogo espanhol, Fernando Morán Lopez, por ocasião da sua tomada de posse no cargo das Relações Exteriores de Espanha.

O ministro português formulou votos de felicidade e realçou os laços de cooperação entre os dois países, espera o que «possam ser amplamente desenvolvidos e preservados», na linha que inspirou o tratado de amizade entre os dois povos.



• No âmbito da comemoração do bicentenário da Companhia dos Guardas-Marinhas e sua Real Academia, inaugura-se hoje no Museu da Marinha, pelas 15 horas, uma exposição bibliográfica e iconográfica, com a presença do chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão.



EXPO XVII PORTUGAL

SPRING SUMMER 1983

• Entre hoje e o próximo dia 10, várias equipas do Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura deslocam-se a diversas capitais de distrito para, num program conjunto com o Ministério da Educação, estabelecer contactos directos com os conselhos directivos de todas as escolas preparatórias e secundárias do País.

Visita presidencial

Houve guerra colonial na Guiné?

Ir a Quebo e não acreditar

BISSAU, 6 (do nosso enviado especial, Manuel Anta) — A guerra entre portugueses e guineenses alguma vez existiu? Claro que sim. Dizem-nos os compêndios da História, os estropiados de ambos os lados, as balas ainda incrustadas nas árvores que ladeiam picadas, o subdesenvolvimento — típico de antiga colónia —, em que vegeta a Guiné-Bissau. Mas quem vai a Quebo, tem dificuldade em acreditar...

Quebo: em tempos que já lá vão, esta localidade do sudeste da Guiné-Bissau tinha um nome bem português — Nova Lamego. E na região em que se situa, travaram-se ferozes combates, verteram-se rios de sangue. «Há que sustentar o impeto dos guerrilheiros no sector Leste-3» — ordenavam os altos comandos militares em Bissau. E acrescentavam: «Custe o que custar». Por seu turno, as forças do PAIGC mobilizavam a maior parte da suas potencialidades numa frente considerada de importância vital.

Em Quebo lutava-se, e homens morriam, num crescendo infernal. Oito anos depois, o chefe de Estado da antiga potên-

cia colonizadora foi a Quebo, em visita oficial. E o que o esperava, surpreendeu. Tal como em Bissau, no dia da sua chegada, as populações apalparam-se, saíram aos caminhos a trilhar pelo presidente Eanes pelo seu anfitrião, presidente Bernardo Vieira.

Foi lindo de assistir: Em cada olhar, em cada rosto, nem uma ponta de ódio ou de indiferença. Tão pouco um entusiasmo fútil. Apenas uma alegria, quase secreta, de reencontrar, muitos anos depois, através do seu representante, um povo com quem se viveu durante cinco séculos de História.

Em Saltinho, localidade banhada pelo rio Corubal onde se projecta erguer uma barragem de importância capital para o devir económico da Guiné-Bissau, e em Bubaque, nos Bijagós, onde a natureza fez questão em pintar um quadro de enorme beleza, o mesmo calor humano o mesmo cenário esperavam o Presidente da República de Portugal. Foi, aliás, em Saltinho que se produziu uma cena difícil de esquecer. Apenas Ramalho Eanes acabara de pronunciar duas ou

três palavras de um pequeno improviso e eis que, espontaneamente, quase num murmúrio, brotam de milhares de lábios os sons da «Portuguesa». Pedem, as autoridades locais, silêncio, para Eanes poder prosseguir, mas o Hino Nacional, sempre baixinho, continuou, por alguns segundos mais, a ser entoado.

«E, no entanto, perdi aqui dois soldados meus» — diz-me momentos mais tarde, um jornalista que fez, na qualidade de oficial do Exército, a guerra colonial na Guiné.

Não restam dúvidas: cinco séculos de História comum, uma idiossincrasia semelhante, levaram Portugal a um «obrigatório regresso» a terras africanas. «Regresso» que, por vontade de uns e de outros — dos Estados africanos de expressão portuguesa e de Portugal —, se regista em moldes radicalmente diferentes dos do passado. Sem complexos nem paternalismo, por parte do antigo colonizador, sem «saudosismo» por parte do antigo colonizado.

Um «regresso» prenhe de promessas.

Depois de Maputo, Bissau: cooperação militar luso-guineense concentra as atenções

Abertura de Portugal para participar em qualquer «cimeira» de Estado africanos «onde se fale a Língua portuguesa», bem como em «quaisquer outras reuniões destes Estados em áreas específicas» foi manifestada em Bissau por Ramalho Eanes, durante uma conferência de imprensa. Para justificar uma presença deste tipo, o Presidente português destacou os «cinco séculos de vivência africana», mas fez questão em, paralelamente, rejeitar qualquer ligação com a velha ideia de uma comunidade de Estados de Língua portuguesa ou de uma espécie de comunidade lusitana, nos termos daquela que há alguns anos foi defendida por diversos sectores portugueses. E, entre estes sectores, recorde-se, encontrava-se o próprio general Ramalho Eanes, então a cumprir o seu primeiro mandato como Presidente da República...

Abandonada a tese da «comunidade lusitana» — que constituiu tónica dos discursos presidenciais em 1976, nomeadamente durante a visita então realizada ao Brasil —, Eanes defende agora uma cooperação em bases mais concretas, afirmando-se como interlocutor em questões políticas, designadamente como ponte entre o Norte e o Sul, mas adiantando também a necessidade de reforçar os laços com as suas ex-colónias por via das transacções comerciais e da cooperação científica, cultural e tecnológica.

Cooperação militar: Souto Cruz em destaque

Neste âmbito surge a cooperação no sector militar já esboçada com Moçambique, e que foi fulcro de conversações realizadas com um dos membros da comitiva do presidente português o almirante Souto Cruz, que, para o efeito, se avistou directamente com o presidente João Bernardo Vieira.

Não são conhecidos pormenores destas conversações, nomeadamente no que se refere a resultados alcançados, mas Souto Cruz elucidou os jornalistas sobre um dos aspectos abordados; a questão da fiscalização das águas territoriais da Guiné-Bissau. Segundo disse o antigo Chefe do Estado-Maior da Armada, homem com experiência nas transacções de armamento, Portugal procurará ceder a solicitações da Guiné-Bissau a transferência para aquele país de navios portugueses. Souto Cruz fez questão, no entanto, em sublinhar que, ao abrigo da nova Lei da Defesa Nacional, qualquer decisão deste tipo competirá ao ministro da Defesa português, pelo que as opiniões que emitia eram a título pessoal.

Ainda sobre este assunto, destacou que Bissau ainda não esclarecera se queria navios colocados nas suas águas territoriais navegando sobre bandeira portuguesa ou se pretendia que esses navios fossem cedidos e navegassem com tripulantes guineenses. Este problema, fric-

sou, levanta problemas complexos de direito internacional, designadamente a partir da hipótese de bancos com bandeira de outro país fiscalizarem águas de um outro país soberano.

Tal como já sucedera com Moçambique, também nesta visita Eanes levou no seu avião uma primeira remessa de fardamentos militares feitos em Portugal para as Forças Armadas da Guiné-Bissau, numa encomenda que ronda os quatro milhões e meio de escudos.

O Exército guineense tem, entretanto, manifestado interesse em outras formas de apoio português, designadamente na formação técnica, organização de serviços e administração.

Baião Horta discute cooperação industrial

No plano industrial, o ministro da Indústria, Baião Horta, assinou hoje um protocolo de cooperação com os Ministérios da Energia e da Indústria e dos Recursos Naturais guineenses, ao abrigo do qual Portugal vai cooperar na estruturação administrativa daqueles dois departamentos governamentais, enviar equipas para a Guiné-Bissau e dar apoio a certos sectores específicos, como a metalurgia e a metalomecânica ligeira.

Falando aos jornalistas, Baião Horta diria que Portugal trabalhará com Bissau essencialmente no campo da planificação e não em grandes projectos, pouco consentâneos com o actual nível de desenvolvimento

daquele país.

Quanto às empresas portuguesas que já estão a trabalhar na Guiné-Bissau, o que se pretende é desbloquear dificuldades pendentes, a fim de que ali continuem a trabalhar. Quanto a outras formas de cooperação, Portugal ajudará à existência de pequenas oficinas de manutenção, no desenvolvimento do transporte rodoviário, no funcionamento de fábricas de calçado e de têxteis, «mas tudo em níveis que não sejam ambiciosos» — afirmou o ministro.

As áreas do sector agro-industrial adequadas para a cooperação luso-guineense são a agricultura, as florestas, a metalomecânica (alfaias agrícolas) e as pescas — prosseguiu Baião Horta — segundo o qual o seu Ministério está inclusivamente disposto a servir de gabinete técnico para apoio ao governo de Bissau em contratos destes com empresas de terceiros países.

Portugal também apoiará o Governo de Bissau para que consiga créditos fornecidos por organizações financeiras internacionais e apadrinhar a presença da Guiné, como observadora, na VI Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD VI), que no princípio do Verão de 83 decorre em Belgrado.

Nessa altura, Portugal fará uma primeira ronda de conversações com diversos organismos financeiros, a fim de interceder em nome das necessidades guineenses, informou o ministro, segundo o qual uma pri-

meira missão do seu Ministério irá a Bissau, em Janeiro, a fim de dar seguimento prático ao protocolo agora assinado.

Depois de ter constatado o estado de extrema carência em que se encontram os estaleiros de Bissau, onde uma pequena oficina de bobinagem de motores nem sequer tem fios de cobre, Baião Horta afirmou que não será a Setenave a empresa portuguesa a encarregar-se da recuperação destes estaleiros.

A Setenave — afirmou — está vocacionada para obras de muito maior porte, não faria sentido que viesse agora trabalhar num projecto como este e, por isso, será outra empresa portuguesa da especialidade — de menores dimensões mas ainda não escolhida — quem se encarregará da revitalização dos estaleiros de Bissau.

Encontro com portugueses ontem em Bissau

Voltando a afirmações do Presidente português, há a referência às produzidas durante um encontro com residentes na Guiné-Bissau. Na altura, Eanes reafirmou que hoje em dia não pode haver nenhum português, designadamente em África, que se envergonhe da História Pátria e daquilo que os seus antepassados escreveram.

«Todo o passado nos pertence. Contam os bons e os maus momentos» — sublinhou o Presidente, na linha de anteriores improvisos feitos às comunidades portuguesas da Beira, de Maputo e de Luanda.

«O vosso trabalho reflecte-se

na imagem que o nosso país pode e deve ter em todo o continente africano, uma imagem de capacidade e de honestidade» — afirmou Eanes a centenas de portugueses.

O avião, que levou a Bissau o Presidente Eanes, transportou frigoríficos, arcas frigoríficas e ventoinhas para os cooperantes portugueses que exercem a sua actividade na Guiné-Bissau — informou o secretário de Estado para a Cooperação, Luís Fontoura.

Acrescentou que Portugal acaba de obter agora a concessão guineense para dispor em Bissau de um terreno onde possa muito em breve edificar construções para cooperantes.

Um domingo muito cheio

Eanes, que regressou ontem a Bissau depois de ter passado o sábado em visita à região de Tombali e à ilha de Bubaque, teve um domingo particularmente activo. Logo de manhã depôs um ramo de flores no mausoléu de Amílcar Cabral, fundador do PAIGC. Depois, visitou os estaleiros navais de Bissau e o novo liceu da capital, construído por uma empresa portuguesa. De tarde, enquanto continuavam as conversações oficiais, concedeu uma conferência de imprensa (atrás referida) e em seguida deslocou-se à Embaixada de Portugal e ao Centro Cultural Português. Ao fim do dia recebeu a comunidade portuguesa.

Eanes em entrevista à agência argelina

“Se houvesse alternativa punha-se o problema da dissolução da AR”

Resumo da Presidência “esquece” esta afirmação

«A dissolução do Parlamento exigia que se perfilasse no horizonte político uma alternativa com o mínimo de credibilidade. Se tal fosse o caso, o problema da dissolução poderia pôr-se» — declarou o Presidente da República, Ramalho Eanes, numa entrevista à agência argelina «APS».

Na entrevista, que será hoje publicada em Argel, precisamente quando o general Ramalho Eanes inicia uma visita oficial a este país, afirma que os resultados das autárquicas não deixarão de influir na sua decisão, mas que «tal medida exige uma grande reflexão política, dadas as consequências tanto políticas

como económicas decorrentes».

No entanto, e esta manhã, a Presidência da República, divulgava um resumo dessa entrevista — um longo resumo — sem qualquer alusão a este passo das declarações do general Ramalho Eanes.

A situação internacional mereceu especial destaque nas afirmações do Presidente da República. «A sorte do Mediterrâneo continuará ligada por um tempo indeterminado à das relações Leste-Oeste». «A importância estratégica do Mediterrâneo — disse — não deixará de aumentar no plano militar, devido à evolução do conflito do Médio Oriente e ao jogo entre os

dois Blocos».

O Presidente Eanes revelou o mesmo pessimismo quanto «à redução dos armamentos e ao estabelecimento duma nova ordem económica internacional», salientando ao mesmo tempo «a necessidade de manter a nossa determinação quanto a estes dois objectivos».

«Enquanto as relações entre os Estados permanecerem sob a ameaça dos conflitos militares, declarou, e as relações entre os povos forem marcadas pela intensidade dos conflitos ideológicos, não se pode estabelecer novas modalidades, justas, igualitárias e de efectiva cooperação nas relações económi-

cas».

Evocando a crise do Médio Oriente, Ramalho Eanes declarou que Portugal, embora não podendo desempenhar mais do que um «pequeno papel» no processo de solução do conflito, pronunciou-se pelo «reconhecimento do direito à existência e à segurança de todos os povos da região do Médio Oriente». Salientou que Portugal, que em 1979 recebeu Yasser Arafat, presidente do Comité Executivo da OLP, apoia «o direito dos palestinos a uma pátria através do exercício do direito à autodeterminação, que lhes permitiria pronunciarem-se relativamente ao que pretendem ser e definir

eventualmente o seu futuro como Estado».

A respeito do conflito do Sara Ocidental, quanto ao qual Portugal sempre tentou «respeitar os princípios consagrados pela comunidade internacional e afirmar ao mesmo tempo a sua neutralidade», disse o Presidente Eanes, «consideramos que a autodeterminação deve ter lugar no Sara Ocidental em conformidade com as regras internacionais estabelecidas e respeitadas».

PCP: «não comenta»

«Não comenta», foi a resposta

da SIP do Partido Comunista, ao comentário que o nosso jornal solicitou, a propósito das declarações do Presidente da República.

Até ao fim da manhã, nenhum partido tinha feito qualquer comentário às afirmações feitas pelo general Eanes na entrevista à agência argelina.

No entanto, ao longo deste fim-de-semana, Mário Soares e Álvaro Cunhal, voltaram a exigir, em comícios do Partido Socialista e do Partido Comunista, a dissolução da Assembleia da República e eleições gerais.

Soares e Cunhal querem AD fora do Governo

Alternativas separam partidos da oposição

A demissão deste Governo é o principal objectivo tático para os dois partidos da oposição. Mário Soares e Álvaro Cunhal em declarações proferidas durante o fim-de-semana insistiram repetidamente na necessidade de se substituir Pinto Balsemão, remetendo para o Presidente da República a decisão nesse sentido.

Soares e Cunhal divergiram no entanto, tanto no «timing» da demissão, como nas soluções alternativas.

Cunhal criticou Eanes por ainda não ter afastado o Executivo da AD, o que deveria ter feito na perspectiva do PCP, antes da revisão constitucional e da aprovação da Lei de Defesa Nacional. E defendeu a «urgente» demissão do Governo, seguida da dissolução da Assembleia da República e da constituição de um Governo de gestão e da convocação de eleições gerais num prazo de 90 dias.

Para Mário Soares, o momento azado para derrubar Balsemão coincide com a divulgação dos resultados eleitorais do próximo dia 12 de Dezembro. Diminuindo os votos na AD, como os socialistas esperam, o Presidente da República deverá afastar a Aliança Democrática da área do Poder, procurando depois confirmar essa decisão em eleições gerais antecipadas.

As quais, deixam entender Soares e outros líderes socialistas, irão aumentar a representação parlamentar do Partido Socialista, que por isso se perfila no horizonte como alternativa de Governo. Com que apoios contará, para além dos seus próprios votos, é questão que Soares não esclareceu. Mas criticou vivamente os comunistas, que não podem assegurar «a melhoria do nível de vida e o crescimento da liberdade às populações». E admitiu também a provável verificação de um evento que contribuiria para fortalecer o PS — a desagregação da Aliança Democrática. «A falência da AD é a falência do projecto conservador para a governação de Portugal», disse, depois de ter sustentado a tese de uma próxima desintegração da AD em consequência das divergências entre PSD e CDS. Este facto e o «desgoverno» da maioria, seriam elementos suficientes para consolidar a posição eleitoral dos socialistas.

Nisto de alternativas, Cunhal não foi mais claro. Mas disse nomeadamente: «Como pode um socialista acreditar que, uma vez corrida a AD, o PS iria contri-

buir para formar uma alternativa democrática, depois de todas as provas dadas pela sua direcção?».

Na cena política, conhecidas

as críticas à AD e ao PS, a este principalmente devido às posições adoptadas durante a revisão constitucional e na discussão das leis complementares, o PCP apenas considera positivo que o Presidente da República tenha afirmado no seu discurso na RTP, que continua a ter poderes para demitir o Governo. Trata-se agora, segundo Cunhal, de os exercer: «Teria sido

extraordinariamente mais simples ao Presidente da República demitir o Governo antes da revisão constitucional mas, mesmo assim, continua a ter poderes para o fazer e não vemos mesmo outra maneira de pôr este Governo na rua».

Em resumo, o PS e PCP estão de acordo quanto à necessidade de demitir o Governo. Mas enquanto os socialistas pensam

que Ramalho Eanes deverá adoptar essa decisão na sequência de um eventual descalabro eleitoral da AD, os comunistas julgam que é a situação política que impõe o afastamento da Aliança Democrática, nomeadamente para impedir que o Governo exerça os seus poderes militares.

Mas a divergência mais significativa é no «depois». Os socia-

listas dizem «não» ao PCP e, embora não fechem a porta ao PSD, também não clarificam se aceitarão a aliança.

Os comunistas são frontalmente opostos à AD e opõem-se também a este Partido Socialista.

As alternativas, Eanes que as descubra!

JMV



FORD CARGO

PARA COMBATER OS AUMENTOS DE CUSTO!

No vasto mundo dos transportes, o combate aos aumentos de custo é um objectivo prioritário.

A Ford contribui eficazmente para este objectivo com os camiões Ford Cargo equipados com os novos motores Ford 90-150!

Colhendo os benefícios da longa experiência Ford, os motores dos camiões Ford Cargo associam tecnologia avançada a características inovadoras de invulgar concepção. Os resultados são surpreendentes!

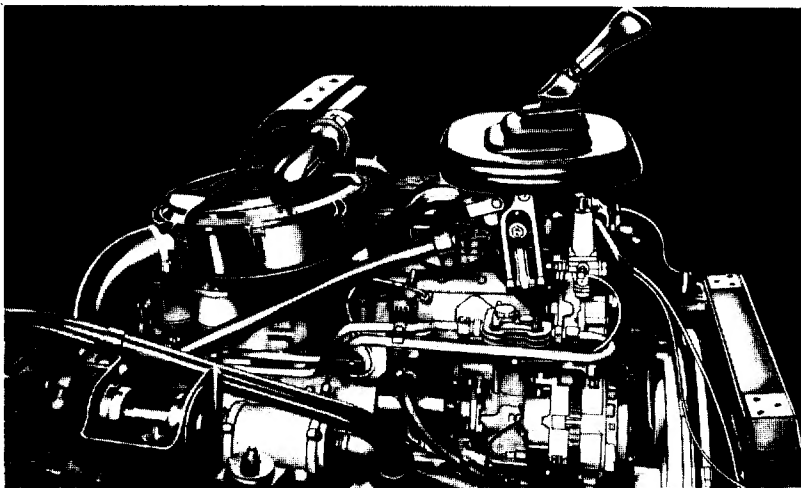
42% MAIS RESISTENTES

Os componentes dos motores foram concebidos tendo em vista máxima lubrificação para mínimo desgaste. Resultado: a resistência é aumentada em 42%!

Isto significa alta produtividade.

10% MAIS POTENTES

Também na potência se alcançaram melhores resultados — um aumento de 10%! O que proporciona maior poder de aceleração e viagens mais curtas.



4% MAIS ECONÓMICOS EM COMBUSTÍVEL

A economia de combustível tem sido sempre uma das grandes vantagens dos camiões Ford.

Mas, até no consumo de combustível os resultados registam um avanço — uma economia de 4%!

52% MAIS DURÁVEIS

Tudo foi exaustivamente testado. Em mais de 100.000 horas no banco de ensaio e na estrada.

De novo, os resultados ultrapassam as expectativas — 52% de acréscimo na duração dos novos motores!

24% MAIS ECONÓMICOS EM MANUTENÇÃO

O preço dum camião novo é apenas uma fracção do que custa mantê-lo durante toda a sua vida.

Por isso, os custos de manutenção têm uma importância decisiva.

Os motores Ford 90-150 reduzem esses custos em 24%! Mais um resultado significativo.

FORD DÁ-LHE MAIS

Mas há mais, muito mais! Conheça tudo sobre o excepcional valor de investimento e eficiência que os Ford Cargo lhe garantem. Contacte já o seu Concessionário Ford!

FORD CARGO

O CAMIÃO DO ANO 1982

Octávio Teixeira ‘Estagnação é total’

«Com esta interpelação, pretendemos atingir quatro objectivos» — afirmou ao «DL», o deputado comunista Octávio Teixeira (PCP), que esta tarde fez o discurso de abertura da interpelação económica ao Governo. «Dois deles já foram atingidos» — prosseguiu Octávio Teixeira — «Por um lado, obrigámos o Governo a fazer a entrega do Orçamento e do Plano e, por outro, levámos o Governo a discutir a situação económica antes das eleições autárquicas». Quanto aos outros dois objectivos — adianta Octávio Teixeira — ficam para o debate: denunciar a responsabilidade do Governo AD na grave situação económica a que chegámos e apresentar uma alternativa que aponte para o desenvolvimento económico e não para a recessão preconizada pelo Executivo. A estagnação económica é total — sublinha o economista e deputado do Partido Comunista. «Os números apontados no Plano são muito mais preocupantes do que nós julgávamos. O Governo, na sua proposta para 1983, indica um aumento da produção industrial de zero e um investimento global de zero. Isto levará anos a recuperar» — diz-nos ainda Octávio Teixeira. Para além de Octávio Teixeira, a sessão de esta tarde, por parte do partido interpelante, terá intervenções de Joaquim Miranda (questões sectoriais), Silva Graça (as verbas — o «roubo», como ele classificou — das finanças locais) e Ilda de Figueiredo (consequências sociais das medidas económicas do Governo).

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

A BARCA SEM OS CORVOS

Química, pedra e eleições

A PROXIMAM-SE eleições e os cartazes já começam a ser impressos para, em crostas, cobrir as paredes. As latas de tinta já começam a abrir-se para o frenesim das inscrições.

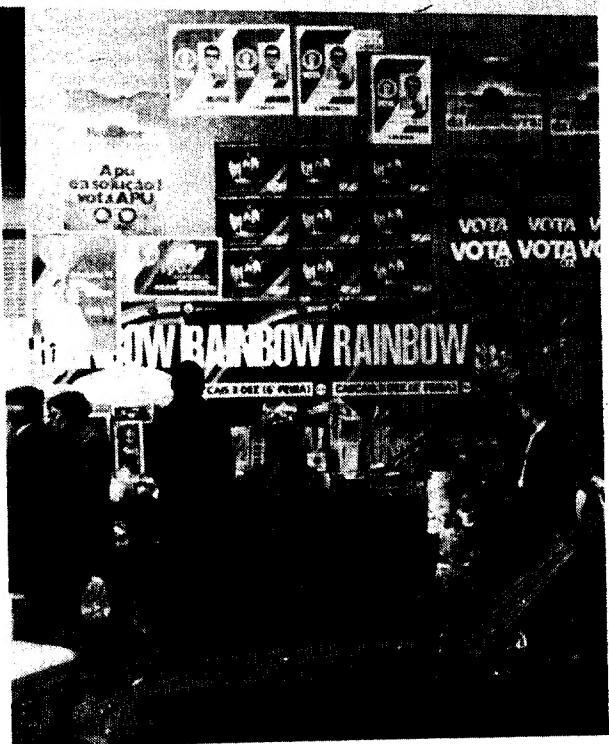
Há quem se escandalize (excessivamente) com a floração de dísticos e inscrições nas paredes — é certo que por vezes roçam o obscuro ou estão em plena grosseria; é certo que são desrespeitosas de valores ambientais e que a animação que introduzem na paisagem urbana é, por vezes, apenas desordem e selvajaria.

Mas é um inegável direito e uma demonstração de vitalidade — deseja-se apenas que progressivamente se venha a subordinar a uma indispensável moderação e civismo.

E para já: **que não se escreva sobre a cantaria!**

Digo cantaria, isto é, pedra maciça, cortada em blocos como a dos cunhais, pilastas e envasamentos das casas antigas de Lisboa. A pedra moderna de forro, serrada, não tem a mesma nobreza, é outra coisa...

Sabereis então que a pedra calcária, tirada da sua jazida na pedreira ainda impregnada de humidade subterrânea, uma vez posta em obra leva anos a perder a sua água interior que vem aflorar à superfície trazendo dissolvido o óxido de cálcio — em contacto com o anidrido carbónico atmosférico forma uma camada dura, transparente e cristalina de carbono de cálcio. É essa crosta que, aqui e além atacada pelas intempéries dá toda a rugosidade e patine das pedras velhas, que se tornam comoventes e expressivas como as rugas da pele humana. (Ao contrário do que pensa a maioria das pessoas quando cai a chuva e dizem «Que bom! lava os monumentos e as casas; faz-lhes muito bem!» — essa é a pior altura: os sulfuretos provenientes da borracha dos pneus e da oxidação dos combustíveis, depositados como finíssimo pó seco sobre as fachadas e as estátuas, dissolvem-se na água que escorre e é então que se formam ácidos nascentes que corroem o mármore e o bronze...)



Portanto, quando se raspa uma cantaria para lhe arrancar inscrições pintadas a óleo ou a «spray» celulósico, que se infiltram pela porosidade da pedra, o que se faz é retirar-lhe a camada natural de carbono de cálcio duro e resistente que a protege. O leigo fica contente porque vê a pedra de novo, branquinha e limpa. O homem que conhece a pedra fica pesado: sabe que lhe foi arrancada a pele natural e invisível; sabe que agora os fumos ácidos, os sulfuretos e hidrocarbonetos atmosféricos têm o caminho livre para a corrosão.

Já a pedra serrada em placas de dois centímetros que reveste alguns prédios modernos não tem este carácter: foi serrada e posta a secar na pedreira, foi depois aplainada de novo e colada — é apenas um revestimento e nunca virá a ter vida como a pedra de cantaria.

De qualquer modo, é preciso apelar para os militantes dos partidos:

Se têm mesmo que escrever coisas nas paredes, façam-no com tintas de água e só nos rebocos!

Os rebocos substituem-se. As tintas de água acabam por ser levadas pela intempérie e deixam até, às vezes, uma agradável patine.

Mas as cantarias, por favor — não as matem!

J. V. Martins Barata

APU quer a nona Câmara da cintura

De um quinto andar recentemente construído distingue-se, lá ao longe, uma porção de verde. A delimita a linha do caminho de ferro, a estrada Queluz/Massamá e um pequeno curso que já foi de água... Para lá deste, mais verde e, depois, o betão que, desde as encostas do Senhor da Serra, já quase em Belas, tende a fechar as suas tenazes em torno da velha vila de Queluz, passando pelo Monte Abraão e por Massamá, que se vai colando a Tercena. O **eleitor** que nos mostra os resultados da fúria avassaladora com que a cidade tragou indiscriminadamente os cabeços dos jogos da sua infância, e se apresta a riscar do mapa os últimos campos cultivados que separam Queluz de Massamá, interroga-se: «quem é que é capaz de travar esta onda de destruição?» A «onda destruidora» é a urbanização desregrada, a especulação, a corrupção, o «deixa-andar» que transforma aprazíveis aldeias em sítios inviáveis. A pergunta do nosso interlocutor tem uma tradução concreta no princípio de Dezembro de 1982: «Em quem é que vou votar para a Câmara de Sintra?»

O crescimento populacional e urbano, desmesurado e anárquico, com as dificuldades de habitação, transportes, saneamento básico, abastecimentos, educação, saúde, equipamentos colectivos, etc. que lhe estão inerentes, domina a problemática do concelho de Sintra que, entre 1970 e 1981, registou um acréscimo de 79 por cento na sua população (225 mil habitantes no último censo).

Situação em si pouco original, já que é comum à maior parte dos 11 concelhos que constituem a área metropolitana de Lisboa, ela tem todavia a particularidade de estar subjacente à escolha dos eleitores de um município que, pela sua fisionomia política, assume um significado especial no contexto das eleições autárquicas do próximo dia 12.

Em primeiro lugar trata-se, juntamente com Oeiras e Cascais (todos geridos por presidentes CDS), de um dos únicos três concelhos em que a Aliança Povo Unido não é maioritária (apesar de ser a segunda força eleitoral, a seguir à AD) em toda a cintura de Lisboa. Por isso mesmo, e dada a reconhecida estabilidade do eleitorado daquela coligação, aliada (e interligada) à qualidade da gestão dos municípios da área da capital, em que obteve a maioria em 1979 — Almada, Seixal, Barreiro, Montijo, Moita, Vila Franca de Xira, Loures e Amadora — trata-se de um dos poucos concelhos desta região em que são possíveis significativas alterações no sentido do voto dos eleitores. Actualmente, em Sintra, a Câmara tem 5 vereadores da AD, 3 da APU e 3 do PS.

Em segundo lugar, pelas razões atrás referidas, mas também devido à forma desastrosa como a AD administrou a Câmara no último triénio, o concelho de Sintra constitui tal como o de Cascais o grande alvo eleitoral da APU na cintura de Lisboa.

Em terceiro lugar, a Câmara de Sintra representa também por tudo o que fica dito e porque em 1976 teve uma maioria PS, um importante objectivo para a AD e para o Partido Socialista. Os candidatos à presidência por ambas as listas não escondem aliás a sua «certeza» de que já têm o lugar na mão.

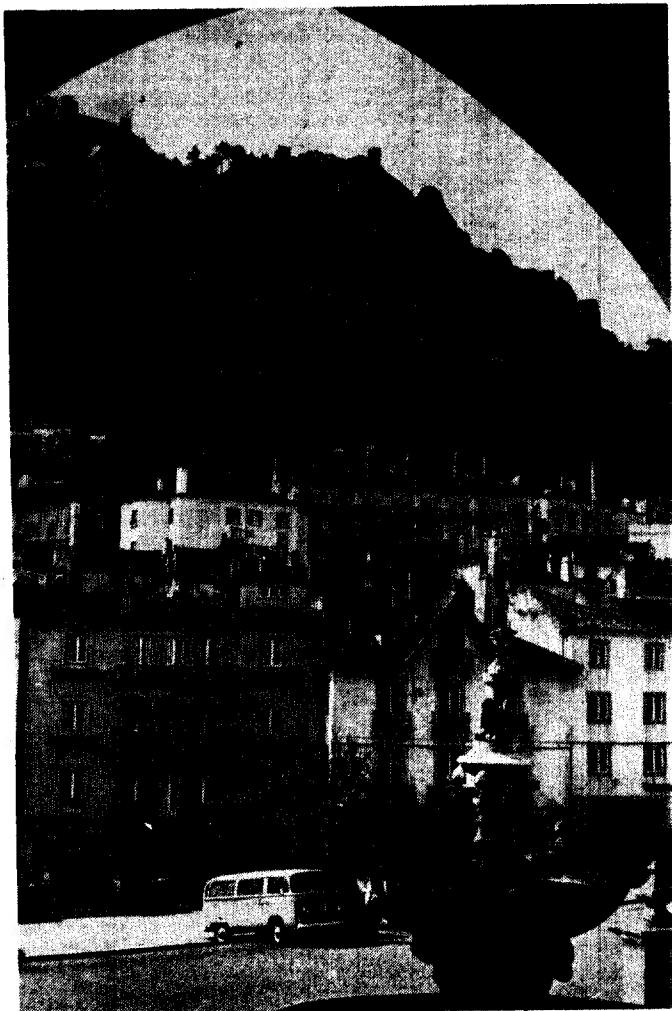
Cinco mil votos para a APU

Faça a esta situação, e no que respeita à APU, a conquista da Câmara de Sintra aparece portanto como um importante passo para o controlo total da área metropolitana de Lisboa e, a concretizar-se, representaria sem dúvida uma significativa vitória da coligação PCP/MDP.

Daí que não seja de estranhar o empenho e o entusiasmo com que os seus candidatos e apoiantes se lançaram na luta pelos cerca de 5 mil votos que lhes proporcionarão a maioria relativa e a presidência da Câmara (em 1979 a APU obteve uns 32 mil votos e a AD cerca de 42 mil).

A seu favor, a APU tem o único cabeça de lista que é natural e residente no concelho, e, sobretudo, o único que o conhece palmo a palmo, e tem dos seus problemas o conhecimento directo que lhe advém do facto de ter presidido à Comissão Administrativa que dirigiu a Câmara depois do 25 de Abril e de ter

Sintra: batalha



feito parte das duas vereações eleitas em 1976 e 1979.

Chama-se Lino Paulo, tem 34 anos, é sociólogo e trabalha como consultor da Câmara do Seixal para problemas de habitação. Está igualmente ligado a diversos estudos de urbanização e de recuperação de bairros clandestinos. Na sua equipa, e ao contrário do que acontece com as listas da AD e do PS, que não incluem qualquer candidato que já tenha sido eleito para a Câmara de Sintra, encontra-se em segundo lugar um elemento que também pertence à vereação cessante. Na terceira posição aparece um membro da actual Junta de Freguesia de Algueirão, na quarta e na quinta, membros da Assembleia Municipal e, na sexta, o presidente da Junta de Freguesia do Cacém.

Como trunfo adicional, a APU joga também com os efeitos sobre o eleitorado das gestões PS (76-79) e AD (79-82) que, nas palavras de Lino Paulo, «foram de tal modo caóticas, incompetentes e favoráveis ao compadrio e à corrupção que

motivaram um grande descontentamento».

Desafio para a AD

Para a Aliança Democrática, a repetição da vitória em Sintra, depois de três anos de uma gestão que nem os actuais candidatos AD se mostram interessados em defender, só poderia ser entendida como uma demonstração de fidelidade do eleitorado. Isto porque, por um lado, a maioria do executivo cessante não deixa saudades, e, por outro, porque não há quaisquer figuras carismáticas, ou de especial prestígio no concelho, entre os candidatos da AD.

Além disso, a coligação chegou ao fim do actual mandato profundamente dividida e só a custo conseguiu ultrapassar as dificuldades que se lhe depararam para a constituição da sua lista de candidatos. As demissões e as substituições de vereadores ao longo do triénio foram de tal modo frequentes, que todos os 11 candidatos ocuparam, em algum momento, um dos cinco lugares ganhos em



Lino Paulo: «APU aponta pela primeira vez para a Câmara»



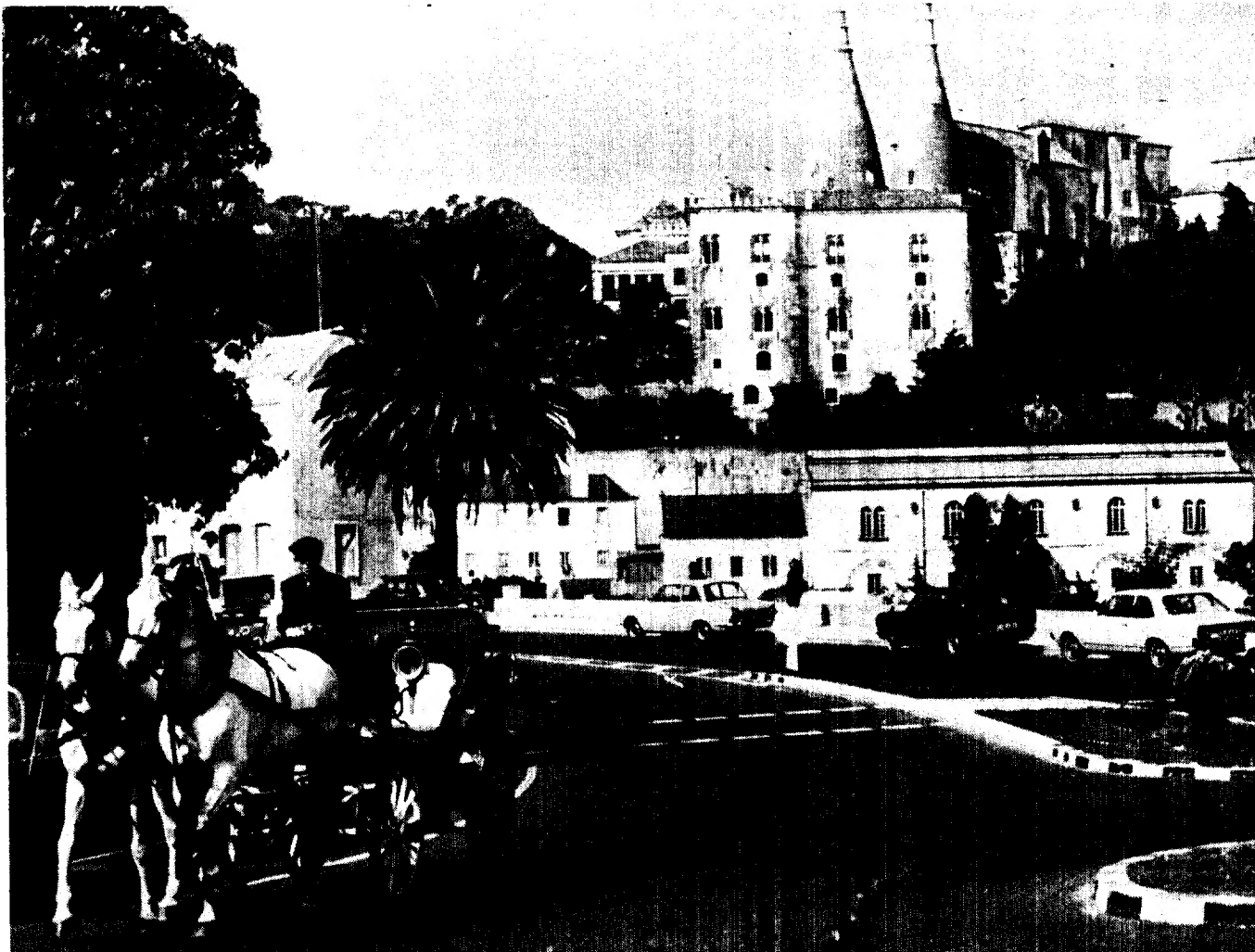
Raul Curcialeiro: «O PS vai reconquistar a Câmara»



Tavares de Carvalho: «Serei presidente sem sombra de dúvidas»

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

cerrada entre os três «grandes»



Sintra: todos se dizem preocupados com a preservação do seu património

1976. Por outro lado, entre os cinco ainda em funções, não se encontra nenhum elemento do PSD.

Talvez como contrapartida ao desgaste provocado pelo CDS na imagem da AD durante todo este tempo, o PSD conseguiu desta feita colocar um dos seus no primeiro lugar da lista. Mas não foi fácil: ao que se diz na região, José Henriques Lopes, o actual presidente, fez tudo o que pôde para impor a sucessão do seu filho.

No interior do próprio PSD as coisas também não foram simples para chegar a acordo sobre o nome do cabeça de lista. A secção do partido no Algueirão pretendia avançar com outro nome e ofereceu alguma resistência à escolha de Fernando Tavares de Carvalho que acabou, todavia, por aparecer no topo da lista.

A selecção dos restantes candidatos foi igualmente laboriosa e o próprio Tavares de Carvalho declarou ao «DL» que não confirma nem desmente ter o PSD exigido a não inclusão na lista de qualquer dos membros da lista AD de 1979. O que é facto é que nenhum dos antigos vereadores (e todos os membros daquela lista o foram nos três

anos precedentes) se encontra entre os novos candidatos.

Tudo indica portanto que houve da parte da AD um significativo esforço de discreta demarcação em relação à gestão do executivo cessante. Por alguma razão a imagem que os seus estrategas pretendiam privilegiar e que se consubstancia nas «razões para votar AD» definidas na sua propaganda eleitoral, foi a do «presidente competente», da «equipa coesa» e dotada de um «programa», da «estabilidade» e do combate à «corrupção».

De qualquer forma, Tavares de Carvalho, 43 anos, administrador de empresas, está mais do que optimista e afirma-se desde já vencedor «sem quaisquer sombras de dúvidas». Segundo nos disse, não se sente nada preocupado com as críticas ao actual executivo, mas reconheceu que não está «suficientemente por dentro dos assuntos da Câmara para avaliar com exactidão o que foi a sua gestão. Acrescentou, porém, que «o trabalho não foi negativo» e, à laia de justificação pela pobreza do «elogio» aos seus correligionários, que «o concelho é enorme e que o trabalho de um executivo muito dificilmente se pode ver ao

fim de três anos».

O facto do Partido Socialista, que em 1979 perdeu a Câmara e mais de sete mil votos, concorrer com uma lista que também não inclui nenhum dos seus antigos vereadores (nem de 79 nem de 76), nem nenhuma figura de primeira grandeza, constitui, segundo fontes do PSD, uma das explicações do optimismo da AD.

Quanto à lista dirigida por Tavares de Carvalho, o seu principal trunfo parece serem os engenheiros. Trata-se da tal imagem de competência que se pretende criar e que passa pela presença de 5 engenheiros entre os 11 candidatos. Tavares da Silva que para a oposição tem o grave «handicap» de nem ter nascido, nem viver no concelho, além de desconhecer totalmente os «dossiers» da Câmara, joga fundamentalmente na sua experiência de gestor e de autarca. Embora reconhecendo que não está ao corrente de muitos dos problemas do concelho, e que não nasceu nem reside habitualmente nele, entende que a sua permanência, como vereador, à frente dos Serviços Municipalizados de Cascais, durante os três últimos anos, compensa largamente aqueles pontos fra-

cos da sua candidatura.

O facto de ter frequentemente ocupado as funções de substituto do presidente daquela edilidade, assim como o facto de possuir há muito tempo uma residência de Verão em Sintra e de ali passar alguns meses por ano, contribuem igualmente para colmatar essas brechas.

PS: a reconquista

No que respeita ao Partido Socialista o objectivo confesso também reside na conquista da Câmara, que lhe pertenceu de 76 a 79. Apesar de actualmente ser a terceira força política do concelho a quase 17 mil votos da AD (25 mil contra 42 mil em 1979), o número um da sua lista, Raul Curcialeiro, 44 anos, engenheiro no Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial, também não hesita em afirmar que será o próximo presidente da Câmara de Sintra.

Candidato não eleito na lista para a Câmara em 1979, Curcialeiro apareceu a encabeçar, com surpresa para alguns, uma lista da qual também não consta nenhum antigo vereador.

Tal como a APU, o PS conta em larga medida com os reflexos no eleitorado de uma gestão AD que, para os seus candidatos,

representa simplesmente «três anos para esquecer». Na sua lista, além de Raul Curcialeiro, um homem da região de Coimbra mas que reside há 13 anos em Queluz, encontram-se alguns membros dos actuais órgãos autárquicos «menores» que contrabalançam com o seu pormenorizado conhecimento dos problemas do concelho, as falhas evidenciadas nessa matéria pelo candidato a presidente.

O trunfo número um dos socialistas parece ser a proposta apresentada pelo PS, a nível da área metropolitana de Lisboa, de criação de uma associação de municípios para a resolução dos problemas da habitação, do urbanismo, dos transportes, do tratamento do lixo e dos esgotos etc., que são problemas de solução praticamente impossível em termos de municípios isolados.

As propostas

As três principais formações políticas do concelho coincidem praticamente, nos seus programas, na identificação dos principais problemas.

Trata-se fundamentalmente das áreas em que a incompetência e a inoperância da gestão cessante mais se salientaram: planeamento urbanístico, preservação do património, organização dos serviços municipais, habitação, construção clandestina, luta contra a corrupção, saneamento básico, transportes, etc.

O que frequentemente divide os candidatos são as soluções propostas e as prioridades atribuídas à resolução desses problemas.

Mas nem sempre é fácil detectar as diferenças entre essas propostas, uma vez que os pro-

gramas da AD e do PS são de tal modo vagos, que se torna difícil comparar soluções.

No dizer dos «números um» dessas listas, trata-se de programas de acção que contêm as linhas mestras, as grandes orientações da sua actuação futura, mas que não vão ao ponto de calendarizar e pormenorizar realizações. Nas perspectivas desses candidatos, só «com muita demagogia» é que é possível fazer isso.

De facto, só o programa da APU (que se divide em seis subprogramas destinados a cada uma das grandes zonas do concelho) é que pormenoriza as propostas dos seus candidatos, apresentando-se com uma lista de promessas bem concretas, que vão desde iniciativas quase insignificantes às propostas globais de ordenamento territorial do concelho.

Trata-se, fundamentalmente, de planejar a expansão do concelho com vista à criação de pólos de desenvolvimento industrial, e sobretudo, dos serviços que impeçam que os seus 328 km quadrados se transformem num imenso dormitório. A zona privilegiada pela APU para a criação desses pólos situa-se entre a Portela de Sintra e Mem-Martins, zona que, no dizer de Lino Paulo, estabelece uma ligação de grande importância entre o Oeste e o litoral.

A recente proposta do PCP no sentido da elevação de Sintra à condição de cidade integra-se nesta óptica de desenvolvimento, que é recusada unanimemente pelo PS e pela AD. Sintra cidade não será mais Sintra, afirmam, acrescentando que esta iniciativa do PCP, assim como uma outra relativa à criação de um Concelho na região das freguesias de Queluz, Agualva-Cacém, Belas e Montelavar, correspondem exclusivamente a intuítos eleitoralistas.

José António Cerejo

Activistas da UDP de Cascais apelam ao voto na APU

«Em Cascais, só votando na APU será possível derrotar a AD» — afirmou um grupo de activistas e simpatizantes da UDP deste concelho, em conferência de imprensa, esta manhã.

«Apesar de existirem listas da UDP em Cascais elas não representam a vontade dos militantes e dirigentes mais destacados do concelho» — especificam os subscritores do manifesto de 17 de Novembro agora reiterado em reunião com os órgãos de Informação.

«As declarações de Carlos Rosa (CDS), Helena Roseta (PSD) ou Igrejas Caeiro (PS) são perfeitamente iguais: ou ganhamos nós ou ganha a APU» — adiantou-nos o grupo de activistas e simpatizantes da UDP em Cascais, afirmando depois:

«Todos reconhecem que é a APU a força política que está, em Cascais, melhor colocada para derrotar a AD. Só o conselho nacional da UDP é que não o reconhece, e teimando em apresentar-se às urnas está a fazer um «rico favor» à AD.

Os signatários do Manifesto de 17 de Novembro dizem não ir por esse caminho, explicando que mantêm as suas posições políticas diferentes da APU, mas neste caso, «posições sectárias em torno das divergências só serviriam a AD».

Por todas as razões apontadas, o grupo de activistas e simpatizantes da UDP de Cascais apela a todos os tradicionais votantes da UDP em Cascais para votarem na APU, como única forma de derrotar a AD».

MAIS DE MIL CONTOS DE PRÉMIOS

COM OS CAMIÕES RENAULT de 6 de Outubro a 31 de Dezembro

Os camiões RENAULT oferecem-lhe:

Rentabilidade, Economia, Segurança e Assistência... e ainda mais 10 valiosos prémios!

Compre um camião RENAULT entre 06 de Outubro e 31 de Dezembro e fica automaticamente habilitado a

- Um RENAULT 5
- Uma viagem ao Brasil
- Um conjunto Hi-Fi PHILIPS
- 7 (Sete) magníficos televisores a cores PHILIPS

Contacte o Concessionário mais próximo.



RENAULT
Veículos Comerciais

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

Abílio Curto sobe ou desce?

Guarda: a guerra da AD e outras coisas

GUARDA, 6 (d enviado especial Luís Humberto Marcos) — «Veja isto, é impressionante, os jovens só querem Abílio Curto... os colantes já estão todos esgotados». Estamos no final da entrevista, o presidente da câmara olha da janela dos velhos Paços do Concelho para o largo fronteiro. Lá estão jovens à volta do carro de campanha revestido de cartazes com a fotografia de Abílio Curto.

Dias antes, num comício, ele mesmo apelou ao voto assim: «Votar Abílio Curto, é votar PS, é votar liberdade, é votar socialismo democrático, é votar Mário Soares». Por todo o lado, as paredes estão peçadas de cartazes com a sua figura. Em iaqueiros também. Abílio Curto faz uma campanha à americana, aposta forte na propaganda, e do meio da tarde até madrugada não pára um segundo. De aldeia em aldeia, de lugarejo em lugarejo: votem em mim. «Posso ser demagogo, mentiroso é que não sou» — diz-me em pleno gabinete da câmara, entre o saltar da sua secretária que entra, sai, volta-se, manda apartes, distrai...

Abílio Curto, 40 anos, bancário, é um homem dinâmico e tem sido apresentado como «o autarca exemplar do PS». No seu gabinete dá mostras de eficiência, folheia, assina, dá ordens, enquanto responde ao jornalista. «Se se verificar o mesmo que está a acontecer nas sessões da AD, com quase ninguém, penso que estou a trabalhar não para o quinto, mas para o sexto vereador» — desbobina Abílio Curto, gesto farto, ar convencido.

Não teme uma quebra de votos?

«Isso nem me passa pela cabeça, o que eu temo é que não meta o sexto». Assim mesmo: ganhar pelo menos um vereador à AD (tem três neste momento) considera que já está no papo.

Do mesmo optimismo não comungam, no entanto, muitas pessoas. Há factos que levam a admitir que Abílio Curto poderá fazer uma surpresa. Por um lado, a APU nunca se mostrou tão agressiva como agora contra ele, por outro, os ataques que desferiu para as cúpulas do PDS não lhe favorecem a recolha de

votos que tem recebido daquela área. De amanhã a oito dias saber-se-á.

Candidato AD recorda obras...

O candidato da AD, Vítor Pereira é um homem calmo, ponderado, que não se arrepende de ter sido presidente entre 1973 e 1974. Diz que nunca fez a apologia do regime fascista e mostra até discursos que então proferiu em que convidava à acção «dentro dum vasto pluralismo de ideias políticas». Afirma que vai ganhar, mas não patenteia qualquer convicção. De resto, a sua candidatura, apresentada pelo CDS, como independente, foi aceite pelo PSD com muitas reservas. Do PPM não se sabe nada porque não há um único elemento das listas.

«A nossa campanha, afirma Vítor Pereira, assenta nisto: a Guarda é AD, não faz sentido que a câmara não represente a ideologia do concelho». Nas eleições legislativas de 80, a AD obteve 13 215 votos, o PS 9066 e a APU, 1247. A par deste argumento, o candidato tem feito a sua serena campanha recordando aos munícipes que foi o iniciador das grandes obras que Abílio Curto coloca no seu palmarés. «Quatro avenidas começaram a ser rasgadas por mim; o projecto do mercado é meu; a electrificação das aldeias era um plano para cinco anos, que já estava entregue na EDP em 1974 e que seria feito por qual-quer um dos que fossem para a câmara». Como exemplo, Vítor Pereira recorda que em 1973/4 a Guarda foi o concelho do País com mais aldeias electrificadas: dezoito. E acrescenta: «Só que o orçamento da câmara era então de 9800 contos e hoje, só para o próximo ano, a câmara tem 416 mil contos, tendo disposto nestes últimos três anos, de um milhão de contos». Com este dinheiro, acusa o candidato da AD, «era possível fazer muito mais do que foi feito». Por isso, comenta, Vítor Pereira, economista, que a gestão camarária tem sido francamente má, que há 150 mil contos de dívidas, das quais a câmara paga 30 mil contos de



Os Renault locais e a cidade em fundo

juros por ano, e que nada de importante foi feito para permitir a fixação das pessoas no concelho. Segundo aquele candidato, a Guarda perdeu entre 81 e 82, 794 eleitores, 541 dos quais na própria cidade. Adianta que é «incrível o que se passa na câmara a nível de admissão de pessoal, de compra de viaturas e de execução de projectos». Mais: ao contrário do que tem acontecido, o concelho precisa de «uma gestão que seja um rasgar de linhas que o prepare para o futuro». A falta de um plano director é considerada uma lacuna grave.

APU: fogo cerrado

Tal como a AD não acredita na conquista da presidência, também a APU crê pouco na obtenção da sua meta: eleger um vereador. António Vieira, cabeça de lista à AM e número 2 para a Câmara diz-nos: «Se situarmos as coisas em termos meramente aritméticos, está bastante distante, mas o que aconteceu nos últimos três anos altera a situação de 79 onde foi clara a bipolarização entre Curto e o Fraco candidato da AD.»

A APU tem feito uma campanha arrasadora: «a Câmara PS/Curto/AD não serve o Poder Local democrático. Ao fim de seis anos de maioria PS», afirma a APU num comunicado, «os traços fundamentais que caracterizam a administração e gestão da autarquia em nada foram diferentes da actuação da AD». Estamos, sustenta a APU, «perante uma gestão desastrosa, irresponsável e oportunista». Esta coligação considera mesmo que a gestão é marcada pelo «dirigismo, pela falta de colegialidade e ausência de funcionamento dos órgãos de Poder Local». Para justificar, o documento aponta factos. O primeiro é o afastamento, há um ano, de dois vereadores socialistas, Cameira Serra e Reto Ferreira, que desenvolveram um bom trabalho autárquico. Várias pessoas por nós contactadas consideraram que este foi um grande erro de Abílio Curto e que trouxe prejuízos para o concelho.

Outros factos enumerados pela APU: «A forma como foram atribuídos os andares das habitações sociais e as negociações que se lhes sucederam»; «uso e abuso indevido de meios técnicos e humanos do município,

para fins completamente estranhos aos interesses do concelho e das populações». Algumas dúvidas são postas sob a forma de perguntas: «O que se passa com o Hotel Tursimo, propriedade maioritária da Câmara? Onde está a informação e prestação de contas aos munícipes?»; «Que é feito do pedido de inquérito às actividades da Câmara apresentado pelo executivo, em Fevereiro de 81?»

«Calúnias»

Em resposta a tudo isto, o PS emitiu um comunicado em que diz que se trata de uma «autêntica cruzada desestabilizadora» e que não responde «a provocações».

Por tudo isto, a APU tem sido apodada de inimigo número um por Abílio Curto. Posto por nós perante algumas das acusações do candidato da AD e da APU, o edil socialista mostra-se incomodado, diz que são calúnias — «Querem a fita dos comunicados e eu não vou nisso» — e com gestos largos enumera electrificações de aldeias (126) «se os projectos eram antigos quem foi que os acionou?»; interroga-se Abílio Curto, alcatroamento de ruas e «avenidas», construção de fogos (226) através do FFH, rede de saneamento e águas na periferia da cidade, urbanização do Pinheiro, mercado começado em 79, etc. De resto, sobre alguns projectos fora da sua alçada, esquecidos ou mesmo eliminados, Abílio Curto culpa o Governo AD. «Tem asfixiado a cidade». Recorda o projecto Renault, a deslocação do aeródromo para Mogadouro e sublinha que a Guarda perdeu «mais de doze mil contos pela negligência com que o Governo tratou a questão do parque industrial que era para ser implantado ao abrigo de acordos com a CEE».

Ruas e escolas Abílio Curto

Muito falado e comparável ao que acontecia em algumas Câmaras do anticamente — Murça era uma delas — o processo das placas de ruas, largos, fontanários, escolas com o nome de Abílio Curto. Há mais de uma dezena de casos. Um dirigente social-democrata sublinha que «em tempos foi proposto o nome de Sá Carneiro para uma rua e o

presidente reprovou, mas depois começaram a aparecer as placas Abílio Curto».

«O caciquismo que existe na Guarda é dele» — afirma Vítor Pereira, candidato AD.

Coloco a questão directamente ao presidente da Câmara: «Então anda a inaugurar ruas e escolas com o seu nome?». Que mal há? — exclama a secretária, sempre atenta. Abílio Curto engole a saliva e diz: «Eu não inauguro, normalmente ponho a pessoa mais velha da aldeia a cortar a fita.» E explica, em tom de quem quer convencer: «É preciso conhecer as gentes das aldeias. Dou-lhe um exemplo: se não se bebe um copo com elas, se não se come uma chouriçada, elas pensam que temos nojo ou então que estamos a armar em senhor e não querem nada. Quando o povo se junta e diz vamos dar o nome de Abílio Curto... Se eu lhes disser que não, elas fazem na mesma.» «Pois é» — atalha a secretária. «Não posso evitar, não tenho culpa» — acrescenta Abílio Curto com ar sério. Aponta também ruas da cidade a que têm sido dados nomes de figuras da terra já falecidas e às tantas, cai nesta: «A APU que nomes é que queria que eu pusesse, Estaline, Brejnev, Andropov...?»

Grandes incógnitas; Meda e Figueira

As Câmaras de Meda e de Figueira de Castelo Rodrigo devem ser, neste momento, as grandes incógnitas do distrito da Guarda. Tanto o PS como o PSD podem ganhar. E isto porque? Quer num lado, quer no outro, o peso do candidato pode superar a força partidária. Quer na Meda, quer na Figueira, o PS concorre com candidatos que «tirou» à AD, sendo ambos os actuais presidentes: Luís Figueiredo Lopes, na primeira, Mário Salvado, na segunda, Luís Lopes era do CDS, em 1979, e chegou a fazer um acordo com o PSD para se candidatar por este partido, oito dias antes de aceitar apresentar-se pelo PS.

Com estes homens, o PS aposta forte na conquista daquelas câmaras, parecendo ser mais fácil, na Meda que na Figueira. Nesta, aliás, o PSD garante que vai ganhar, «não tenho dúvidas nenhuma», diz-nos Marília Raimundo, dirigente social-democrata.

O PS também aposta em Foz Côa, mas a vitória parece mais próxima do PSD que apresenta à cabeça Celestino Carneiro, irmão de Soares Carneiro, a não ser que os socialistas desfrutem bastante da repartição de votos entre PSD e CDS.

Por sua vez, o PSD aposta forte em Gouveia, com o presidente do 24 de Abril, José Pires das Neves, esperando retirar a maioria ao PS. Das câmaras onde concorrem listas AD, nem a Guarda, nem Seia estão ao alcance daquela coligação. Em Manteigas, mas sobretudo em Almeida, é que parece não restarem dúvidas.

De resto, em todos os outros concelhos o que sobressai é a disputa aguerrida entre os partidos da AD. O CDS quer provar que a zona continua a ser maioritariamente sua e o PSD quer demonstrar que não. «É arriscado», diz, versátil, Marília Raimundo. «É como trabalhar no circo, no trapézio, sem rede» — acrescenta. Mas está convicta de que o PSD vai ser o grande vencedor. A mesma confiança manifestou o dr. Valério do Couto. «O grande derrotado vai ser o CDS».

Resumindo: seria uma vitória sobre a AD. Nem um, nem outro, daqueles dirigentes máximos do PSD quiseram assumir a conclusão, mas não esconderam que o sentimento AD não tem significado na Guarda.

Da parte do dirigente centrista, Alvaro Estêvão, a convicção na manutenção da primazia é frágil. Como favas contadas, apenas cita Aguiar da Beira. Depois vem Pinhel, com o CDS a tentar manter Alfeu Campos, que tem sido acusado de irregularidades, e mais para trás Sabugal que os centristas querem recuperar, retirando-a ao PSD. Pesados, diz o dirigente centrista que a possibilidade de perdas do CDS resulta da passagem dos seus militantes para outros partidos, mais do que de outra coisa. Mas se perder o CDS agora, espera recuperar depois. «Não é fácil a Guarda deixar de ser um bom campo para o CDS ter a maioria».

O CDS representa o 24 de Abril —acusam dirigentes do PSD

Para além das questões pessoais que possam justificar a disputa de «cão e gato» a que se assiste entre o CDS e o PSD, dirigentes social-democratas disseram-nos claramente que o CDS representa aqui o 24 de Abril. Marília Raimundo e Valério do Couto foram explícitos: «a nível da Guarda, o CDS representa as forças reacçãoárias do 24 de Abril e o PSD é claramente pelo 25 de Abril». «Nós temos eleições internas, eles fazem nomeações» — diz Marília Raimundo.

Alvaro Estêvão não gosta da expressão ligada a Abril, diz que «não é real», e que «não significa nem a AD nem quem a produz». Mas reconhece as tricas. Só não quer saber quem é o «cão» e quem é o «gato». «A questão não se põe em termos de bom e mau, ladrão e xerife. Prefiro a imagem do casal sempre com tricas, mas que não significam pedidos de divórcio. Muitas vezes, essas tricas são as fases de desenvolvimento e crescimento». De quê? Da separação? Da vitalidade?

Luís Humberto Marcos



Um dos «ex-libris» da Guarda

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

Enquanto a AD recordava Sá Carneiro

Líderes do PS e do PCP: ataques ao Governo e fortes críticas recíprocas

No último domingo antes das eleições autárquicas, os líderes dos três partidos do Governo estiveram ausentes da respectiva campanha, enquanto os secretários-gerais das maiores forças da oposição visitaram os arredores de Lisboa.

Os discursos dos líderes do PS e do PCP caracterizaram-se uma vez mais, pelas críticas recíprocas e pelos ataques à política da Aliança Democrática.

Com efeito, tanto Mário Soares, que visitou os concelhos de Cascais e de Oeiras como Álvaro Cunhal, que esteve na zona de Sintra, não só atacaram o Governo e as câmaras AD como o PC e o PS, respectivamente.

O líder socialista se, por um lado, acusou a AD de desgovorno, prevendo a próxima desintegração da aliança governamental, por outro disse que o PCP não assegura a «melhoria do nível de vida e acréscimo da liberdade» dos portugueses.

Por sua vez, o secretário-geral do PCP, afirmou que Portugal está a viver «uma curva apertada da Revolução», pelo que o Governo deve ser demitido.

Contudo, disse que a queda do Governo não se conseguirá com o aumento substancial de votação no Partido Socialista, dado que, acrescentou, «questões-chave» como a Lei da Defesa e a revisão constitucional foram aprovadas com o voto do PS.

O encontro de dois líderes partidários na mesma localidade e a interrupção das actividades da AD dominaram o quinto dia da campanha eleitoral para as autárquicas de 12 de Dezembro.

Mário Soares e Álvaro Cunhal visitaram sábado, simultaneamente, o distrito de Portalegre e apresentaram-se à mesma hora no Crato, onde o secretário-geral do PS realizou contactos porta a porta e o dirigente do PCP um mini-comício.

Ambos coincidiram, igualmente, insistindo em que os resultados eleitorais deverão conduzir à demissão do Governo.

A AD interrompeu as actividades eleitorais devido ao segundo aniversário da morte de Sá Carneiro e Amaro da Costa, tendo os seus dirigentes participado em romagens aos Cemitérios dos Prazeres e Alto de São João, Lisboa e numa missa na Basílica da Estrela.

Freitas do Amaral, que anunciou a intenção de participar no comício de encerramento da campanha da AD em Lisboa, dia 10, deslocou-se também a São Martinho das Amoreiras, Odeira, onde está sepultado o corpo de Amaro da Costa.

O presidente do MDP/CDE, José Manuel Tengarrinha, participou numa sessão da APU na Golegã, Santarém, onde acusou o PS de aparecer nesse concelho «encapotadamente aliado» à AD, acrescentando que isso acontece «em muitas outras terras de todo o País».

O deputado Dias Carvalho, da ASDI, deslocou-se a Monforte, Portalegre, onde, em comício de apresentação de candidatos da organização, acusou o Governo de ser formado por «pessoas que já se julgam donas de Portugal».

O candidato à presidência da Câmara Municipal do Porto pela APU, Macedo Varela, apresentou o seu programa subordinado ao tema «30 medidas urgentes para o Porto», enquanto o candidato pelo PS, Rosado Correia, visitava duas cooperativas de moradores de Aldoar onde reafirmou o apoio do seu partido ao movimento cooperativista.

A receptividade à propaganda do PS

Os jovens «no início da adolescência» são os «elementos de reacções mais negativas» à propaganda eleitoral do PS — disse, António Carlos do Nascimento, candidato socialista à Assembleia Municipal de Lisboa.

Designadamente nas distribuições de manifestos ou panfletos, «a sua resposta é negativa mas não é

agressiva», precisou também o candidato.

«No antigo regime, segundo António do Nascimento, eram os mais novos quem contestava o sistema. Agora, são eles quem contesta a democratização.»

Nessas reacções negativas à propaganda do PS seguem-se, no dizer do candidato, «os velhos, normalmente bem vestidos, que por vezes sacodem os papéis que lhes estendem e nos mandam trabalhar, mas não as mulheres, mesmo afectas à AD».

«Encontramos mais receptividade nos mercados e bairros pobres, onde a recepção é fabulosa, do que na pequena burguesia urbana», acrescentou o candidato, baseando-se na sua presente experiência de propagandista em Lisboa, citada, disse, numa média de 200 quilómetros em digressões diárias pela cidade.

António Carlos do Nascimento falava no comício-festa realizado na Praça de Camões, em Lisboa, com a participação de cantores daquela zona da cidade.

Os socialistas propõem-se «transformar Lisboa numa cidade digna que respeite os interesses das classes menos favorecidas», disse ontem Eduardo Pereira candidato do PS à presidência do município lisboeta.

A esta afirmação se resumiu a intervenção do candidato na festa realizada pelo PS na Praça de Camões, em Lisboa, em que participaram alguns fadistas e outros artistas do Bairro Alto.

Contaram-se entre estes Toni Moreira, Alzira Canedo, Fernanda Filipa e Armando Ribeiro, acompanhados à guitarra por Jorge Canedo e à viola por Jaime Figueiredo.

A APU declara-se alheia aos incidentes

A APU afirmou ser «totalmente alheia» aos incidentes registados sexta-feira no Casal Ventoso, em Lisboa, envolvendo militantes da AD que acompanhavam o candidato Krus Abecasis.

«Incidentes entre elementos da Aliança Democrática e moradores do Casal Ventoso, enquanto decorria serenamente o espectáculo da APU, são da inteira responsabilidade da AD» — refere um comunicado do comité de Lisboa do PCP.

A comissão coordenadora concebeu a AD responsabilizada «indivíduos com distintivos da APU» de terem insultado e agredido os seus militantes.

A APU acusa a AD de procurar «criar factos que levem a conflitos e provocações susceptíveis de gerar um clima emocional que desvie as atenções das questões centrais da actual batalha eleitoral».

Esta situação — acrescenta — é revelada pela tentativa de «marcação indevida de uma sessão da AD para o Casal Ventoso para o mesmo local — que não lhe fora cedido — onde ia decorrer uma festa da APU».

A AD é acusada de intensificar «diariamente o recurso a formas ilícitas

Abecasis ou o programa de popularidade falhada!!!



Saltar (e a fumar!) uma fita simbólica, para ser cortada, cerimonial e formalmente, em uma inauguração (de 20 Nov. 82) é um (im)puro acto de desafio aos costumes e às tradições. De resto, apenas «consagrador», de uma gestão camarária sobre-carregada de provocações e encenações, desta e doutras espécies. Não é necessário, parece-nos, ser psicólogo, nem psicanalista, para se perceber que esta constante e por de mais realçada preocupação de saltar por cima das convenções e do bom senso, não é bem o mesmo que evidenciar rasgos de génio em opções e decisões de consenso municipal.

Com o devido respeito.

R. Toulson A. Leite

tas de intervenção», como a colagem de cartazes sobre murais da APU e utilização dos Serviços Municipalizados para arranque de cartazes da Aliança Povo Unido.

A APU refere também o «ultimato de 48 horas» feito pela Câmara de Lisboa para que retire todos os panos colocados entre candeeiros, «ao mesmo tempo que a AD e o PS prosseguem a colocação de panos na mesma situação».

Para a APU é igual votar PS ou AD

A Aliança Povo Unido declarou que votar «no PS ou na AD é votar na mesma força política para a Câmara Municipal do Porto».

Em comunicado, a APU lamenta que o PS e a AD se tenham recusado a participar conjuntamente com o candidato da coligação do PCP e MDP num debate público sobre os principais problemas da cidade do Porto.

«É compreensível que Paulo Valada (AD) fuja ao debate», porque, utilizando «uma fraseologia oca e disparatada, é incapaz de aguentar qualquer discussão séria sobre a cidade» — diz o texto.

Considera ser «sintomático» a recusa de Rosado Correia (PS), que «se desculpou com o facto do candidato da AD recusar participar em iniciativas com a APU», mas que «até agora já participou em dois debates com Paulo Valada, excluindo a APU».

Abecasis falou de obras

A Aliança Democrática compõe-se de três partidos diferentes mas que «deram as mãos e apostaram no combate à miséria, degradação e injustiça», declarou ontem o candidato à presidência da Câmara de Lisboa, Nuno Abecasis.

Ao intervir numa sessão de esclarecimento realizada na Escola António Arroio, freguesia do Beato, Nuno Abecasis procurou sobretudo estabelecer a diferença entre a actividade desenvolvida pelo executivo camarário socialista no triénio 1977-79 e a

que se registou sob a sua direcção e da AD no período compreendido entre 1980-82.

AD e PS de Coimbra aceitam debate com APU

Os cabeças de lista da AD e do PS à Câmara Municipal de Coimbra manifestaram «inteira disponibilidade» para um debate público com o candidato número um da APU à mesma edilidade.

Júlio Couceiro, cabeça de lista da APU, propôs, na sexta-feira, durante uma entrevista ao semanário «O Jornal» conjuntamente com Carlos Encarnação (PSD) e Mendes da Silva (PS), que com ele concorrem à presidência ea edilidade de Coimbra, um debate público, a realizar no Teatro Avenida desta cidade ou no salão nobre da Câmara Municipal.

Júlio Couceiro pôs como única condição que o debate seja moderado pelo jornalista Assis Pacheco, autor da entrevista a ser publicada, em princípio, esta semana.

Os candidatos da Aliança Democrática e do Partido Socialista discordam, porém, deste último ponto.

Roseta, Capucho e Soares hoje em campanha

Helena Roseta e António Capucho, pela AD, e Mário Soares, pelo PS, intervirão hoje directamente na campanha eleitoral para as autárquicas.

Os dois dirigentes sociais-democratas usarão da palavra durante uma festa-comício no Pavilhão dos Desportos de Cascais, às 21.30, que conta também com a participação dos agrupamentos musicais Da Vinci, Grupo de Baile e Roxigénio e das cançonetistas Lara Li e Tonicha.

O secretário-geral do PS, Mário Soares, e o candidato socialista à presidência da Câmara Municipal de Lisboa, Eduardo Pereira, visitarão as freguesias de Benfica e São Domingos de Benfica, entre as 10 e as 13 horas.



Henry Ford II prometeu interessar-se pelo processo

Patrão da Ford sensibilizado com morte de irmãos em Mértola

Henry Ford II, ainda o grande «patrão» da Ford Motor Company, ficou sensibilizado, prometendo mover «todos os seus esforços pelo andamento do processo», com a morte dos três irmãos, filhos de Nelson da Silva, ex-trabalhador da sua empresa em Dagenham, em Inglaterra, ocorrida, conforme noticiámos, num desastre em Vale de Aço, no concelho de Mértola, em 18 de Julho de 1980, num acidente com um automóvel «Ford Cortina».

As promessas de Henry Ford II, que embora não exercendo neste momento funções executivas na poderosa multinacional norte-americana herdada do seu pai ainda continua a desempenhar um papel decisivo nas suas operações, foi feita durante a sua recente estadia em Portugal (comemorações do 5.º aniversário da Ford Lusitana), após uma carta que lhe foi endereçada por Nelson da Silva, nos seguintes termos: «Eu sou um ex-trabalhador da Ford em Dagenham na Inglaterra. Tenho razões para acreditar ter sido alvo de uma grande injustiça por parte da sua companhia, de cujos resultados sou ainda. Em Dagenham falavam-nos do seu alto sentido de justiça. Eu sei que nada neste mundo me poderá devolver a vida dos meus três filhos, mas mesmo assim, ficaria-lhe grato se me concedesse um pouco do seu tempo para que pudesse dizer-lhe as razões por que os perdi (os meus filhos), acreditando, como acredito que estas razões estejam ligadas à Ford».



Os três irmãos (Fernando, de 15 anos, Angela, de 19, e Jaime, de 15) vitimados no acidente

Milhares de carros retirados do mercado

As razões que Nelson da Silva invoca prendem-se com presumíveis deficiências nos travões e falta de borracha na barra de direcção do carro adquirido em Inglaterra, poucos dias antes do trágico acidente. Aliás, disse-nos Nelson da Silva, cerca de 56 mil carros da Ford dessa série tiveram de recolher à fábrica, logo foram retirados do mercado, por anomalias detectadas, apresentando-nos, como provas documentais, recortes de jornais da Grã-Bretanha e portugueses.

Nelson da Silva, que acima de tudo se recusa a assumir a responsabilidade moral pela morte dos seus três filhos («não suporto o olhar acusador de certas pessoas, entre familiares e ami-

gos, que não sabem como tudo se passou»), mostra a sua perplexidade (crítica) pela forma como decorreu a estranha peritagem ao carro sinistrado (com o desaparecimento das peças mais comprometedoras) e a amnistia papal que abrangeu o processo relacionado com o acidente.

Quanto à sua posição neste momento é de expectativa, face à «inesperada abertura» de Henry Ford II, pois de contrário, confessou-nos, não exitará em avançar com uma queixa-crime contra a Ford, já tendo para o efeito contactado um advogado. Enfim: inédito diálogo este que coloca frente a frente o «patrão» da Ford e um seu ex-empregado da base, e para cuja solução final até «apetece» estar atento!...

Manuel Geraldo

ensino

Ingresso no Ensino Superior

Muitos candidatos ainda “sem qualquer hipótese”

O ingresso no Ensino Superior deu, como se sabe, muito que falar este ano, devido a erros de programação dos computadores do Ministério da Educação. Muitos dos milhares de alunos injustamente «rejeitados» pelos computadores foram posteriormente colocados nas escolas superiores, mas nem todas as situações foram resolvidas. «Esta carta não relata um caso pontual, mas o caso de um número bastante elevado de alunos», diz numa carta enviada ao «DL» uma candidata ao Ensino Superior que se encontra neste momento sem qualquer hipótese de prosseguir os seus estudos. Publicamos a seguir essa carta.

«O motivo desta carta é o seguinte: Ingresso ao Ensino Superior.

Na primeira fase de candida-

tura, devido a erros administrativos, um número bastante elevado de alunos foram rejeitados. A sua readmissão estava prevista numa portaria do «Diário da República». Deste modo, o número de clausus, que condiciona a entrada nas faculdades foi largamente ultrapassado, preenchendo as vagas existentes.

Assim, os alunos da segunda fase encontram-se sem uma única hipótese de ingressar no Ensino Superior. O caso é bastante flagrante ao nível do primeiro ano (Medicina, Biologia, Química, Engenharia, etc.). As únicas possibilidades são o sector da Economia, e de Letras, mas para isto são necessárias as habilitações correspondentes.

Deste modo:

— Os alunos que possuem um diploma do 12.º ano terão per-

dido um ano de aulas.

— Os alunos não podem ser readmitidos em liceus oficiais porque já passaram o ano.

— Os alunos não têm possibilidade de ingressar em escolas de curso médio (formação de técnicos hospitalares, engenheiros, etc.) porque as inscrições já acabaram há vários meses.

— Certos alunos deverão fazer o serviço militar, cortando, assim, com os estudos durante algum tempo.

Esta carta não relata um caso pontual, mas o caso de um número bastante elevado de alunos. Como o Ministério da Educação não parece preocupar-se com o caso destes alunos, pedimos com a devida deferência que os órgãos de Comunicação Social possam pelo, menos, alertar a opinião pública do que se passa no sector da educação.»

Reitor eleito da Universidade Livre

O Conselho Universitário da Universidade Livre elegeu reitor daquele estabelecimento de ensino privado, o prof. Francisco Durão.

O acto decorreu no passado dia 26 de Novembro, tendo os resultados do sufrágio sido de 146 votos a favor da candidatura única, 2 contra e 11 votos em branco.

Registado o novo Sindicato dos Professores do Norte

PORTO, 6 — Em nota enviada aos órgãos de Comunicação Social, o novo Sindicato dos Professores do Norte, informa que «no passado dia 2 do corrente mês, foi registado no Ministério do Trabalho, o Sindicato dos Professores do Norte, tendo sido entregue todo o processo exigido por lei, nomeadamente as

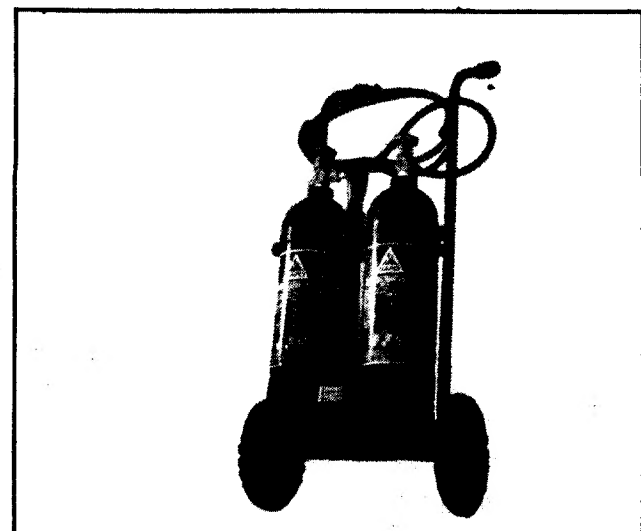
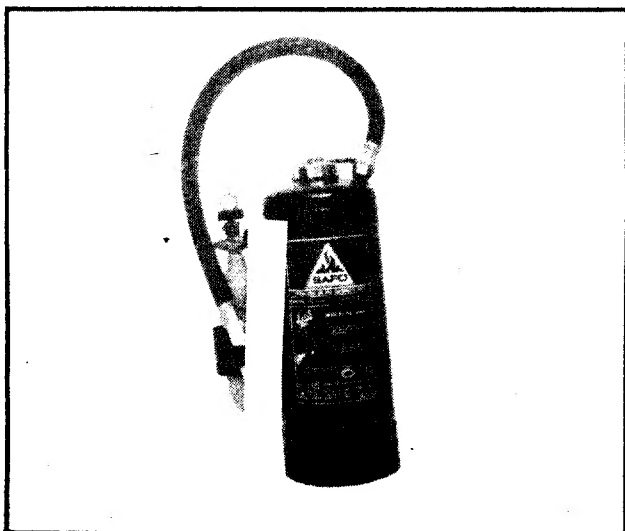
folhas de presença na assembleia constituinte e os estatutos aprovados».

Também naquele dia a Comissão Directiva do SPN «fez entrega ao ministro da Educação de um memorando contendo as principais reivindicações dos professores do Norte



SISTEMAS ANTI-FOGO, LDA.

**SOMOS UMA INDÚSTRIA NACIONAL
E FABRICAMOS EXTINTORES COM QUALIDADE INTERNACIONAL**



Somos uma empresa de elevado nível técnico no fabrico de extintores e demais equipamentos de combate a incêndios, sendo a nossa principal preocupação acompanhar o desenvolvimento das mais modernas tecnologias no campo da Protecção Contra Incêndios.

Para cada tipo de incêndios existe um adequado agente extintor, mais eficiente que outro. A SAFO-SISTEMAS ANTI-FOGO, LDA., põe os seus serviços técnicos à disposição de todos os clientes aconselhando a melhor solução para cada caso.

FÁBRICA E ESCRITÓRIOS:

Estrada do Carrascal, Rua B — Lote A — Carnaxide 2795 LINDA-A-VELHA Telef. 2185039 - 2185052 - 2185100

Administrador das Loças de Sacavém morto a tiro quando saía de casa

Diamantino Bernardo Monteiro Pereira, de 43 anos, administrador da Fábrica de Loças de Sacavém, foi alvejado mortalmente, cerca das oito horas desta manhã, com quatro tiros de pistola-metralhadora, na Avenida 25 de Abril, em Almada, próximo dos estaleiros da Lisnave, quando se preparava para entrar para o carro estacionado frente à sua casa. O atentado, da autoria de dois jovens que se faziam transportar num «Austin 1300» branco, matrícula BN-72-45, foi reivindicado, em panfletos deixados no local, pelas autodenominadas «FP-25». Segundo foi afirmado ao «DL» pelo comissário Mata, da PSP de Almada, foram recolhidas seis cápsulas de calibre 9 mm junto ao carro de Monteiro Pereira, tendo os atacantes disparado uma rajada de metralhadora sobre a vítima e em seguida uma outra para o ar, após o que desapareceram a alta velocidade na direcção da Cova da Piedade.

Nos panfletos recolhidos pela PSP é referido que Monteiro Pereira, «ex-oficial da GNR, se tem classificado como um oportunista sem escrúpulos, faltando aos compromissos que em 1978 assumiu perante os trabalhadores, desviando dinheiro da Fábrica de Loças de Sacavém para outra empresa paralela — a Sanicer — de que é o maior accionista, pretendendo com esta manobra descapitalizar a empresa, assilar certos sectores de produção

e colocar no desemprego centenas de trabalhadores».

CGTP condena

Registe-se que a Administração da Fábrica de Loças de Sacavém, onde a figura de Monteiro Pereira aparecia geralmente em foco, tem vindo a ser contestada há meses por trabalhadores e sindicatos e por um accionista minoritário, o ex-administrador, Fernando Barros. Em 1982 verificaram-se várias greves, algumas prolongadas, e concentrações junto à empresa para protestar contra o que os sindicatos classificaram «como política repressiva da administração». As greves e concentrações visaram protestar contra os despedimentos e processos disciplinares (120 pedidos de demissão, 33 despedimentos, 30 suspensões compulsivas de trabalho, 125 processos disciplinares em curso) e exigir a demissão de Monteiro Pereira, acusado na altura de «não ter hesitado em agredir dois delegados sindicais só porque estes se dirigiam para os seus postos de trabalho contra a sua opinião por os considerar despedidos».

Os trabalhadores acusavam também a administração de não cumprir integralmente a contratação colectiva e de pôr em risco a viabilidade da Fábrica de Loças com a criação de uma empresa concorrente.

O accionista Fernando Barros processou judicialmente, este

ano, a administração da fábrica e pediu a intervenção da Inspecção-Geral de Finanças por acusações de fraude.

Em 24 de Junho, Monteiro Pereira foi reconduzido como administrador pela assembleia geral de accionistas.

A Fábrica de Loças de Sacavém é uma unidade com mais de 130 anos e no princípio deste ano empregava cerca de 1200 trabalhadores.

Em comunicado divulgado ao fim da manhã, a CGTP-IN condena «energicamente» o atentado que vitimou Monteiro Pereira, afirmando que «ninguém pode ter dúvidas de que se trata de mais uma acção de carácter fascista e criminoso que impõe, desde já, um sério apuramento de responsabilidades e a punição exemplar dos criminosos». Alertando os trabalhadores e a opinião pública para o facto desta acção terrorista coincidir com o período eleitoral e com um momento em que se desenvolvem importantes lutas de massas contra o Governo AD, que conduz o País para uma crise insustentável, a CGTP concluiu o seu comunicado referindo que «acções deste tipo têm por objectivo evidente espalhar o terror e a instabilidade no País e visam desviar as atenções dos graves problemas da situação actual».

O terceiro atentado mortal

O assassinato de Monteiro Pereira (economista, pai de dois fi-

lhos e casado com uma ex-leitora de Português em Bruxelas) constitui o terceiro atentado mortal contra empresários registado em Portugal, depois do 25 de Abril de 1974.

Em 21 de Agosto de 1979, o industrial nortenho Ferreira Torres foi morto a tiro na região de Braga.

Informações que os investigadores nunca chegaram a confirmar oficialmente apontavam para um «ajuste de contas» feito por elementos de extrema-direita.

Ferreira Torres tinha alegadas ligações a uma das redes bombistas que actuaram em Portugal sobretudo no segundo semestre de 1975.

Em 1980, no dia 12 de Maio, foi assassinado no parque de Monsanto, em Lisboa, o industrial de mobiliário Cláudio Marques Baía, de 43 anos, que se teria negado a pagar «um imposto revolucionário», exigido pelas «FP-25».

No total de mais de mil acções terroristas cometidas desde 25 de Abril de 1974 morreram 12 pessoas.

Mais dois empresários foram vítimas de atentado aos quais sobreviveram.

Trata-se de um administrador das empresas «Montagut» e «Tebe», em Braga, e de João Mesquita de Oliveira, administrador das empresas têxteis «Caneiro» e «Carisdes», em Farnalhão.

Comandante do Comiberland na Madeira

O comandante-chefe da Área Ibero-Atlântica, almirante Elias Costa, deslocar-se-á nos próximos dias à Madeira. Uma fonte da zona militar daquele arquipélago, citada pela ANOP, disse que «a data da visita não será divulgada por razões de segurança». O almirante Elias Costa apresentará, no Funchal, cumprimentos às principais autoridades civis e manterá reuniões de trabalho no quartel-general e comando naval. O comandante Elias Costa, que será acompanhado por oficiais portugueses e estrangeiros, deslocar-se-á à ilha de Porto Santo e a diversos outros locais da Madeira.

CLCR ocupa Torre dos Clérigos

Elementos da Comissão de Luta Contra a Repressão (CLCR) tentaram ontem ocupar a Torre dos Clérigos, no Porto, em «solidariedade com todos os presos políticos e em luta contra a repressão». Durante a ocupação daquele monumento nacional, por solicitação do reitor do Templo dos Clérigos, a Polícia de Segurança Pública obrigou os ocupantes a abandonar o edifício e mandou retirar um cartaz por eles colado no exterior da torre. Cinco elementos da CLCR foram detidos pela PSP, para identificação, após o que saíram em liberdade. Posteriormente, a CLCR distribuiu um comunicado, no qual salienta que durante a operação desencadeada pela Polícia havia sido rasgado um cartaz da sua autoria, por dois indivíduos não identificados, perante a passividade dos agentes, referindo ainda a sua



firme intenção de continuar a lutar pela «libertação dos antifascistas presos».

Bicicletas nos «Perdidos e Achados»

A PSP entregará a quem provar ser seu proprietário três motocicletas e cinco bicicletas, quatro das quais próprias para crianças, todas provenientes de furtos. Os veículos encontram-se depositados na Secção de Justiça daquela corporação na Rua Capelo, 26, 1.º, em Lisboa.

Filho de incesto abandonado

Um nado-morto, ao que admitem as autoridades, fruto de relações incestuosas entre uma rapariga de 17 anos e o seu irmão de 19 foi encontrado nas proximidades da freguesia de Izeda, na região transmontana. O corpo apresentava-se degolado e decepado,

pela acção de animais, e estava a ser arrastado por um cão na altura em que foi descoberto. A mãe provável está internada no Hospital de Bragança, em estado considerado grave, devido às faltas de cuidados tidas durante o parto.

«Desviou» 700 contos de salários

O director técnico da firma Eurocapital de construção civil, em actividade na zona de Alverca, desapareceu com 700 contos destinados ao pagamento de salários aos trabalhadores. De acordo com a queixa apresentada na Polícia Judiciária, o acusado, cuja identidade não foi revelada, teria justificado o seu procedimento, por via telefónica, «como uma forma de recebimento adiantado de uma indemnização por deixar a empresa».

Talhante do Cadaval à revelia

O industrial de carnes Joaquim Duarte Cruz, de 36 anos, casado, ausente no Canadá, onde vive «princípios», foi condenado no Tribunal da Boa-Hora em três anos e dois meses de prisão, sob a acusação de ter falsificado carimbos para a marcação de reses, na zona do Cadaval. A infracção foi detectada pela Junta Nacional de Produtos Pecuários, em Maio de 1979, utilizando Joaquim Cruz uma chancela que lhe fora conseguida por um cortador de Lisboa, Mário Godinho, que acabou por ser condenado em 15 meses de prisão. Segundo tudo indica, Joaquim Cruz teria abatido várias reses doentes.

Criança afogada no Vizela

No rio Vizela, no lugar da Vinha (Felgueiras), apareceu o corpo de Carla Carina Teixeira Marques, de quatro anos, que no passado dia 21 desaparecera de casa, em Serzedo. O seu desaparecimento foi comunicado às autoridades pelos pais, Fernando Maria Marques e Maria das Dores, tendo participado nas buscas em tanques, poços e riachos a GNR, bombeiros e populares da freguesia e das redondezas. A Polícia Judiciária de Guimarães investiga a estranha forma como a pequena Carla caiu à água, quando perto do local se encontrariam outras crianças mais velhas.

Ponte do Álvaro inaugurada

A Ponte do Álvaro, sobre o rio Zêzere, foi ontem inaugurada, ainda que neste momento se encontre em fase de acabamentos, prevendo-se que possa abrir sem restrições ao trânsito, já no próximo

mês. Com 280 metros de extensão a nova ponte encurta de 80 para 14 quilómetros a distância entre as sedes dos concelhos de Oleiros e Pampilhosa.

Mudança na direcção da Judicária

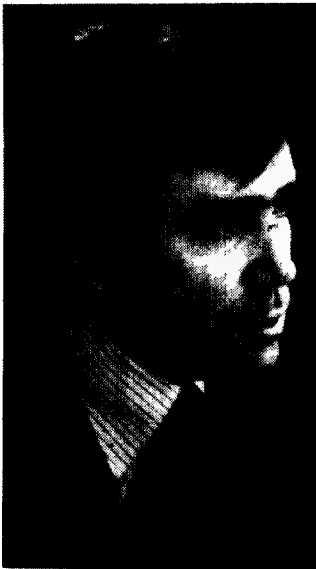
Lourenço Martins confirma o seu pedido de demissão

Várias especulações começaram já a surgir em torno do pedido de demissão de director-geral da Polícia Judiciária, agora tornado público pelo dr. Lourenço Martins, que há 5 anos e meio vem exercendo aquele cargo.

Desde o caso do acidente de Camarate à recente reestruturação dos serviços de investigação daquela Polícia, passando por outros assuntos menos actuais, tudo serve para fornecer uma presuntiva justificação para o abandono do cargo.

No entanto, esta manhã, o próprio interessado receberia os jornalistas no seu gabinete e, sem pretender impedir a torrente especulativa, esclareceu as razões que o levaram a tal atitude e se fundamentam em três pontos principais:

Saturação do serviço associada à ideia de que naqueles



O dr. Lourenço Martins

lugares deve haver uma certa rotatividade, salutar para todos e questões relacionadas com a sua carreira de magistrado prejudicada com a ausência das respectivas funções.

Lourenço Martins adiantaria mesmo que o pedido verbal, já várias vezes havia sido apresentado e há muito tempo sem que o ministro da Justiça o atendesse. Na circunstância entendeu formalizar por escrito, o que fez em 19 de Setembro último, embora e a pedido de Meneres Pimentel, o retivesse até ao regresso da visita que aquele ministro fez ao Brasil, o que aconteceu há cerca de mês e meio.

«Agora é que não me devia ir embora» disse Lourenço Martins ao considerar que as suas relações com o actual Ministério são excelentes. Por outro lado, consideraria que os principais pro-

jectos a que meteu ombros dentro da Polícia tinham sido concretizados.

Quanto ao caso de Camarate, afirmou que sempre a Judicária esteve aberta e receptiva a todos quantos tivessem elementos positivos sem se opor a qualquer inquérito com vista à descoberta da verdade. A Judicária envidou os maiores esforços no sentido de esclarecer o assunto.

Perguntado se já está indignado o seu substituto, respondeu que sim, mas não lhe compete a si identificá-lo. Adiantou no entanto que essa individualidade é juiz e nunca esteve ligado à Polícia Judiciária, dependendo a nomeação do Primeiro-Ministro e do ministro da Justiça, devendo a posse efectuar-se dentro de poucas semanas

Luís Barbosa hostilizado em S. Martinho do Bispo

O ministro dos Assuntos Sociais, Luís Barbosa, foi ontem hostilizado em S. Martinho do Bispo, no concelho de Coimbra,

quando inaugurava o infantário anexo ao Centro Hospitalar dos Covões. Populares e autarcas apresentaram-se ao acto inau-

gural com cartazes a exigir que o infantário, além de servir os filhos do pessoal hospitalar, pudesse ser também utilizado pelas crianças da zona, tendo os membros da Assembleia de Freguesia local ameaçado demitir-se em bloco caso tal não viesse a acontecer.

A manifestação terminou quando o Conselho de Gerência do Centro Hospitalar garantiu que o novo serviço assistencial seria aberto à comunidade da freguesia.

Com capacidade inicial para acolher 150 crianças dos dois

aos seis anos, o infantário poderá ser ampliado numa segunda fase.

Assistiram à inauguração o governador-civil do distrito, Dias Loureiro, o presidente da Câmara de Coimbra, António Moreira, e os membros do Conselho de Gerência do hospital. Todas estas entidades guiaram Luís Barbosa numa visita às novas instalações do centro hospitalar — infantário e serviços centrais administrativos e mantiveram com o ministro uma reunião de trabalho.

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS



Ecos do "falhanço" no Brasil e Colômbia?

“A América Latina não é um bloco”

— considerou Reagan à chegada a Washington

O presidente norte-americano, Ronald Reagan, declarou ontem ter «aprendido muito» na sua viagem ao Brasil, Colômbia, Costa Rica e Honduras, que lhe permitiu descobrir que «todos eles são países individuais».

«Creio que um dos grandes equívocos que temos cometido foi pensar na América Latina como um bloco» — reconheceu ao dar aos jornalistas as suas impressões sobre a sua primeira viagem à América Latina.

Tal como na Europa se reconhecem as diferenças entre os vários países, «o mesmo acontece» na América Latina, onde, afirmou, ter «estabelecido muitas boas relações» e «algumas amizades» com os presidentes latino-americanos com os quais se encontrou.

Como afirmou por várias vezes durante a viagem, Reagan declarou que foi à América Latina «aprender». «Não fui com qualquer plano para as Américas. Fui conhecer os seus pontos de vista» — frisou, assegurando que não tinha procurado enviar uma mensagem especial à Nicarágua ao avistar-se com os dirigentes dos países vizinhos e ao excluir os sandinistas do seu itinerário.

«O que tratámos de fazer foi o que disse durante a campanha eleitoral: levar todos os países das Américas, do hemisfério, a reconhecer que poderíamos ser uma enorme força para o bem se tivéssemos um acordo» — salientou.

Sobre o ataque contra a política norte-americana, proferido pelo presidente colombiano Be-

tancur ao brindar no fim de um almoço oficial, Reagan declarou que, «apesar do brinde», estava convencido de ter «estabelecido uma amizade muito estreita» com o novo chefe de Estado da Colômbia.

de Março graças a um golpe de estado, lhe forneceu «grande quantidade de informações» e dados durante o seu encontro de sábado à noite nas Honduras.

Reagan recordou aos jornalistas que Rios Montt tinha sido

reatamento «dependerá naturalmente» das citadas informações.

Comentário da agência TASS

Os encontros do presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan com os dirigentes das Honduras, Guatemala e El Salvador tem como objectivo «aumentar as acções agressivas» contra a Nicarágua, comentou ontem a agência soviética «TASS».

A mesma fonte considera que fracassaram os intentos de Reagan, no sentido de assegurar apoio à sua política por parte das autoridades brasileiras e colombianas, pois qualquer delas se pronunciou abertamente pelo respeito à soberania de qualquer país ibero-americano.

Essa atitude, acrescenta a TASS, é contra os esforços de Washington, que visam acabar com a revolução nicaraguense e a luta pela liberdade dos povos de El Salvador e Guatemala.

A agência soviética qualifica o presidente Ronald Reagan de «hipócrita», por ter pronunciado discursos em cerimónias oficiais, durante a sua viagem, sobre a necessidade de alicerçar a democracia na América, quando «graças à sua ajuda se mantêm uma série de ditaduras».

A administração Reagan, afirma a TASS, propõe-se aumentar a «já por si enorme ajuda militar aos verdugos cujas mãos estão tintas de sangue de dezenas de milhares de patriotas».

Segundo Mondale:

Será fácil vencer Reagan

O antigo vice-presidente americano, Walter Mondale declarou no sábado em Nova Iorque que o presidente Reagan «deverá ser fácil de vencer» nas próximas eleições presidenciais de 1985 e que decidirá dentro de um mês se concorrerá à investitura do Partido Democrata.

Walter Mondale disse que não anunciará a sua decisão antes do próximo ano e que deseja iniciar um debate nacional sobre as questões do desemprego, do meio-ambiente e do desemprego.

O antigo vice-presidente admitiu que a retirada do senador Edward Kennedy da corrida à investitura do Partido Democrata aumenta sensivelmente as suas hipóteses. O senador Kennedy anunciou na passada quarta-feira a sua intenção de não ser candidato à investitura do seu partido.

O presidente norte-americano disse que os Estados Unidos reatarão a sua assistência militar à Guatemala, suspensa em 1977 por causa das violações aos direitos humanos.

Considerou que o novo presidente guatemalteco, Rios Montt, tem sido objecto de críticas excessivas mas está «totalmente devotado à democracia na Guatemala». Acrescentou que Rios Montt, chegado ao poder em 23

eleito presidente em 1974, mas nunca lhe permitiram tomar posse, pelo que, «quando se produziu o golpe, deram-lhe o cargo para que havia sido eleito».

Interrogado pelos jornalistas se bastava para justificar o recomeço da ajuda militar norte-americana que Rios Montt tivesse anunciado o início do processo democrático em Março de 1983, Reagan salientou que o

Auxílio militar e OLP em questão

Acentua-se o diferendo americano-israelita

O Conselho de Ministros de Israel analisou ontem o diferendo surgido entre o Senado norte-americano e o secretário de Estado, George Shultz, em torno de uma proposta de aumento de auxílio militar a Telavive.

A emissora oficial israelita comentou que esta discussão acaba por servir a Organização de Libertação da Palestina (OLP) o que causa séria preocupação ao gabinete de Menahem Begin.

A estação afirmou que George Shultz é o responsável pelas alterações da política externa norte-americana, baseando-se no facto do chefe da diplomacia da administração Reagan se ter oposto ao projecto do Senado de aumentar o auxílio militar a Is-

rael, de 2200 para 2600 milhões de dólares, argumentando que tal seria «recompensar a obstinação de Israel», que responsabilizou pela demora da crise do Líbano.

O ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Yitzhak Shamir, afirmou na reunião do Conselho de Ministros que os argumentos aduzidos por Shultz são «graves», enquanto o responsável pela pasta da Energia, Isaac Modai — do Partido Liberal, que integra a Likud — sublinhava que o diferendo entre Shultz e o Senado era «assunto interno» dos Estados Unidos.

O vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Ben Meir, considerou, por sua vez, que «de uma forma geral» se devem evitar confrontos com Washington,

admitindo, porém, que «neste caso temos de reagir», segundo disse a Rádio de Telavive.

Um membro próximo do gabinete de Begin, também citado pela Rádio, terá afirmado que Shultz é o real artífice do plano de paz de Reagan para o Médio Oriente e que este, pretensamente dirigido ao rei Hussein da Jordânia, é, realmente, destinado a Yasser Arafat, o líder da Organização de Libertação da Palestina.

Em causa o reconhecimento da OLP

O chefe da diplomacia israelita, Yitzhak Shamir, indicou, ontem à noite, que tinha pedido

«esclarecimentos» a Washington a propósito de recentes declarações de Philip Habib, referindo, segundo ele, a necessidade de negociações entre a Organização de Libertação da Palestina, os Estados Unidos, Egipto, Jordânia e Israel.

Shamir não precisou quando, nem em que circunstâncias, o emissário americano ao Médio Oriente teria feito tais afirmações.

Segundo o ministro israelita, o embaixador de Israel em Washington, Moshe Arenz, foi encarregado de explicitar «se as tomadas de posição do enviado especial americano apenas envolvem a ele ou se exprimem uma mudança do ponto de vista oficial americano».

As condições de Telavive para sair do Líbano

Para retirar as suas tropas do Líbano, Israel pede às autoridades libanesas para assinarem um «tratado de segurança» israelo-libanês que inclua, designadamente, o estabelecimento de uma zona desmilitarizada, afirmava ontem a agência libanesa de informação Al Markazia, reproduzindo o texto das propostas israelitas.

Segundo a agência (Telavive) reclama o etabecimento de uma «zona de segurança limitada», que será desmilitarizada e onde a instalação de forças militares e de armamento será restringida.

Segundo a agência libanesa, Israel pediria por outro lado que o «tratado de segurança» se inscreva num quadro político. Os Estados Unidos, afirma a Al Markazia referindo-se às propostas israelitas, «poderão participar na elaboração do acordo na qualidade de testemunha ou como terceira parte».

O documento israelita indica que «a zona de segurança limitada terá uma profundidade de 45 a 50 km e não será aí instalada qualquer peça de artilharia podendo ameaçar a segurança das implantações israelitas da Galileia, nem qualquer missile terra-ar podendo ameaçar a aviação israelita. Apenas o Exército isra-

elita e forças armadas locais estarão habilitados a instalar-se nessa zona», precisa ainda a agência.

Por último, o Estado hebraico indica que «conservará três pontos de observação no interior da zona de segurança, designadamente no monte Baruk (que domina a planície de Bekaa, no centro do Líbano, e a montanha libanesa, reservando-se a aviação israelita o direito de efectuar voos de reconhecimento por cima do território libanês até ao estabelecimento da Paz».

O texto indica, por último, segundo a Al Markazia, que as forças israelitas não levarão a cabo «qualquer retirada das posições que têm actualmente no Líbano antes da retirada da OLP do território libanês, do regresso de todos os prisioneiros de guerra e dos corpos dos soldados israelitas».

«Israel, conclui o documento, retirar-se-á até aos limites da zona de segurança quando as forças sírias tiverem evacuado a montanha libanesa e as forças multinacionais se tiverem instalado no seu lugar», e depois de ter sido assinado um acordo libano-israelita sobre a segurança e a normalização das relações.

Ontem em Barcelona

Polícia matou dirigente histórico do «GRAPO»

MADRID (Do nosso correspondente, Fernando Jauregui) — O último grande mistério da transição política espanhola parece ter sido concluído ao meio-dia de ontem quando a Polícia alvejou mortalmente, em Barcelona, o chefe do misterioso grupo terrorista «GRAPO», de seu nome Juan Martin Luna.

Existiam doze precedentes de militantes da «GRAPO» mortos na rua pela Polícia. Sempre sem testemunhas.

A morte de Martin Luna parece ter escapado por completo ao controlo das novas autoridades do Ministério do Interior. O Governo socialista de Felipe Gonzalez não teve, até agora, qualquer reacção perante a nota explicativa emitida pelo MULC (comando único para a luta anti-terrorista), dirigido pelo duvidoso comissário Manuel Ballesteros, uma polícia que vem do franquismo, e que os socialistas pensam substituir.

Antes de Martin Luna cair sob as balas da Polícia, outros dirigentes do «GRAPO» para não falar das bases, já tinham morrido em recontros com a Polícia: Juan Carlos Delgado de Codex (1979), Abelardo Collazo Araujo (Agosto de 1980), Enrique Cerdan (Setembro de 1981) e, agora, Martin Luna, o único dirigente histórico do «GRAPO» que se encontrava fugido depois de se evadir da prisão.

A Imprensa de Madrid pergunta hoje porque é que Martin Luna foi morto, depois de encurralado, por diversos polícias, e, com um bolo na mão,

Quarto aniversário da Constituição es

A Espanha e o seu governo socialista, que entrou oficialmente em funções na sexta-feira passada, celebram hoje — segunda-feira, o quarto aniversário da Constituição espanhola, adoptada por referendo em 6 de Dezembro de 1978.

Em todo o país são organizadas cerimónias, na maior parte dos casos pelas Câmaras Municipais. O ponto forte do dia será a recepção oferecida pelo presidente do Congresso dos Deputados, o socialista Gregório Peces Barba, à qual devem assistir cerca de 800 personalidades, incluindo a totalidade dos membros do governo socialista.

Gregório Peces Barba de-

clarou ontem à Imprensa que a Constituição representa «uma concepção ética da vida social, do Poder, do Estado e do cidadão».

O presidente do governo, Felipe Gonzalez, falando igualmente aos jornalistas, disse que «trabalhar para o seu desenvolvimento (da Constituição) significa consolidar a coexistência livre e pacífica» de todos os espanhóis.

A carta fundamental — recorda-se — foi adoptada por referendo com (37,8) por cento de votos «sim», 7,8 por cento de votos «não» e 4,4 por cento de boletins brancos e nulos. Houve uma abstenção de 32,9 por cento.

O atentado ao Papa

Tribunal rejeita libertação de A

O tribunal rejeitou hoje de manhã o pedido de colocação em liberdade provisória apresentado pelos advogados de Serguei Ivanov Antonov, cidadão búlgaro detido desde o dia 25 de Novembro no quadro do inquérito sobre o atentado contra o Papa perpetrado no dia 13 de Maio de 1981.

Ivanov Antonov é acusado de «concurso activo» na organização da conspiração. Outro cidadão búlgaro, que regressou há seis meses ao seu país, também é alvo de um mandado de captura.

Os dois advogados de Antonov, Adolfo Larussa e Giuseppe Consolo, tinham apresentado o pedido, há uma semana, defendendo, ao contrário da acusação, que o seu cliente não se encontrava na Praça de São

Pedro na altura do atentado, mas sim no seu gabinete da companhia «Balkan Air», em Roma, juntamente com os seus empregados.

Este elemento não foi considerado suficiente pelo presidente do tribunal, Filippo Fiore, para ordenar a colocação de Ivanov Antonov em liberdade provisória.

Entretanto, várias diligências foram feitas pela justiça italiana, para obter a isenção do estatuto diplomático protegendo um funcionário da Embaixada búlgara em Roma, que estaria implicado no atentado cometido contra o Papa em 13 de Maio de 1981, julga saber domingo à noite a agência italiana «ANSA».

Citando fontes judiciais, a agência italiana indica que este funcionário, Teodorov Ayzavov — que seria assim o terceiro búl-



ata tórico PO"

que acabava de comprar numa pastelaria.

Parece não haver dúvidas de que, quando se encurrala um indivíduo na porta de uma pastelaria, com um bolo entre as mãos, e se dispõe de um grande contingente de homens e da vantagem da surpresa, as técnicas policiais permitem a captura do delinquente vivo», afirma na sua edição de hoje o «Diário 16», o jornal que, desde o início da sua publicação vem denunciando possíveis «infiltrações parapoliciais» de resíduos franquistas nesta organização terrorista, teoricamente ultra-esquerdista, mas que sempre atacou nos momentos de maior instabilidade para o sistema democrático.

Por isso, todos perguntam porque morreu Martin Luna? Sabia de mais, como os anteriores dirigentes da organização?

rsário espanhola

Após trinta e seis anos de ditadura franquista (1939-1975), a sua adopção consagrou a instauração em Espanha da democracia, no quadro duma monarquia de tipo parlamentar e dum sistema político multipartidário.

Por outro lado, a Constituição terá um primeiro monumento erguido em sua honra, que será inaugurado no dia 18 deste mês, em Vitória (sede do governo autónomo basco).

Realizado em mármore branco, representará quatro mãos entrelaçadas saídas dum tronco comum e que simbolizarão os quatro partidos que permitiram a redacção e a aprovação do texto constitucional.

pa itou hoje Antonov

garo a surgir no inquérito acerca do atentado da Praça de São Pedro — não pode ser objecto dum mandado de prisão em virtude de gozar de imunidade diplomática, em função do posto de caixa da Embaixada búlgara em Roma.

Por esse motivo o juiz romano Ilário Martella começou a fazer algumas diligências junto do Ministério transalpino dos Negócios Estrangeiros a fim de obter a isenção da imunidade diplomática, precisa ainda a agência italiana.

No domingo à noite, era impossível obter qualquer informação junto da Embaixada búlgara em Roma quanto ao estatuto da aquele funcionário.

Após sete anos de cativeiro

Poeta sul-africano chega a Paris

Breyten Breytenbach, o escritor sul-africano libertado na quinta-feira passada pelas autoridades sul-africanas depois de ter passado sete anos na prisão, devido às suas simpatias pelo African National Congress (ANC), chegou ontem à noite a Paris, num voo regular proveniente de Joanesburgo.

Breytenbach, acompanhado de sua mulher Yolande, foi acolhido por um membro do Ministério das Relações Externas.

Condenado há sete anos, a nove anos de prisão, Breyten Breytenbach foi libertado quando lhe restavam ainda dois anos de prisão a cumprir em virtude de uma nova legislação sul-africana sobre a libertação condicional e na sequência de inúmeras e múltiplas diligências, nomeadamente do Governo francês.

Breytenbach, mal chegou a Paris, declarou que trazia com ele muitos escritos, em prosa ou verso, essencialmente inspirados pela sua vida no cárcere.

Breytenbach que parecia ainda sob o choque da sua demorada detenção, precisou, ainda, ao apear-se do avião que ficou surpreso com a sua libertação — tinha sido condenado a nove anos de cadeia por haver, segundo os juízes, apoiado o ANC e confirmou que não estava ao corrente das diligências empreendidas, designadamente pelo Governo francês, com o fito de pôr termo ao seu cativeiro.

O escritor sul-africano revelou que tinha conseguido trabalhar cerca de cinco horas por dia na sua cela e que as condições de detenção tinham sido «correctas». «Só os meus dois anos de isolamento me pareceram penosos» acrescentou.

Rodeado por numerosos jornalistas e fotógrafos, que o aguardavam no salão de honra do aeroporto de Roissy, Breytenbach declarou finalmente não saber se ia prosseguir a sua luta contra o regime do «apartheid» do Governo sul-africano. «Sou antes de mais nada um pintor e poeta, não sei se continuarei a lutar. Desejo doravante permanecer junto da minha esposa e

tenho muitas coisas a escrever», concluiu.

«Em defesa dos direitos humanos»

As «diligências muito frequentes» do Governo francês junto de Pretória para obter a libertação de Breyten Breytenbach inserem-se numa vontade de conduzir uma política activa de «defesa dos Direitos do Homem», declararam, ontem, fontes oficiais no Quai d'Orsay.

Antes da libertação de Breytenbach, uma intervenção idêntica do governo francês junto de Havana tinha permitido a libertação, a 21 de Outubro, do poeta cubano Armando Valladares.

No Ministério das Relações Externas, «congratularam-se» com a libertação do poeta sul-africano e com a sua escolha de

viver em França, salientando o carácter puramente «humanitário» das diligências francesas.

Por outro lado, o ministro das Relações Externas, Claude Cheysson, tinha anunciado, na passada quarta-feira, perante a Assembleia Nacional, que os «Dez» da comunidade europeia intervirão «largamente por iniciativa da França» no sentido de colocarem as autoridades sul-africanas «perante as suas responsabilidades e a sua consciência», no caso dos três militantes do ANC condenados à morte, cujo recurso acaba de ser rejeitado.

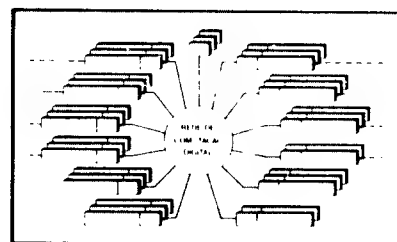
O recurso introduzido por este três militantes negros do Congresso Nacional Africano condenados à morte em Agosto de 1981 por «alta traição» foi rejeitado em fins de Novembro pelo tribunal de Bloemfontein. Esta rejeição suscitou em França inu-

meros protestos de movimentos anti-«apartheid» ou de defesa dos direitos do homem.

Nesta mesma intervenção, Cheysson tinha indicado que havia diligências em curso «por iniciativa da França» a favor do pastor Beyers Naude, «grande figura do mundo branco da África do Sul», que é alvo de medidas de «expulsão».

Recorda-se que o actual governo francês fez gestos a favor dos movimentos de Libertação da África Austral, nomeadamente ao autorizar, em Setembro de 1981, a abertura de delegações da SWAPO (Organização do Povo de Sudoeste-Africano-Namíbia) e da ANC. Da mesma forma, no seio do «grupo de contacto da ONU» sobre a Namíbia, Paris apoiou o projecto das Nações Unidas para uma solução da questão namibiana.

SYSTEM 12



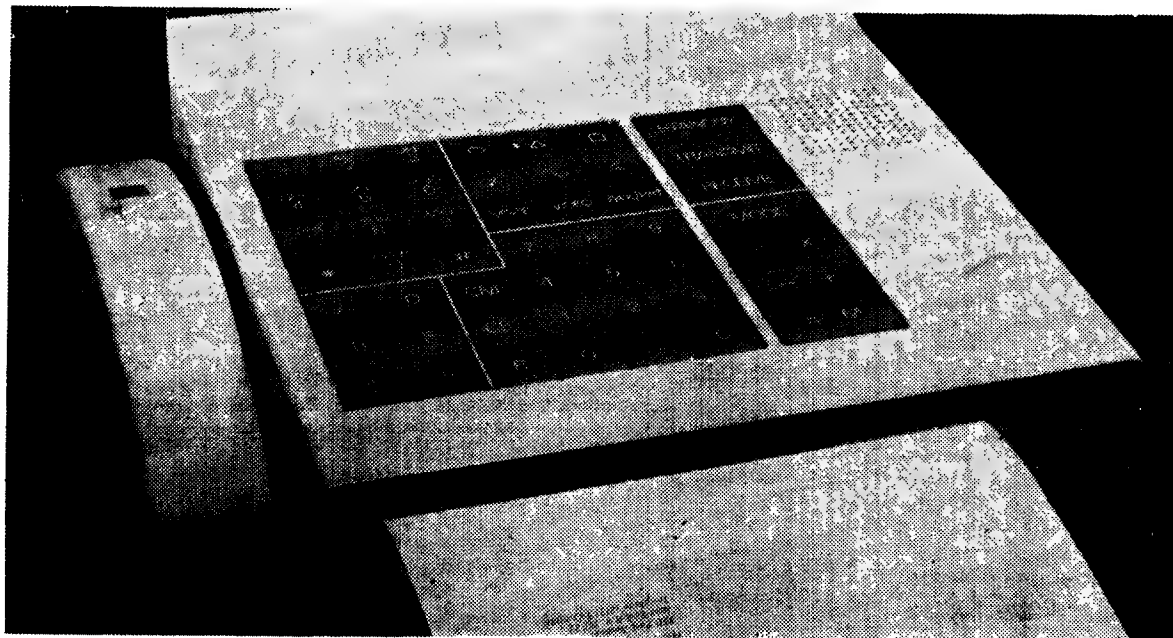
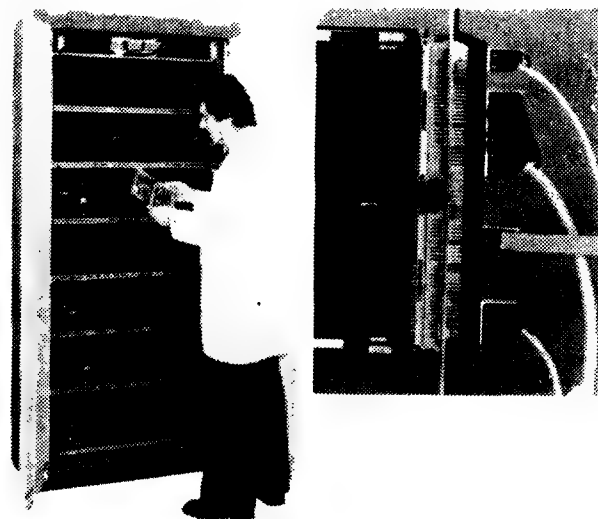
SUBITAMENTE ... NO LIMIAR DE UMA NOVA ERA

No limiar da nova era tecnológica, transmitir informação rápida e eficazmente será o factor de maior incidência no progresso e desenvolvimento da humanidade.

Atento a esta realidade, o Deutsche Bundespost (Correios Alemães) tem em funcionamento, desde Julho, duas centrais digitais de comutação telefónica do SISTEMA 12, nas cidades de Stuttgart e Heilbronn.

Este sistema, projecto da ITT, utiliza dispositivos semicondutores de integração em muito larga escala (VLSI) e permite não só incorporar facilmente novos desenvolvimentos, como também comutar dados, texto e imagem.

A Standard Eléctrica, como associada portuguesa da ITT, tem acesso integral a mais esta tecnologia, estando assim particularmente apta a responder à necessidade de reapetrechamento e modernização das telecomunicações nacionais.



Standard Eléctrica, s.a.r.l. **ITT**
uma associada portuguesa da

Sindetex contra projecto governamental de modernização do sector têxtil

«O actual projecto de programa de reestruturação do sector têxtil não serve» e «a menos que sofra profundas alterações, contará com a nossa firme oposição», afirmou o secretário-geral do Sindicato Democrático dos Têxteis (Sindetex), José Mota, em conferência de imprensa realizada no Porto e durante a qual foi revelada a posição daquele estrutura sindical, face ao projecto do Governo do «programa de modernização da indústria têxtil e do vestuário».

O dirigente do Sindetex sublinhou que o sector «não está preparado para a transformação que o Governo pretende, a modernização do equipamento vai levar tempo, assim como a adaptação dos trabalhadores».

«Para o Governo, reestruturar o sector têxtil parece significar acabar com inúmeras pequenas e médias empresas e lançar no desemprego dezenas de milhares de trabalhadores» — disse

José Mota.

Acrescentou que «o programa do Governo para a modernização da indústria têxtil e do vestuário resume-se em pôr a comunidade a pagar para aumentar os lucros do grande patronato».

O secretário-geral do Sindetex considerou «o projecto altamente burocrático e centralizador, em caso algum apontando ou permitindo a intervenção dos trabalhadores, directamente ou através das suas organizações sindicais».

«O projecto fica-se por um programa incompleto e mal definido de apoios e incentivos, não se enquadrando num plano claro, com finalidade e objectivos precisos», sublinhou.

O Sindetex considera que a ausência de um plano integrado «é nítida», por exemplo na «não abordagem da problemática da criação de indústrias alternativas, sobretudo nas zonas de actual concentração do sector têxtil».

Função Pública

Dirigentes sindicais concentram-se amanhã em frente à AR

Dirigentes da Frente Comum de Sindicatos da Função Pública vão concentrar-se amanhã, em frente à Assembleia da República, numa acção integrada na luta do sector pela melhoria das condições de vida.

Segundo a respectiva Comissão Negociadora Sindical (CNS) a concentração visa igualmente «responsabilizar os deputados dos diversos grupos parlamentares quanto à grave situação em que se encontram os trabalhado-

res deste sector». A CNS também convocou uma jornada de luta para a próxima quinta-feira.

Os sindicatos exigem que o ministro da Reforma Administrativa, Meneres Pimentel, «reinicie de imediato a negociação das matérias pecuniárias e das restantes reivindicações constantes da proposta reivindicativa comum». Sublinham que os resultados até agora conseguidos, nomeadamente «a mudança de posição do Governo», desde um

hipotético congelamento de salários até aos actuais 17 por cento, se devem à luta dos trabalhadores.

Os representantes sindicais, que recusam a imposição de um tecto salarial, afirmam que a luta irá continuar, desenvolvendo-se das «mais diversas formas e por uma nova política que salvguarde o seu direito ao trabalho e ao emprego e garanta uma efectiva melhoria das suas condições de vida».

Hoje Vigilantes iniciaram dois dias de greve

A greve dos vigilantes, iniciada às zero horas de hoje, regista uma adesão de 55 por cento, disse um porta-voz do Sindicato da Portaria, Vigilância e Limpeza.

A paralisação, que termina às 24 horas de amanhã, visa obrigar o patronato a negociar os aumentos salariais bem como os subsídios de alimentação e de turno.

Como o «DL» já feriu anteriormente, a comissão patronal não aceitou a proposta de aumento de 20 por cento feita na última reunião de negociação pelo conciliador do Ministério de Trabalho. Na ocasião, rejeitou igualmente a proposta sindical que apontava para a realização urgente de uma nova reunião de conciliação.

Os vencimentos dos trabalhadores da vigilância vigoram há já 19 meses, recebendo apenas 14 400 escudos sem regalias sociais ou subsídios, apesar de trabalharem por turnos aos sábados, domingos e feriados.

Plenário da USL

Com início às 15 horas, reúne-se esta tarde, no Sindicato dos Gráficos, o plenário da União dos Sindicatos de Lisboa (USL), que apreciará o orça-

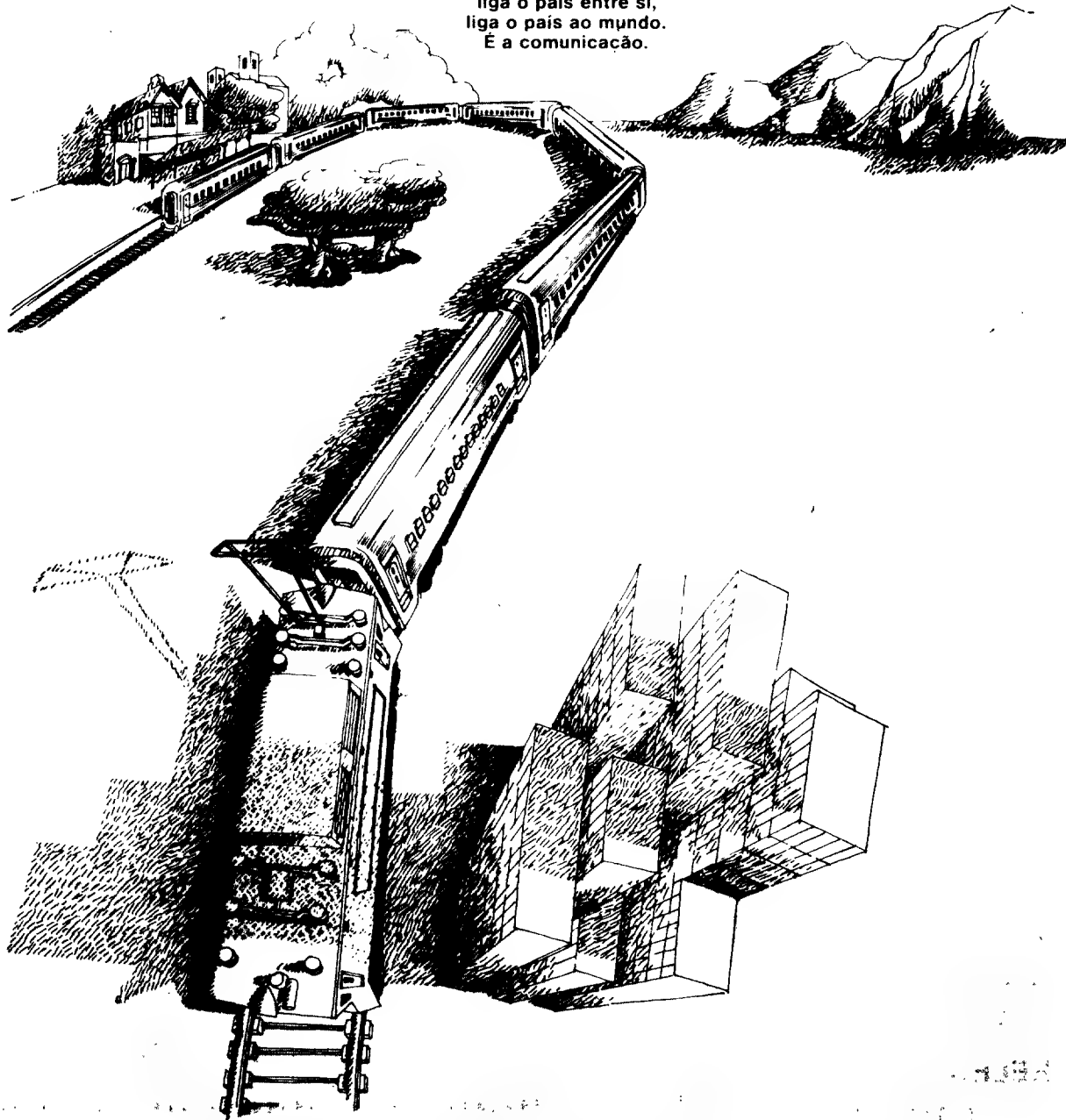
mento para 1983, sendo ainda analisada a actual situação social.

A tentativa do Governo de impor um tecto salarial e o pro-

telamento do aumento dos salários mínimos para a indústria, comércio, serviços, agricultura e serviços domésticos merecerão igualmente a atenção dos dirigentes sindicais.

caminhos de ferro·caminhos de comunicação

Uma linha liga dois pontos.
Uma linha de caminho de ferro
liga muitas coisas de muitas formas.
Faz comunicar gente, ideias, vontades.
Leva correio, jornais, produtos.
Traz soluções, negócios, progresso.
Uma linha de caminho de ferro
liga o país entre si,
liga o país ao mundo.
É a comunicação.



caminhos de ferro·caminhos de futuro

A BARRACA

RUA ALEXANDRE HERCULANO, n.º 70
T. 6 86 300



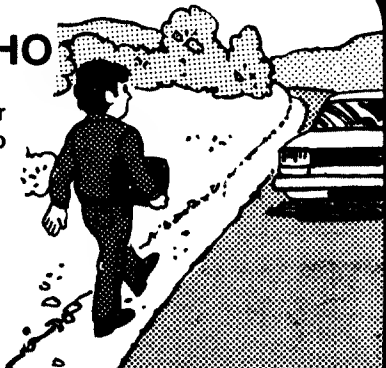
ESTREIA 4.ª. 21h30
Só até ao fim do mês

TUDO BEM!

reflexões acerca do homem novo

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho a caminhar do lado esquerdo da Faixa de rodagem, para ver de Frente os veículos



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Angústia Desespero Solidão

54 45 45



uma voz amiga estará contigo

DESPORTO

Basquetebol: Porto absoluto

Terminou ontem a 1.ª volta (10.ª jornada) do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão de Basquetebol com o F. C. do Porto como triunfador absoluto: dez vitórias. No extremo oposto o CDUL (único dos 11 concorrentes que «fala» apenas a língua de Camões) sem qualquer vitória. O «cinco» do prof. Jorge Araújo tem criadas (e bem alicerçadas) todas as condições para levar para o Porto a última fase da prova em que o título se decidirá e, consequentemente, mais do que outra equipa, arrebatar o ceptro ao «extinto» (para mágoa dos adeptos da modalidade) Sporting.

Na dupla jornada de sábado e ontem, as honras vão indo para o Benfica (vencedor nos Olivais e na Figueira), para o Porto (também vencedor, em Queluz e no Universitário) e para o Barreirense (vencedor em casa). A turma da margem Sul do Tejo foi a única nas duas jornadas, que conseguiu uma «centena» (frente à Sanjoanense).

A posição actual dos onze competidores revela que F.C. do

Porto, Barreirense, Benfica, Olivais, Queluz e Sangalhos, têm lugar na fase seguinte da prova faltando, consequentemente, esclarecer a 7.ª e 8.ª posições, que também qualificam para a «poule» imediata, para as quais há quatro candidatos: Atlético, Sanjoanense, Ginásio e Ovarense.

Resultados de sábado: Olivais-Benfica, 78-87 (74-74 no fim do tempo regulamentar); CDUL-Ovarense, 75-79; Ginásio - Atlético, 62-60; Queluz - F. C. do Porto, 89-90; Barreirense - Sanjoanense, 115-86 (folgou o Sangalhos). Ontem: CDUL - F. C. do Porto, 46-71; Ginásio - Benfica, 83-90; Olivais - Atlético, 90-71; Queluz - Ovarense, 97-79; Barreirense - Sangalhos, 94-82. (folgou a Sanjoanense). Pontuação (ao fim da 1.ª volta): F. C. do Porto, 10 jogos e 20 pontos; 2. Barreirense, 10-18; 3. Benfica, 10-17; 4s. Olivais e Queluz, 10-16; 6. Sangalhos, 10-15; 7s. Ginásio e Sanjoanense, 10-14; 9. Atlético, 10-13; 10. Ovarense, 10-12 e 11. CDUL, 10-10.

«Taça» hoquista

Árbitro defrauda verdade do jogo

Ao empatar (3-3) com o Sporting, em Alvalade, o FC Porto garantiu a sua presença na final da «Taça de Portugal» de hóquei em patins. Os nortenhos, que tinham ganho na 1.ª mão por 8-7, actuaram com muitas cautelas aguentando bem a pressão do Sporting. O árbitro (Couto Moreira, do Porto) cotou-se como a triste figura principal do jogo, deixando transparecer não possuir categoria para dirigir encontros importantes o que é demonstrado pelo facto de não ser árbitro internacional. O Sporting terá sido o mais prejudicado pela arbitragem que, já na 2.ª parte, obrigou à interrupção do jogo por cerca de 10 minutos para que fosse pedido reforço policial, uma vez que espectadores pretendiam ultrapassar a vedação

do Pavilhão de Alvalade e invadir o recinto de jogo. Nessa altura, elementos da direcção do Sporting exigiram que a sua equipa abandonasse o recinto, o que só não chegou a acontecer porque o treinador António Livramento o impediu.

A partida não foi agradável de seguir já que hóquei foi pouco dignificado.

Couto Moreira mostrou o cartão amarelo a Realista, Trindade e José Rosado (do Sporting) e a Vítor Hugo e Vítor Bruno (do FC Porto) e o cartão azul (exclusão do jogo por dois minutos) a Realista, Trindade e José Rosado (do Sporting). As equipas alinharam:

Sporting: Ramalheite, José Rosado, Realista, Trindade, Luís Nunes.

FC Porto: Domingos, Alves, Faná, Vítor Hugo, Vítor Bruno, Vale.

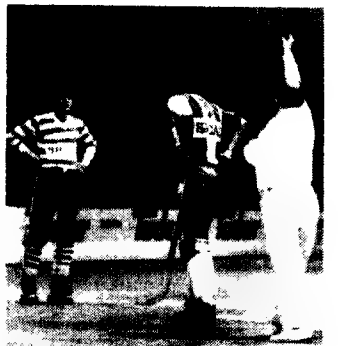
Marcadores: 1-0 Trindade, aos 10 minutos; 1-1, Vítor Hugo, aos 16; 1-2, Vítor Hugo, aos 29; 2-2, Trindade, aos 34; 3-2, Luís Nunes, aos 39; 3-3, Vale, a 12 segundos do final.

Resta dizer que o «espectáculo» terminou com agressões, de que não se livrou o juiz português.

Entretanto, o Benfica confirmou (no Pavilhão da Luz) a sua qualificação para a final da «Taça», derrotando por 12-7, o Paço de Arcos, na 2.ª «mão» das meias-finais. Só a exibição descontrada de ambas as equipas, com a eliminatória praticamente decidida a partir da vitória «encarnada» por 6-0 em Paço de Arcos, justifica os números finais. Com a sorte já decidida, as duas equipas jogaram aberto, sem esquemas defensivos e o Paço de Arcos foi o inaugurador do activo. Só aos 9 minutos o Benfica conseguiu passar para a posição de vencedor, por 3-2, mas os visitantes ainda deram «luta» até aos 4-4. A partir daí, a dupla Picas-Piruças (em bom funcionamento do ataque benfiquista) impulsionou o resultado em quatro minutos, para 8-4, o que resolveu o jogo.

Com o invulgar marcador de 9-6 ao intervalo, a 2.ª parte foi mais monótona, limitando-se as equipas a cumprir o resto da eliminatória.

Sob arbitragem de Carlos Pais, as equipas alinharam e marcaram:



Dois minutos de expulsão

BENFICA: Fernandes, José Carlos (1), Fernando Pereira (4), Picas (4), Piruças (1), Cristiano e Leste (2).

PAÇO DE ARCOS: Bravo, Vítor Rosado (4), Dantas (1), Rocha, Garrido (1), João Pedro (1) e Almas.

Europeu de juvenis

A Itália venceu o torneio europeu de juvenis de hóquei em patins, que se desenrolou em Zandam (Holanda) com mais três pontos do que a selecção de Portugal, uma vez que, ontem, último dia da prova, os portugueses depois de terem ganho por 5-1 à RFA, não foram além de um empate, a uma bola, com a turma holandesa, enquanto os italianos venceram os belgas, por 9-0, e os alemães federais por 4-0. Outros resultados das últimas jornadas: França, 2-Inglterra, 1; Holanda, 3-Suíça, 0; Inglaterra, 0-Bélgica, 3; e Suíça, 1-França, 1. A Itália, além de ter obtido o primeiro lugar, foi a turma com melhor «goal-average» (43-9), enquanto Portugal apenas marcou 42 golos, tendo sofrido 12. Na terceira posição classificou-se a Holanda, com 9 pontos, seguindo-se-lhe as turmas da RFA (8), França (7), Bélgica (3), e Suíça e Inglaterra, ambas com apenas dois pontos.

Andebol: Benfica recordista de golos

O Benfica «rubricou» novo recorde de golos (54-13) na 8.ª Jornada da divisão de honra do campeonato nacional de andebol. Os «encarnados» excederam o máximo conseguido a semana passada na baliza da mesma «vitima»: Cascais, que permanece com um recorde negativo (é a única equipa da prova que não logrou ainda um empate).

Na ronda há a salientar a vitória do Belenenses em Almada, não só por ter sido conseguida frente a um adversário valoroso, como por ter sido o solitário triunfador em recinto neutro.

O FC Porto (ao Norte) e o Benfica (ao Sul) contam por vitórias os jogos disputados, num testemunho de supremacia sem competidores particularmente difíceis (para os portistas) e com um antagonismo que só «leões» sustentam (em relação à

«água»). Resultados na Zona Norte: Fermentões - Académico do Porto, 18-17; Desp. Portugal - Académica de Coimbra, 23-18; FC Porto - Sp. Espinho, 30-23 e Ac. S. Mamede - Desp. da Póvoa, 26-19.

Zona Sul: Benfica - Cascais, 54-13; Almada - Belenenses, 24-28; Paço de Arcos - Vit. Setúbal, 24-16 e Sporting - Encarnação, 31-23.

Pontuação: Zona Norte: 1.º, FC Porto, 9 jogos e 27 pontos; 2.º, S. Mamede, 9-23; 3.º, Académica de Coimbra, 9-18; 4.º, Desp. Portugal, 8-17; 5.º, Académico do Porto, 9-15; 6.º, Sp. Espinho, 8-13; 7.º, Fermentões, 9-13 e 8.º, Desp. da Póvoa, 9-11. Zona Sul: 1.º, Benfica, 9 jogos e 27 pontos; 2.º, Sporting, 9-25; 3.º, Belenenses, 9-23; 4.º, Almada e Paço de Arcos, 9-17; 6.º, Encarnação, 9-15; 7.º, Vitória de Setúbal, 9-11 e 8.º, Cascais, 9-9.



Tudo terminaria de modo insólito: agressões foram como pão para a boca

Colectividades

CIF

Futebol e ténis vão preencher as comemorações, na próxima 4.ª-feira, do 80.º aniversário do Clube Internacional de Foot-Ball (CIF), fundado em 1902 que ainda usa na sua designação a versão inglesa de futebol e inaugura no dia 8 uma exposição evocativa da sua história, que poderá ser vista nas suas instalações, no Caramão da Ajuda, em Lisboa.

O CIF é um dos mais antigos clubes do desporto amador em Portugal e ao longo de oito décadas tem-se afirmado defensor da formação desportiva e do ideal olímpico. Troféus e medalhas de dedicação vão ser entregues nestas comemorações do 80.º aniversário, depois de os futebolistas juvenis do Benfica e do Sporting se terem defrontado, de se ter exibido a classe infantil feminina do Ginásio Clube Português e de terem jogado a selecção do CIF e uma selecção de veteranos ex-profissionais do futebol. Entretanto, serão apresentadas as escolas juvenis de ténis do CIF, disputada a final do Torneio «80.º Aniversário» e ainda a final do Torneio «Oito Magníficos».

Placard

Mamede: 3.º na Bélgica

Fernando Mamede classificou-se em 3.º lugar no Crosse Internacional disputado em Dender-Houten, arredores de Bruxelas, que foi ganho pelo belga Emile Puttemans, que cumpriu o percurso de 8,6 quilómetros em 28 minutos, 15 segundos. Mamede entrou um segundo mais tarde, mas depois de Van Huylebroeck. Em 4.º lugar ficou Roger de Vogel e em 5.º o irlandês John Treacy.

Judo: meninas

Leopoldina Damdeias (do Judo Clube de Portugal) obteve a melhor classificação de sempre do judo nacional, ao classificar-se, em 5.º lugar, na categoria de menos de 61 quilos do Mundial, que se realizou em Paris, depois de vencer três dos cinco combates em que participou. Amália Rocha (Bombeiros dos Estoril) obteve o 7.º lugar, na categoria de menos de 66 quilos, com uma vitória, ainda no decurso da primeira jornada, enquanto que, na de ontem, Eugénia Pereira (Algés e Dafundo), foi a única judoca portuguesa a ganhar um combate, na categoria de menos de 56 quilos, pois Ana Paula

Dourado e Maria Emilia Lobo (ambas do Judo Clube) nas categorias de menos de 52 e 72 quilos, respectivamente, perderam os seus combates.

Ténis: Lendl vence McEnroe

O checoslovaco Ivan Lendl venceu o norte-americano John McEnroe, por 3-6, 7-6, 6-3, 6-3, conquistando o primeiro torneio de campeonos de ténis de Antuérpia. Cerca de 14 000 espectadores presenciaram, no Palácio dos Desportos de Antuérpia, à final do torneio, que não conta para a classificação APT dos tenistas profissionais.

Lendl ganhou um cheque de 200 mil dólares (mais de 18 mil contos), enquanto McEnroe se teve que contentar com um de 100 000.

O torneio de Antuérpia é o que maiores prémios tem no mundo, totalizando 700 mil dólares. Além deste dinheiro há um prémio especial: uma raqueta em tamanho natural, com seis quilos de peso em ouro maciço e 13 500 diamantes incrustados. Este prémio especial, oferecido pelos comerciantes de diamantes de Antuérpia, destina-se ao jogador que ganhe três em cinco edições.

Voleibol: Leixões pelo caminho

O Leixões perdeu os dois jogos (masculino e feminino) que, no sábado e ontem, disputou a contar para a Taça dos Campeões de Voleibol nas duas categorias. Jogando em «casa», no Pavilhão Sisa Vieira, perante adversários de muito superior traquejo técnico-físico, os dois «sets» matosinhenses foram «despachados» à «velocidade do som», não conseguindo, sequer, uma vitória parcial.

Entretanto, no sábado, o CDUP, também para uma prova europeia (a Taça Confederação Europeia, que está para o «volei» como a Taça UEFA para o futebol) bateu, entre equipas femininas, as gregas do Aris de Salónica.

Resultados na Taça dos

Campeões, para atletas masculinos (1.ª «mão» da 1.ª eliminatória): Leixões, 0 - Geissen (RFA); 3, com os parciais de 5-15, 5-15 e 13-15. Femininos, Taça dos Campeões (1.ª «mão» da 2.ª eliminatória): Leixões, 0 - Olimpia de Ravena (Itália); 3, com os parciais de 2-15, 3-15 e 11-15. Taça CEV (1.ª «mão» da 1.ª eliminatória): CDUP, 3 - Aris (Grécia); 1, com os parciais de 15-5, 15-6, 2-15 e 15-13.

As turmas nacionais terão que se deslocar na segunda «mão» aos países dos adversários. As duas equipas leixoienses não têm possibilidades de vitória, enquanto o CDUP poderá almentar esperanças de qualificação.

Belgrado: desvio de fundos no Estrela Vermelha

O tesoureiro do clube futebol Estrela Vermelha de Belgrado, (Mihailo Korica, de 49 anos) foi condenado a oito anos de prisão por desvio de fundos. Mihailo Korica era acusado de se ter «apropriado» de uma soma de 790 000 dinares (cerca de 800 contos) provenientes da venda de bilhetes para os jogos disputados pelo Estrela Vermelha. Trata-se da primeira condenação em Belgrado no caso das tesourarias ocultas dos clubes desportivos (revelado no passado mês de Agosto pela Inspeção Federal das Finanças) e em que estão implicadas cerca de 2000 pessoas. Em Novembro passado, dois dirigentes de um clube de boxe de Zagreb tinham sido condenados a quinze e a onze anos e meio de prisão, pelos mesmos motivos.

CONTACTORES
DISJUNTORES
RELÉS
INTERRUPTORES

MEC L

(Associada da Telemec)

Empresa
distribuidora
da aparelhagem



Telemecanique

SEDE: R. D. Estefânia, 92-A, 1000 LISBOA — Tel.: 53 73 29 - 54 21 76 - 57 13 99
VENDAS: R. Cons. Mariano de Carvalho, 45, OLIVAIAS — Tel.: 31 30 25 - 33 00 73/74

DESPORTO



Amora: divisão de pontos



Portimão: uma confusão dos diabos e estorilistas metendo água por todos os lados

Nacional de futebol

Dia de goleadas

O Alcabça quebrou a série de vitórias do Benfica no campeonato de futebol da 1.ª divisão, impondo um empate (1-1) na 12.ª jornada da prova. O Benfica esteve a vencer por 1-0 (golo de Nenê, aos 39 minutos), mas, na 2.ª parte, quebrou o ritmo permitindo ao Alcabça surgir mais frequentemente junto da baliza de Bento. A doze minutos do final Nelito rematou sem hipótese de defesa para o guarda-redes benfiquista, no seguimento de um contra-ataque desenvolvido pelo lado esquerdo do ataque do Alcabça, por intermédio de Caçunghi. Com este empate o Benfica diminuiu para quatro pontos o seu avanço sobre o 2.º classificado, o FC Porto, que venceu o Varzim (no Estádio das Antas) por 4-0 com golos de Walsh (2), Gomes e Frasco. Também o 3.º classificado, o Sporting, beneficiou do empate do Benfica em Alcabça, já que, ao vencer o Salgueiros por 3-0, reduziu a sua diferença em relação aos «en-

carnados» para cinco pontos. Jordão, na transformação de três grandes penalidades (indescutíveis) construiu o resultado em Alvalade, num jogo em que, perante um Salgueiros pouco perigoso, o Sporting também não jogou o seu melhor. De notar que Oliveira foi suplente.

As grandes «goleadas» da jornada pertenceram ao Portimonense, que venceu o Estoril (6-0), e ao Rio Ave, que não teve dificuldade em bater o Marítimo (6-1). Carlinhos (no 1.º minuto de jogo), abriu o caminho para a dilatada vitória do Portimonense, que foi ampliada aos 8 minutos por Dário, aos 37 por Raul Águas, aos 38 por Roçadas, aos 45 por Cansado, que introduziu a bola na sua própria baliza e, finalmente, aos 47 de novo por Raul Águas. Em Vila do Conde, o Marítimo (a fazer uma época irregular) não teve forças para travar o Rio Ave, apostado em repetir a boa carreira da época passada. N'Habola (por três vezes), Pires, Adérito e Luis Saura marcaram os seis golos do Rio Ave, aos quais os madeirenses ripostaram apenas com um tento da autoria de Albertino.

Numa jornada em que se marcaram 27 golos (novo recorde

deste campeonato) apenas se verificaram dois empates, cedidos pelo Amora, no seu campo, frente ao Guimarães (1-1) e pelo Espinho, em S. João da Madeira, perante o Boavista (0-0).

O Amora, que chegou a estar a perder (0-1) com um golo do vianense Flávio (obtido aos 40 minutos), reagiu acabando por empatar a partida aos 53 minutos, por intermédio de Marlon.

Em S. João da Madeira, o jogo terminou empatado sem golos, embora o Espinho possa queixar-se de uma grande penalidade desperdiçada aos 60 minutos, por João Carlos com Matos a defender para perto e a agarrar a bola vinda da recarga efectuada por Moinhos.

O campeonato é interrompido no próximo fim-de-semana devido a realização de mais uma eliminatória da Taça de Portugal, reatando-se no dia 19 com os seguintes jogos: FC Porto - Rio Ave, Marítimo - Amora, Guimarães - Alcabça, Benfica - Portimonense, Estoril - Sporting, Salgueiros - Braga, Setúbal - Espinho e Varzim - Boavista.

Para a história

Resultados da 12.ª jornada: Alcabça - Benfica, 1-1 (0-1

ao intervalo); FC Porto - Varzim, 4-0 (1-0); Sporting - Salgueiros, 3-0 (2-0); Rio Ave - Marítimo, 6-1 (3-0); Portimonense - Estoril, 6-0 (5-0); Amora - Guimarães, 1-1 (0-1); Braga - Setúbal, 3-0 (0-0) e Espinho - Boavista, 0-0.

Cumprida a 10.ª jornada do Campeonato da 2.ª Divisão, apenas se vislumbra um comandante isolado: o Vizela, na Zona Norte. Eis os desfechos nesse bloco: Sanjoanense - Oliveirense, 1-1; Valonguense - Feirense, 0-0; Leça - Gil Vicente, 0-1; Lourosa - Riopelle, 1-1; Valdevez - Chaves, 1-2; Bragança - Penafiel, 0-0; Famalicão - Paços de Ferreira, 3-0; e Vizela - Leixões, 2-1.

	V	E	D	G	P
Vizela	6	2	2	14-8	15
Penafiel	6	2	2	22-10	14
Riopelle	5	3	2	14-7	14
Leixões	5	2	3	20-8	13
Al. Vicente	4	4	2	14-7	12
Chaves	4	4	2	8-10	12
Valdevez	5	1	4	16-9	11
Valongo	4	3	4	13-13	11
Sanjoanense	3	4	3	7-6	10
Famalicão	3	3	4	9-13	9
Lousa	3	3	4	9-16	9
Feirense	3	2	5	7-8	8
Oliveirense	1	4	5	6-12	6
Bragança	2	2	6	9-17	6
Leça	1	4	5	7-19	5
Valonguense	1	4	5	8-20	6

Zona Centro: Anadia - Covilhã, 1-0; Torriense - Águeda, 0-0; Benfca de Castelo Branco - Estarreja, 2-1; Rio Maior - Nazarenos, 1-0; União de Coimbra - Académico de Coimbra, 2-3; Estrela de Portalegre - União de Leiria, 1-1; Peniche - Académico de Viseu, 3-0; e Beira-Mar - Oliveira do Bairro, 1-0.

Peniche, 14 pontos. Zona Sul (Série E): Estoril - Sporting, 1-2; Atlético - Oriental, 1-1; Oliv. Moscardide - F. Benfca, 4-1; SL Cartaxo - Almada, 1-1 e Benfca - Belenenses, 8-1. Guia: Sporting, 17 pontos. Série F: GD Quimigal - Farense, 2-2; Torralta - V. Setúbal, 6-0; Amora - Estr. V. Novas, 3-1; Barreirense - Sp. Cuba, 4-0 e Olhanense - Desp. Beja, 3-0. Guia: Farense, 17 pontos.

Guia: Leixões, 18 pontos. Zona Centro (Série C): Gouveia - Buarcos, 5-0; F. Telha - Acad. Coimbra, 1-1; U. Coimbra - Anadia, 3-0; Repesesenses - S. Romão, 3-0; Naval, 1.º Maio - Beira Mar, 2-2. Guia: U. Coimbra, 18 pontos. Série D: Peniche - Marinhense, 2-0; Portalegre - Proença Nova, 4-1; Benf. C. Branco - Alter, 1-0; Riachense - Nazarenos, 0-0 e U. Leiria - U. Almeirim, 0-1. Guia:

Águeda	7	2	1	18-6	16
Académico	7	2	1	22-9	16
Torreense	6	3	1	18-6	15
Beira Mar	4	5	1	11-8	13
Peniche	4	2	4	10-10	10
Oliv. Bairro	4	2	4	11-17	10
U. Leiria	2	5	3	9-10	9
Acad. Viseu	4	1	5	12-15	9
Benf. C. Branco	2	5	3	14-17	9
Anadia	4	1	5	9-14	9
Rio Maior	3	3	4	6-12	9
Estrela	3	2	5	22-18	8
U. Coimbra	3	2	5	12-12	8
Wassmuss	3	2	5	9-14	8
Estarreja	2	2	6	9-13	6
Covilhã	2	1	7	5-16	5

Zona Sul: Juventude - Sesimbra, 0-0; Odivelas - União da Madeira, 1-2; Sacavenense - Atlético, 1-0; Barreirense - Vasco da Gama, 2-4; Olhanense - Farense, 0-2; Elvas - Grupo Desportivo Quimigal, 0-0; Belenenses - Cova da Piedade, 3-1; e Nacional - Lusitano de Évora, 0-0.

Farense	7	2	1	22-5	16
U. Madeira (a)	6	4	1	21-11	16
Belenenses	5	3	2	11-5	13
Sesimbra	4	5	1	7-9	13
Nacional	4	4	2	12-7	12
Lusitano	3	6	1	13-11	12
Elvas	2	5	3	8-8	9
C. Piedade	3	3	4	14-15	9
Olhanense	2	5	3	10-12	9
V. Gama	3	3	4	10-12	9
Odivelas	3	3	4	11-15	9
Atlético	2	4	4	10-12	8
Barreirense (a)	2	4	5	11-17	8
Juventude	1	5	4	6-13	7
Sacavenense	3	1	6	6-12	7
GD Quimigal	1	3	6	6-13	5

a) Têm um jogo a mais.

TOTO BOLA a chave

Alcabça-Benfica		x
Porto-Varzim		1
Rio Ave-Marítimo		1
Amora-Guimarães		x
Portimonense-Estoril		1
Braga-Setúbal		1
Espinho-Boavista		x
Bragança-Penafiel		x
Vizela-Leixões		1
Torreense-Águeda		x
U. de Coimbra-Académico		2
Juventude-Sesimbra		x
Olhanense-Farense		2

O valor de cada prémio é de 24 922 202 escudos e prevêem-se entre 200 e 250 totalistas. Com 12 resultados certos as previsões apontam de 5500 a 7500 apostas.

Divisão 3

Fafe, Tirsense e Lagos: os mais destacados

Cumpriu-se a 8.ª etapa do Campeonato da 3.ª Divisão. Resultados na Série A: Merelense - Felgueiras, 3-2; Valenciano - Moreirense, 0-0; Aves - M. Cavaleiros, 2-2; Limianos - Ponte Barca, 3-1; Vianense - Neves, 0-0; Cabeceir - S. Martinho, 2-1; Mirandela - Monção, 5-0 e Coelima - Fafe, 0-2; GUIA: Fafe, 13 pontos.

Série B: Paredes - Ermesinde, 0-0; Lixa - Ribeirão (interrompido devido ao nevoeiro); Valadares - Esmoriz, 1-2; José Alves - Lamego, 1-0; Marco Tirsense, 2-1; Vila Real - U. Lamas, 2-1; P. Brandão - Amarante, 2-2; e Infesta - Vilanova, 2-3. GUIA: Tirsense, 13 pontos.

Série C: Tondela - Alcains, 3-1; Mangualde - Poiares, 0-0; V. Benfca - N. 1.º Maio, 2-3; Vildemoinhos - U. Seia, 1-1; Barco - Esperança, 7-0; S. Romão - Guarda, 0-1; Quaios - Mealhada, 1-0; e Ovarense - Pen. Castelo, 1-0. GUIA: Poiares, 12 pontos.

Série D: Sp. Pombal - SL Cartaxo, 2-0; U. Tomar - Atouguense, 8-0; Marinhais - Portalegre, 1-0; U. Santarém - Caldas, 0-1; Marinhense - SL Marinha, 0-0; Bombarral - U. Almeirim, 1-4; Nisa Benfca - T. Novas, 4-2; e Alvaizere - Alferarede, 1-0. GUIA: U. Santarém e U. Tomar, 12 pontos.

Série E: Lusitânia - O. Moscardide, 1-1; Vilafrank - Atl. Cacém, 0-0; Sintrense - Campo-maior, 1-1; SL Olivais - Oliveirense, 1-0; Montijo - Coruchense, 0-1; Santa Clara - P. Pinheiro, 6-0; U. Tires - Vialonga, 0-4; e E. Amadora - Oriental, 2-0. GUIA: Atlético do Cacém, 11 pontos.

Série F: Silves - Moitense, 7-2; C. Caparica - Esperança, 0-0; Almada - Louletano, 4-1; Despertar - Alvorense, 1-2; C. Indústria - Seixal, 0-3; Quarteir. - EV Novas, 2-1; Lusit. V. Real - Trafaria, 2-0; e Campinen. - US Cacém, 1-0. GUIA: Esperança de Lagos, 13 pontos.

Vitória incontestável da turma portista, por números que espelham bem uma diferença que esteve patente ao longo dos 90 minutos.

No entanto, os «azuis e brancos» não realizaram uma exibição por aí além, como o mesmo resultado pode sugerir. Em boa verdade, salvo raras excepções, a actuação do FC Porto pautou-se pela mediania, sobresaindo, de quando em vez, este ou aquele jogador. Neste capítulo, uma saliência especial para Costa, que constituiu, sem dúvida, a «gazua» adequada para abrir o «ferrolho» poveiro.

Equipa sem grandes aspirações, o Varzim apresentou-se nas Antas apenas com um objectivo: retardar o mais possível a subida do marcador. Nesta conformidade, os jogadores poveiros dispuseram-se num «4x4x2» em que o quarteto do meio-campo funcionava mais como um reforço da defesa do que propriamente como armador de jogo. Logo, os portistas ficaram senhores da situação desde o início, criando alguns lances de belo recorte técnico que, todavia, não tiveram uma conclusão tão susceptível de êxitos.

Com efeito, um dos defeitos que mais sobressaiu na equipa das Antas foi precisamente a má finalização de alguns dos seus aríetes.

No caso concreto, Gomes esteve simplesmente irreconhecível, falhando escandalosamente golos de baliza aberta, como não há memória. Marcou um, é certo, mas o «deve e haver» do «rei dos marcadores» neste encontro terá de considerar-se francamente negativo.

Este «colapso» de Gomes será tanto mais de realçar quanto é certo que o Varzim, a

partir dos 57 minutos, ficou reduzido a dez unidades, por expulsão de Albino. Uma «baixa» que passaria despercebida, na medida em que os portistas já mais foram capazes de carregar no acelerador, como se impunha, tendo em vista que a «muralha» varzinista começou a dar sinais de fraqueza e a desunir-se, como até aí não se verificara.

Como dissemos, o jogo valeu, sobretudo, pelos raides de Costa, que ontem deu a sensação de estar a voltar à forma que o notabilizou. O mesmo poder-se-á dizer de Walsh, que correspondeu inteiramente a todas as solicitações, rubricando (também ele) algumas intervenções de boa qualidade, premiadas, aliás, com dois golos de belo efeito.

Em contrapartida, consideramos que, para além de Gomes, há a assinalar as exibições negativas de Gabriel e Frasco. O 1.º errou passes atrás de passes e o segundo agarrou-se demasiado ao esférico, para mais num terreno pesado e escorregadio.

Na turma poveira, julgamos que todos os jogadores cumpriram, mais ou menos, com as instruções recebidas e que, por isso, seria injusto salientar um ou outro jogador. Devemos, no entanto, referir que Albino terá

agravado as dificuldades da sua equipa ao reagir irreflectidamente num lance aparentemente inofensivo. Assinala-se, porém, que depois desse erro, Albino teve um gesto de arrependimento, ao socorrer prontamente Costa, depois de o ter atingido numa perna.

Por último, uma palavra, apenas, para salientar o reaparecimento de José Maria Pedroto, à frente da equipa principal.

Foi especialmente saudado pelas dezenas de milhar de adeptos portistas que acorreram ontem, à tarde, às Antas.

Sobre a arbitragem de Raul Ribeiro muito haveria a dizer, tal a quantidade de erros cometidos ao longo do desafio. Entre os deslizes mais evidentes, teremos de considerar os sucessivos derrubres de Walsh e Gomes na área de rigor, que ficaram por marcar. Quer dizer: Raul Ribeiro teve um critério para as faltas cometidas fora da área e outro para as que eram merecedoras do castigo máximo. Os portistas foram sem dúvida os mais prejudicados, mas os varzinistas também ficaram com razão de queixa.

Manuel Neto

Árbitro: Raul Ribeiro (Aveiro) auxiliado, muito mal, por Fernando Alves (bancada) e pior ainda por Carlos Silva (maratona). F. C. Porto: Fonseca; Gabriel (Simões, aos 78 m.); Eduardo Luís, Eurico e João Pinto; Frasco, Quineto e Sousa; Walsh, Gomes e Costa.

Varzim: Lúcio; Vitoriano, Torres, Washington e José Albino; Albino, Pinto, André e Adão; Valdemar (Jardas, aos 79 m.) e Folha.

Marcadores: Walsh (14 e 48 m.), Gomes (61 m.) e Frasco (85 m.). Cartão amarelo: Costa (37 m.), Pinto (39 m.) e Sousa (74 m.). Cartão vermelho: Albino (57 m.).

DESPORTO



Alfredina: uma das poucas portuguesas com intuição e classe para estar na «selecção feminina de futebol»

Elas ao chuto: zero com a França

Tapadinha, sábado chuvoso e assistência curiosa. Portuguesas e francesas espelhando aquilo que vale o seu futebol feminino. Pelo lado que nos toca, muito bem Alfredina e Tisa, muito mal a guarda-redes Elsa, péssimas as entregues da média Fátima Azevedo e a substituição da campeã de atletismo Fátima Pinto. Do lado de lá, o Trésor de saias: Marie Françoise Sidibe, que usa o cabelo como o parceiro de cor que joga no Braga (Jorge Gomes) e joga melhor que cinquenta por cento dos nossos centrais de primeira divisão.

No seu primeiro jogo disputado em Portugal para o campeonato europeu de futebol, a denominada selecção nacional feminina, não foi além de um empate sem golos com a França. Foi o 3.º jogo das raparigas portuguesas (a equipa que mais partidas disputou no grupo Três da qualificação) e o 1.º ponto obtido, depois de derrotas na Suíça (2-0) e em Itália (3-0).

O jogo da Tapadinha foi caracterizado pelo equilíbrio, com perdas de ambas as partes nos 70 minutos de jogo. Com o aproximar do termo da partida, a expectativa cresceu, quando Isabel Santos marcou (aos 60 minutos) um tento que o árbitro espanhol Sanchez Arminio, invalidou por carga sobre a guarda-redes francesa. Depois foi o «pressing» das gaulesas, empurradas por uma dura e gigante Françoise Sidibe, que comandou com autidade a defesa visitante.

Os derradeiros minutos foram de atrapalhão na defesa portuguesa: e as francesas só não venceram porque a trave travou um remate da perigosa Isabelle Musset e, momentos depois, a guarda-redes suplente Gena fez a sua defesa da tarde ao desviar

a soco um forte remate de Michele Wolf.

Apesar da pressão final sobre a área portuguesa, o empate foi o resultado acertado para a partida, mas não o melhor para as aspirações nacionais.

Cerca de 5000 curiosos assistiram ao encontro em que as equipas alinharam:

Portugal: Elsa (Gena 65); Paula Freitas, São Tato, Eva Antunes, e Cristina Viseu; Tiza, Fátima Azevedo e Alfredina; Paula Lessa, Isabel Santos e Fátima Pinto.

França: Sandrine Colombier; Françoise Paulhae, Sophie Ryckeboer, Marie Agnes e Françoise Sidibe; Elizabeth Loisel, Michele Wolf e Bernardette Constantin, Isabelle Musset, Sylvie Saunier, e Sylvi e Bailly (Veronique Romagnoli, 56).

Após este jogo, a classificação do Grupo 3 europeu é a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
1.ª França	2	1	1	—	1-0	3
2.ª Suíça	1	1	—	—	2-0	2
3.ª Itália	2	1	—	1	3-1	2
4.ª Portugal	3	—	1	2	0-5	1



Embora sem campeonato nacional (ou regionais...) denominaram estas mocinhas de «selecção portuguesa». Respeitemos a boa intenção comum

MICROSCOPIO

Boxe de 1.ª

O norte-americano Thomas Hearns tornou-se (em Nova Orleães) campeão do Mundo dos super-meios-médios, ao vencer o porto-riquenho Wilfredo Benitez, detentor do título (versão

WBC) aos pontos, em 15 assaltos. Por seu lado o porto-riquenho Wilfredo Gomez conservou o título de superleves, ao vencer o mexicano Lupe Pintor, por paragem do árbitro, ao 14.º assalto.

Alcobaça dá o tom da surpresa: 1-1 com o Benfica

Tenacidade versus displicência

Quando o espectáculo terminou e o presidente alcobacense Guerra Madaleno, quase passeado em triunfo e aos saltinhos para poder vislumbrar a plateia, garantiu a cada atleta do Ginásio que estavam concedidas as dez «donas Marias» que seriam (antes) só prémio de êxito, os jogadores quase que ficaram na mesma. E um deles, sem se escusar a desmentir depois para a rapaziada dos jornais que fazia círculo à porta do estádio, disse com modos suaves mas convictos:

O que eu queria é que me dessem agora algum dinheiro do que devem (de ordenados e luvas) pois amanhã a gente tem de comer, não é?

Aqui fica espelhada a abismal diferença entre duas turmas de profissionais do mesmo tipo de «show», mas onde o bloco de Alcobaça não deve auferir, anualmente e na totalidade: metade do que recebe o conjunto de Eriksson, cada jogador (e com legítima razão: o problema não é deles, pertence aos engenhosos dirigentes do nosso futebol) a mais pedir por cada novo compromisso, sempre com acenos de conquista vindos de outras bandas.

Pois, em Alcobaça, o duelo entre os rubros e os «monárquicos» (ginasistas equipam de azul e branco) foi assim a modos que um longo concurso de tiro ao alvo, por parte dos benfiquistas para, às quinhentas e conquistado o habitual golo de Nené (obra preparada de primorosa colocação de bola por parte de João Alves, o mais recente trintão da Luz) todo aquele aglomerado de excelentes executantes ter passado a deixar correr o marfim, aqui e ali arrebanhando mais um punhado de «cantos» mas igualmente desbaratando para as mãos de Domingos ou para as cândidas nuvens (onde passeava uma avioneta com propaganda eleitoral) os sucessivos ensejos de anichar a bola no véu da noiva e, na sequência, ganhar o desafio por margem além da bitola que começa a fazer história.

E, a certa altura, estava metade da malta de rabo erguido e até alguns jornalistas já tinham descido para os carrinhos, viu-se o pequeno escândalo, mais que merecido pela tenacidade e brio da legião alcobacense: Cavungi a correr como um relâmpago pela sua faixa e, aproveitando a dupla de centrais benfiquistas só ser capaz de cortar bolas que chegassem pelo ar, a centrar rasteirinho para Nelito meter o pé e escrever história.

Diga-se que, no tempo complementar, Domingos foi o rei e senhor do palco: um punhado de defesas para vinte valores, evitando em derradeira análise o descalabro de uma defesa de cristal que não tem ponta por onde se pegue, cada um ao seu e

todos ao mesmo. Naquele torvelinho inacreditável de pontapés desviados, salvaram-se Lelo e Jorge Oliveira, os únicos que puderam acompanhar Nelito e Cavungi como festeiros da terra que rasgava os braços hospitaleira e alegremente, à maior plateia até hoje reunida no «municipal».

Nessa volta inicial de compasso, o calendário marcou unicamente um momento de apuro para Bento, desfeito com um toque sobre a barra para a linha de cabeceira. No resto, era a malta do Benfica a chutar, a falhar, a correr, a renunciar, a ver como estava o relógio e toca a andar que era dia de festa para João Alves e havia champanhe à espera.

Mesma toada, precisamente igual filme no período complementar. Só que aqui saiu o tiro pela culatra, naquela vingançazinha do moreninho que foi corrido da Luz e, centrando como se impunha (mesmo à flor da terra) a bater irremediavelmente dois centrais de ocasião, dar a outro parceiro de África o ensejo para empurrão vitorioso. E, o melhor da festa esteve a um passo: logo na volta, foi Bento quem, com uma parada simplesmente espectacular travou o descalabro total, o dois-um que, diga-se também de passagem, era castigo demasiado para a displicência vermelha e prémio milionário para um «team» que vai dar muito trabalho ao novo técnico Vital, antes de conseguir dar um fiozinho de jogo aquela legião sem norte nem bússola.

Verdade que faltaram pedras influentes ao Benfica: Humberto e Shéu (já para não falar em Bastos Lopes II) e que também o mano deste teve de renunciar cedo à participação no quinhão.

Porém, nada disso explica que um grupo que marcha ufana e categoricamente pela Europa não possua vanguarda de atiradores, faça uma confusão dos demónios nas faixas de meio campo e, no coraçã o da sua defensiva, viva com o credo na boca.

Neves de Sousa

Arbitragem de Amândio Silva (de Setúbal) com os fiscais Diamantino Rodrigues e Neto Afonso. Mostrou o cartão amarelo a Teixeira aos 67 minutos.

Alcobaça: Domingos; Modas (Teixeira 58), Germano, Russo e Alfredo; Lelo (Américo 58), Jorge Oliveira e Romão; Nelito, João Cabral e Cavungi.

Benfica: Bento; Pietra, Frederico, António Bastos Lopes (Álvaro 56) e Veloso; Carlos Manuel, Alves e Chalana; Nené, Filipovic e Diamantino.

Golos: Nené (39) e Nelito (88).



No «pelado» alcobacense, jogadores andaram aos molinhos, com um Benfica sem atinar com a pontaria correcta e ginastas ávidos de uma alegria para o seu generoso público



Sporting, 3-Salgueiros, 0

Jordão, Jordão, Jordão

Os «leões» obtiveram um vulgar triunfo em Alvalade, sobre o Salgueiros: 3-0 em golos de grande penalidade, marcados por Jordão, que ainda rematou três vezes à trave da baliza defendida pelo melhor jogador em campo, Barradas.

Foi um jogo sem história, com uma boa 1.ª parte do Sporting que, na 2.ª metade, desceu quase ao nível da modéstia em demasia, do jogo apresentado pelo Salgueiros. Mesmo assim, a equipa de Alvalade ganhou tranquilamente, e os 2-0 da 1.ª parte, frente a uma turma muito fraca e à defesa, eram garantia de dois pontos, pelo que os segundos 45 minutos foram de cumprir calendário.

O Salgueiros rematou (e mal) pela primeira vez à baliza de Meszaros aos 44 minutos e apenas aos 53 o guarda-redes húngaro do Sporting fez uma defesa. Isto retrata o que foi o jogo, passado no meio-campo do Salgueiros e arrastando-se monotona e com alguns assobios da massa associativa contra a ex-

agerada quebra de um Sporting onde Manuel Fernandes continuou a ser «capitão» e Oliveira ficou de novo no banco.

A primeira grande penalidade foi concretizada aos 12 minutos por Jordão, castigando uma carga do guarda-redes Barradas sobre o próprio número 11 sportinguista. A 2.ª grande penalidade foi aos 26 minutos, após rasteira de Mariano a Manuel Fernandes. Aos 65 minutos, ainda Jordão faria de castigo máximo os 3-0, depois de ter sido de novo carregado na grande área. Na sequência dos protestos do Salgueiros contra esta grande penalidade, o árbitro Manuel Correia (do Funchal) mostrou o cartão Vermelho a Luis Pereira.

Sporting: Meszaros; Virgílio, Venâncio, Xavier e Mário Jorge. Lito, Kostov e Marinho (Bukovac 70); Manuel Fernandes, Freire (Ademar 60) e Jordão.

Salgueiros: Barradas; Costeado, Mariano, Soares e Vassalo; Luis Pereira; Silva, Carva-



Alvalade: Jordão fez concurso de pontaria, marcando três golos de grande penalidade, um para a esquerda de Barradas e dois para a direita

Iho, Constantino e Tô Zé (Joy 66); Cardoso (Pereira 45). Cartão amarelo: Barradas

(11), Constantino (50), Mariano (63) e Venâncio (78). Vermelho: Luis Pereira (64).

Leilão na Cinécitta

Quem vai arrematar a caixa registadora de "Bonnie e Clyde"?

CINECITTA, outrora a Meca do cinema, é agora teatro de uma «superprodução» que, à sua maneira, descreve cinquenta anos da indústria cinematográfica: não se trata de um filme, mas de um colossal leilão durante o qual, até ao dia 16 de Dezembro, será disperso o enorme património de móveis e objectos utilizados nos cenários dos filmes rodados na Cinécitta desde o final dos anos 30.

Em quatro pavilhões de 750 metros quadrados cada, sendo um de dois andares, vão à praça cerca de vinte mil objectos, móveis de estilo, tapetes raros, bronzes e porcelanas de alto preço, juntamente com um vasto bricabraque do inútil e do «kitch», que vai desde um retrato de Estaline até frascos e garrafas 1900, passando por troncos e liteiras, prateleiras de livros falsos para mobilar bibliotecas e uma vitrina contendo cascas de ovos vazias.

Há de tudo nos velhos estúdios romanos, apresentado numa atmosfera que, pelo local e pelo público popular que circula entre os lotes ao domingo, faz lembrar mais um lunaparque do que os conspícuos e distintos leilões de Christie's ou Sotheby. O preço de certas peças, mesas assinadas Boulle, cómodas e «bibelots» setecentistas, imensos bronzes japoneses, que atraem antiquários do Mundo inteiro, não são decerto as únicas razões que fazem deslocar à Cinécitta, aos fins-de-semana, perto de trinta mil visitantes. É que todos os objectos têm uma história: anódina e esquecida, como os filmes que decoraram, ou mais ou menos conhecida. Aqueles aparadores estão ligados ao «Inocente» de Visconti, estas cadeiras Luís XVI foram vistas na série televisiva sobre Verdi. Aqui, tropeçamos na famosa cama branca, campo de batalha onde se pavoneava Mastroiani na «Cidade das Mulheres». Acolá, rebrilha a caixa registadora de «Bonnie e Clyde», e mais adiante avista-se o mobiliário oriental de «Sandokan», os relógios da «Dama das Camélias», o divã que Liz Taylor nunca dispensava no seu camarim.

Foram precisos três meses para fazer o inventário e vai

levar pelo menos um mês (começou em meados de Novembro) a dispersão deste património pacientemente acumulado pelos irmãos Cimoni desde há meio século e que vale bilhões de liras. «Comprar tudo e comprar sempre», tal era o lema de Alberto e Armando Cimoni, que assim adquiriram os móveis e os objectos de palácios romanos inteiros, mas também das grandes casas de passe obrigadas a fechar no princípio dos anos 50. Não revendiam nada: restauravam os objectos e adereços e alugavam-nos aos produtores de cinema e teatro. Assim se constituiu o seu império, e foi necessária uma centena de camións para lhe fazer a mudança. Depois da guerra, ninguém dispensava os conselhos dos Cimoni para a confecção de cenários, ao ponto dos prestigiados irmãos já não distinguirem realizadores: para eles, valiam todos o mesmo. «Mas, afinal quem é esta personagem?», pergunta certo dia Luigi Cimoni, furibundo, a um amigo que lhe tinha apresentado Visconti: o grande cineasta arriscara algumas críticas e comentários irónicos às peças e mobiliário em estendal.

Hoje, os herdeiros dos Cimoni decidiram vender tudo ao desbarato, exigindo mesmo a alguns realizadores a restituição de certas peças utilizadas em filmes em curso de rodagem. O motivo disto é a expropriação decidida pela Cinécitta com vista à venda dos terrenos onde se encontram os pavilhões que armazenam o tesouro dos Cimoni.

«Ninguém, nem a Cinécitta, nem a Gaumont, nem a RAI, se interessou pela aquisição deste património que jamais será recuperado», diz-nos um dos herdeiros. Com efeito, parece que para este leilão sem base de licitação, os antiquários e muitas sociedades que trabalham para o cinema têm as suas baterias assestadas. Novecentas pessoas reservaram lugares para os primeiros dias, durante os quais foram vendidas as mais belas peças. E mil outras encontram-se nas listas de espera. Nenhuma personalidade do cinema manifestou interesse. À excepção de Liz Taylor, que telefonou dos Estados Unidos a fim de dar instruções para a compra do seu divã.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Sem máscara e sem rede

«ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO». Espectáculo de Máscara. Teatro de Grupo. Interpretação: Rui Risco e Pedro Wilson. TNT-11-1982.

Os espectadores sentam-se à volta de um pequeno espaço do palco do TNT. Os dois actores, jovens e corajosos, entregam-se aos olhos do público, provocam-no, propõem jogos em que alguns acabam por entrar. Nesses jogos, os dois actores exprimem-se com os corpos, os gestos, os movimentos, as palavras, ou sons, que são a máscara do social, mas é no sentimento (podemos chamar-lhe amor) que esses jogos com mais energia se realizam e se tornam

teatralmente verosímeis.

Nem todos os jogos, nem todas as passagens têm igual força, é natural.

Há aqui e ali banalização, coisas inúteis, debilidades, mas os dois actores trouxeram da escola e da prática na Comuna, onde estiveram, uma grande capacidade de sinais de expressão corporal e vocal que aqui se manifestam em situações de humor, de clarificação das ideias, de imaginação. Pessoalmente, não estou convencido de que este caminho possa levar mais longe. É um projecto que não pode deixar de se esgotar nas suas próprias virtualidades. Mas vale a pena conhecê-lo tal como existe, já e ainda uma realidade teatral.



Cinema português em Paris

Nove filmes produzidos em Portugal estão a ser exibidos em Paris, no habitual Festival de Outono da capital francesa. Que este ano dedica particular atenção ao cinema.

Desde o passado dia 1 e até ao próximo dia 14, em cinco salas parisienses, serão exibidas dezenas de películas seleccionadas para as diversas secções do festival, no âmbito do qual terá também lugar a Semana dos «Cahiers du Cinema».

Os críticos desta revista incluíram na sua lista dos melhores filmes do ano, dois de realizadores portugueses: «Ana», de An-

tónio Reis e Margarida Cordeiro e «A Ilha dos Amores», de Paulo Rocha.

Na secção destinada aos filmes inéditos serão apresentados «Silvestre», de João César Monteiro e «Aspern», de Eduardo Gregório.

Do realizador argentino Raul Ruiz, os organizadores decidiram mostrar, no festival, «Território», um filme produzido em Portugal.

Para a secção «Comédias Latino-Americanas» foram escolhidas as películas «O Pátio das Cantigas», de Francisco Ribeiro e «Fado», de Perdigão Queiroga.



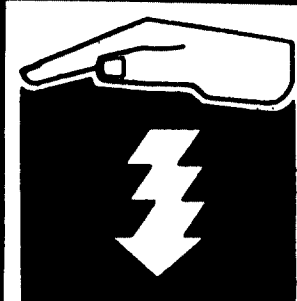
Peter Hammill em Portugal

A «Peter Hammill Band» vem dar dois concertos em Portugal, nos próximos dias 17 e 18, respectivamente em Lisboa (Pavilhão de Alvalade, às 21.30) e no Porto (Pavilhão do Infante de Sagres, à mesma hora). Com-

põem a banda; Peter Hammill (voz, guitarra, teclas), John Ellis (guitarras), Nick Potter (baixo) e Guy Evans (bateria, percussão).

Considerado pela crítica britânica um dos mais altos expoentes do «rock» progressista inglês, Peter Hammill foi líder dos extintos «Van der Graaf», uma das melhores bandas de «rock» que a história da música popular anglo-americana conheceu, antes de enveredar por uma carreira a solo, assinalada pela gravação de alguns discos excelentes, em que participaram nomes famosos como Robert Fripp, Ray Jackson, Rod Clements e outros.

Será precisamente sobre o último destes trabalhos, «Enter K», com edição prevista para Portugal por altura da chegada de Peter Hammill ao nosso país, que incidirá a base musical de apoio aos concertos que Hammill virá dar a Lisboa e ao Porto, se bem que se saiba que ele fará também uma viagem até à sua obra passada, não só a nível de álbuns a solo, como também até ao interior dos extintos «Van der Graaf» de boa memória.



POUPE
ELECTRICIDADE



UMA CASA DE
3.000 CONTOS
UM AUTOMÓVEL TOYOTA STARLET
e muitos outros prémios

**A EXCEÇÃO
É A REGRA**

DIAS 8,
10 e 11
às 21.30 h

de BERTOLT BRECHT
encenação
PETER SCHROTH e
PETER KLEINERT

DE NOVO EM ALMADA
UM DOS GRANDES
ÉXITOS DE 1981

GRUPO DE CAMPOLIDE

Aprender a dançar em Portugal

1

Os do Conservatório querem uma Escola Superior

Não existem, em Portugal, critérios que regulem a abertura de escolas de dança. Basta dispôr de uma sala e fazer circular que «começou um novo curso». Os anúncios sucedem-se nos jornais. Afixam-se papéis em portas de estabelecimentos: Dança Clássica, Dança de Carácter, Dança-Jazz, Expressão Corporal são talvez hoje as designações mais correntes dos cursos de dança. Eles são para uns, o esforço de anos na aposta de formação de bailarinos profissionais. Para outros são uma «mina», agora fortalecida com uma maior procura devido, fundamentalmente, a séries televisivas que poderão despertar maior interesse pela dança e que, basicamente, alimentam a ilusão de que se pode alcançar o estatuto de bailarino em poucas semanas ou meses de trabalho.



A dança moderna está entre as sensibilidades mais presentes na escola da Rua dos Caetanós

O recenseamento das escolas de dança é praticamente impossível, em Portugal, devido a inexistência de registos. No entanto, um primeiro levantamento deu-nos o número de 37 (sem dúvida bastante inferior ao número real de escolas em funcionamento). Destas, 21 situam-se em Lisboa e arredores. Entre as 37 por nós recenseadas encontram-se a Escola de Dança do Conservatório Nacional, os Cursos de Bailado da Fundação Calouste Gulbenkian e a Escola de Bailado da Companhia Nacional. Nelas se concentra hoje o fundamental da actividade de formação de bailarinos profissionais.

Criada em 1971, a Escola de Dança do Conservatório Nacional abrange uma mancha etária que vai, geralmente, dos 10 aos 17 anos, num curso que tem a duração de sete e que integra, em todo o seu percurso, a dança criativa, a expressão dramática, a música, a escrita da dança (coreologia) numa tentativa de pôr em prática aquela que é a expressão da escola, segundo nos afirmou a presidente do seu Conselho Directivo, Wanda Ribeiro da Silva: «A criatividade, a expressão, as áreas dramáticas devem acompanhar a vida da pessoa».

Nos primeiros anos, os alunos são também iniciados na técnica da Dança Clássica e da Dança Moderna, mas só após o terceiro, e em diversos casos a partir do quinto ano, é que têm no seu «currículo» as chamadas áreas complementares das técnicas, entre elas as pontas e o «Pas de deux».

Com uma média de 10 a 20 alunos nos anos finais (actualmente no sétimo são apenas dois) a escola de Dança do Conservatório pratica, em dois tempos, uma selecção: a primeira é feita à entrada e os testes são hoje, segundo nos afirmou Wanda Ribeiro da Silva, cada vez mais apertados e difíceis. No entanto, aos 10 anos, idade mínima de entrada, importam mais, para aquela escola, aspectos de expressão, de qualidades musicais e também condições de ordem física, do que o domínio de técnicas de dança. A segunda é feita, fundamentalmente, na

passagem do quinto para os anos finais. É de 10 a média de saída de finalistas.

A margem deste percurso normal existem os testes para cobrir eventuais vagas: geralmente são tidos como «muito difíceis» e não têm uma periodicidade anual. Nos percursos «paralelos» são os rapazes os «privilegiados», tendo sido criado um curso especial para eles com a duração de um a dois anos, de onde transitam, geralmente, para o quinto ano da Escola de Dança. A aposta nos rapazes, que não é apenas característica do Conservatório, é uma forma de corresponder, conforme nos disseram, ao número crescente de elementos do sexo masculino que procura a dança. Assim se

tenta colmatar a falta de bailarinos e destruir uma «ideia feita» no nosso País: a de que o «ballet» é uma actividade feminina.

Reestruturação à vista

A Escola de Dança, à semelhança das outras que integram o Conservatório, debate-se com um problema de estatuto.

Embora oficial (o pagamento anual é apenas de 110 escudos), o ensino aí ministrado não está classificado em nenhum grau de ensino e, até agora, as tentativas para lhe definir um estatuto têm sido «esquecidas» ou recusadas pelos sucessivos Ministérios da Educação.

Agora, pela primeira vez e ainda segundo a presidente do

Conselho Directivo da Escola de Dança, está à vista uma «reestruturação de fundo» na qual têm trabalhado professores do Conservatório em conjunto com o gabinete do ministro Fraústo da Silva. A reforma assenta em dois eixos. O primeiro diz respeito ao curso actual e o segundo aponta para a criação de uma Escola Superior de Dança. Quanto ao curso actual, as principais modificações dizem respeito ao seu alargamento de 7 para 8 anos, sendo dividido em dois escalões: um primeiro de cinco anos e um segundo de três, que equivaleria a um «curso profissional».

Dança poderá ter licenciatura

A criação de uma Escola Superior de Dança em Portugal é

uma «velha» ambição de diversos profissionais desta área, que nela vêem a possibilidade de uma formação adequada, ao mesmo tempo que permitirá a investigação neste campo. Poder-se-ia afirmar que «mataria vários coelhos de uma cajadada»: daria uma orientação metodológica a bailarinos que venham a ser professores substituindo assim, em diversos casos, o carácter empírico do ensino de dança; permitiria que não se criassem situações iguais às que vivem, por exemplo, a maior parte dos 13 professores do Conservatório: formados no estrangeiro, não têm equivalência legal a qualquer grau académico; e proporcionaria ainda a investigação teórica, para além de possibilitar alternativas de profissão a bailarinos cujas carreiras já terminaram, mas que poderão continuar ligados ao bailado como coreógrafos, directores de palco, etc.

São estes os objectivos da Escola Superior de Dança que, no projecto, se divide em dois ramos: Curso Superior de Formação de Professores (4 anos) e Curso Superior de Dança, este também com uma duração de 4 anos e virado, essencialmente, para a investigação teórica.

Horários e instalações criam dificuldades

Com uma carga horária que vai das 15 às 30 horas semanais (para os finalistas) os alunos da Escola de Dança do Conservatório vêem-se perante o difícil trabalho de conjugar o seu tempo nas escolas preparatórias e secundárias, que geralmente frequentam, com o Conservatório. Para alguns, essa conjugação é impossível e têm então de optar. Foi o que se passou, por exemplo, com uma aluna finalista, de 23 anos, com quem falámos e que tentou conciliar o curso de Medicina com as aulas de dança no Conservatório: Desistiu. «Evidentemente», do primeiro.

O Conselho Directivo da escola tenta «reduzir» o problema

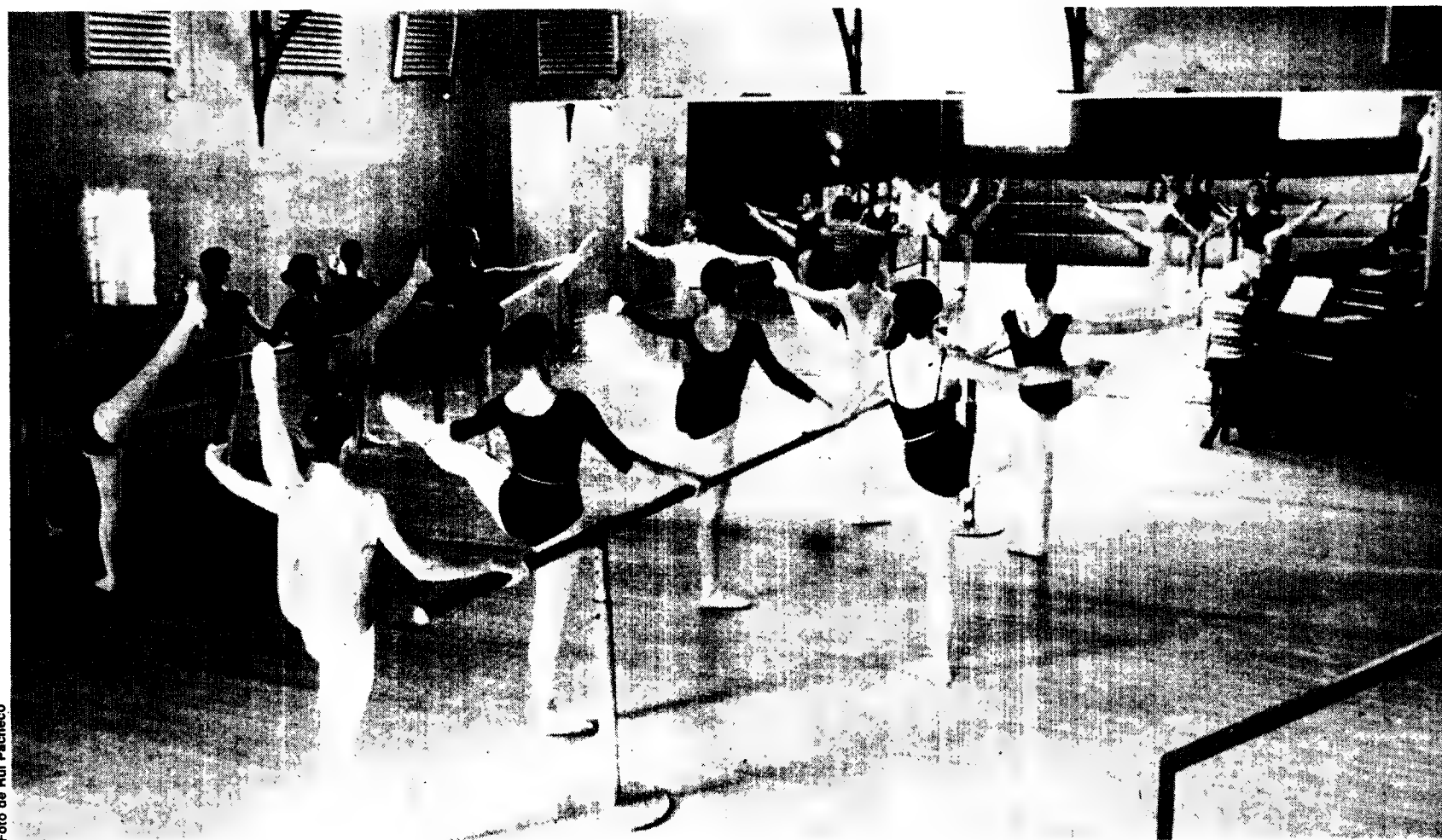
dos horários através de acordos feitos com as escolas da zona (Passos Manuel e Fernão Lopes) de modo a evitar as sobreposições de aulas para os seus estudantes que frequentam um dos dois estabelecimentos. No entanto, segundo a mesma aluna finalista, a sobrecarga de horários só seria ultrapassada se o Conservatório adoptasse um regime de ensino integrado. Esta é também uma das hipóteses propostas pelo Conselho Directivo. O ensino integrado não seria, aliás, uma novidade para o Conservatório, que o experimentou entre 1971 e 1974. Só que, para resultar, teriam de se encontrar novas instalações pois as existentes não só estão em más condições, como já comportam mal as aulas de dança existentes...

Saídas profissionais

Os finalistas da Escola de Dança do Conservatório não se confrontaram ainda com o problema das saídas profissionais, sendo geralmente colocados na Companhia Nacional de Bailado, na Companhia da Gulbenkian ou integrando grupos de dança independentes.

Alguns destes, como a «Dança Grupo», são exclusivamente formados por ex-alunos e professores do Conservatório. Os grupos independentes são, para Wanda Ribeiro da Silva, «o caminho do futuro». Neles existe, segundo ela, pesquisa que não cabe, muitas vezes, no âmbito das companhias de bailado. São «expressões de vanguarda» que agrupam gente muito jovem, interessada e informada sobre o que se passa e que têm a grande vantagem de poderem levar a dança a todo o País, ao contrário das grandes companhias cujas dificuldades de deslocação, tanto pelo número de elementos e pela «envergadura» do material, como pela inexistência de salas, são conhecidas.

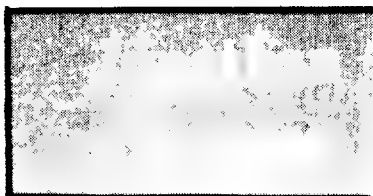
Clara Viana



Saídas profissionais não são ainda problema para as finalistas

Amanhã:

Os rapazes procuram cada vez mais a dança



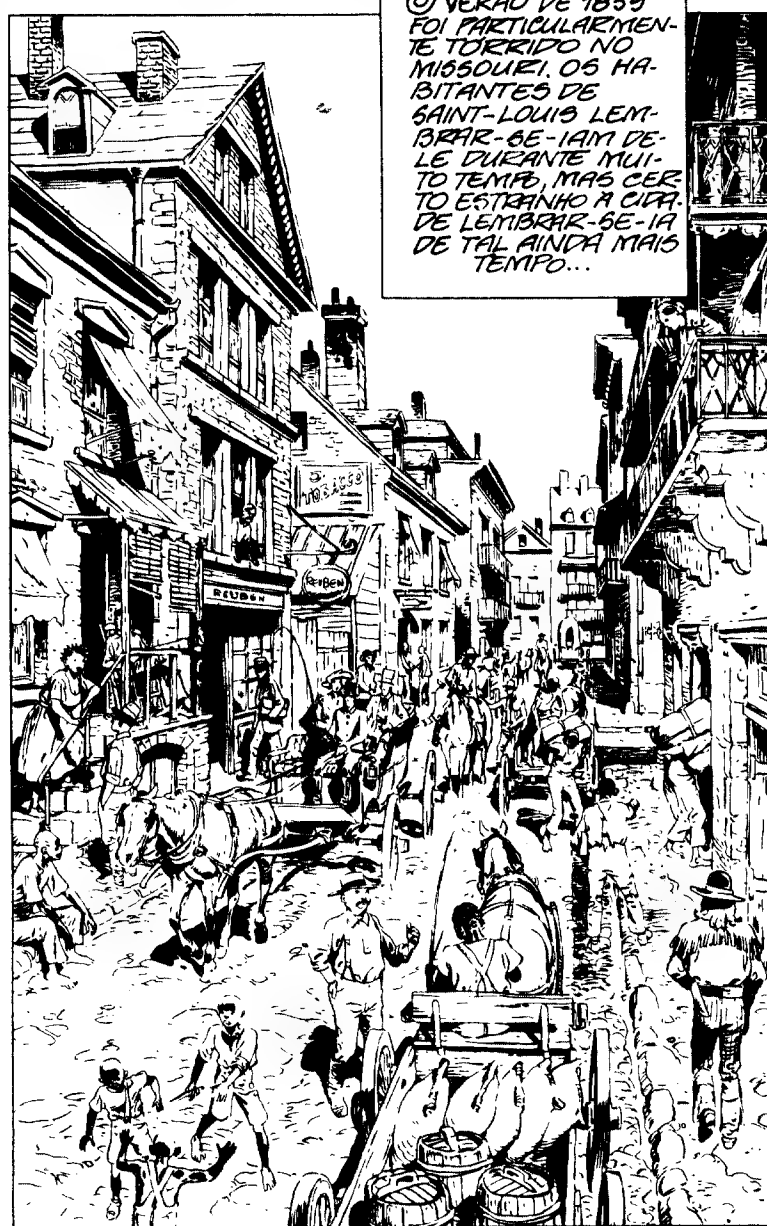
Texto Laurence Harlé



BLANC
DUMONT
76

Desenhos M. Blanc-Dumont

1



© VERÃO DE 1859
FOI PARTICULARMENTE
TORRIDO NO
MISSOURI. OS HA-
BITANTES DE
SAINT-LOUIS LEM-
BRAM-SE-IAH DE-
LE DURANTE MUI-
TO TEMPO, MAS CER-
TO ESTRANHO A CIDADE
DE LEMBRAR-SE-IA
DE TAL AINDA MAIS
TEMPO...

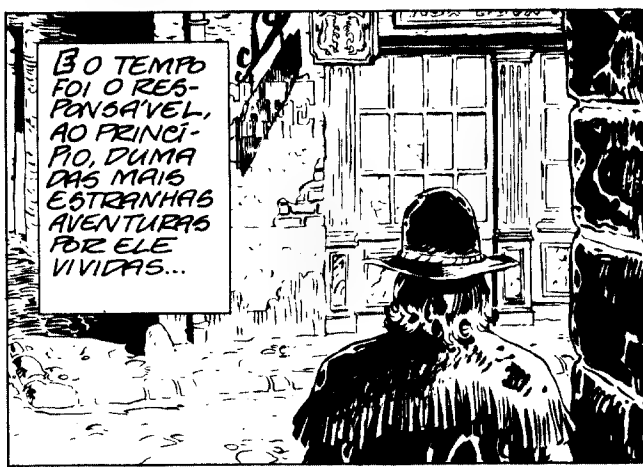


JONATHAN CARTLAND
TINHA VINDO PASSAR
ALGUNS DIAS NA CA-
PITAL, PONTO DE PAR-
TIDA FERVENTE DE
ATIVIDADE
DOS COMBOIOS
QUE DEMANDA-
VAM O OESTE...

PRESTA ATENÇÃO,
OH! RAPAZITO! TÁ AS-
EMBRUTECIDO PE-
LO CALOR OU
QUÊ?...



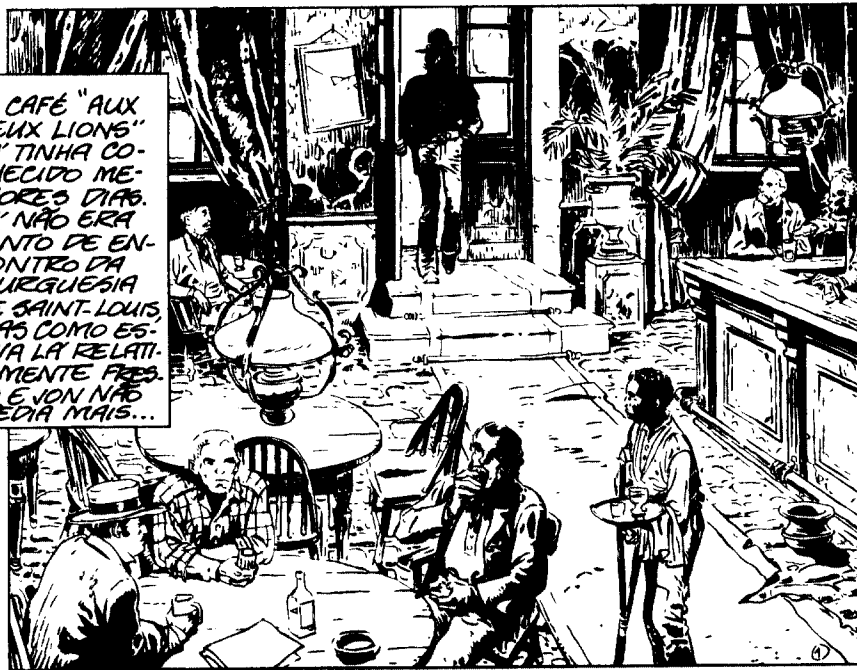
PFT!! ESTÃO
MESMO EXCI-
TADOS AQUI
NO SÍTIO! O
MELHOR, É IR
REBER UM
CORB...



BO TEMPO
FOI O RES-
PONSÁVEL,
AO PRINCÍ-
PIO, DUMA
SÉRIE DE
ESTRANHAS
AVENTURAS
POR ELE
VIVIDAS...



© CAFÉ "AUX
DEUX LIONS"
JÁ TINHA CO-
NHECIDO ME-
LHORES DIAS.
JÁ NÃO ERA
PONTO DE EN-
CONTRO DA
BURGUESIA
DE SAINT-LOUIS,
MAS COMO ES-
TAVA LÁ RELATI-
VAMENTE FRE-
CO E JON NÃO
PEDIA MAIS...



continua

Cartland o novo rumo do "Western"

Há cinco anos, poucos conheciam Michel Blanc-Dumont no mundo dos criadores de heróis de papel.

Hoje, é o autor de «Jonathan Cartland», um «western» que anuncia e explora novos e inesperados rumos de um gênero que parecia ter atingido o seu apogeu com Jean Giraud («Tenente Blueberry»).

É esta banda desenhada, com argumento de Laurence Harlé, que o «DL» começa hoje a publicar em primeira mão na imprensa portuguesa.

«O Fátasma de Wah-Kee», surgido em 1977, é o terceiro título de uma série que consagraria definitivamente o seu autor no difícil e concorrencial mercado europeu de Banda Desenhada.

Quando surgiu, mereceu a Luc Bourcier, em artigo publicado pelo «Fanzine Tonic», esta qualificação: «uma obra-prima».

E explicaria o seu juízo:

«Combinando simultaneamente elementos de Buddy Longway (aproximadamente o mesmo período) e de Blueberry (os mesmos enredos complicados), Dumont obtém uma obra rica em fantástico e que traça uma via nova».

Deve dizer-se que alguns anos antes, por ocasião de um concurso promovido por uma editora francesa, o respectivo júri, integrando homens tão conhecedores e experientes como Goscinny e Gigi, não exprimiu idêntica opinião.

Com efeito, Dumont viu-se excluído, acusado de decalcar os desenhos do autor de Blueberry...

Essa especificidade de um talento ainda em embrião seria, todavia, reconhecida por Gigi, que convidou, algum tempo depois, Blanc-Dumont a trabalhar em «Jeunes Années Magazines».

A grande oportunidade surgiria através de um convite de Claude Moliterni para a criação de uma Banda Desenhada «western» na revista «Lucky Luke».

«Tinha quinze dias para encontrar um argumentista e começar a desenhar uma história», recorda.

Praticamente sem qualquer experiência significativa, Dumont conhece Tardi («Uma ciência da leitura e da narração formidáveis») e encontra Laurence Harlé, a quem confia a concepção dos argumentos.

Depois de Blueberry, o que poderia ainda ser feito num gênero que dera obras tão espantosas como «Jerry Spring» ou «Buddy Longway»?

A solução encontrada poderia dizer-se que surgiu quase por eliminação de tudo quanto havia sido concebido até então:

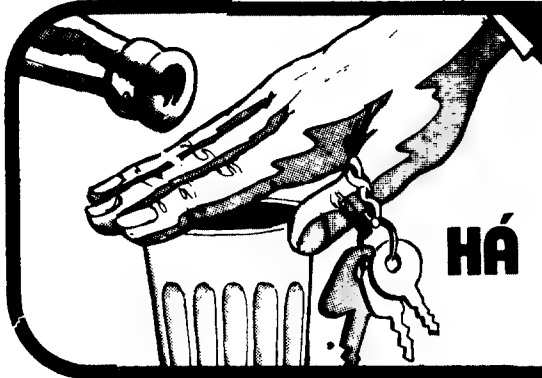
«Cartland é sobretudo um ser muito ingénuo. E que teve uma educação puritana do tipo «velha América», que o obriga a defender a viúva e o órfão; mas que acabou por crescer entre índios.

«Quase se poderia tirar Cartland das histórias, que nada se modificaria. De facto, é que nos interessa, não acreditamos que qualquer sujeito possa alterar o curso dos acontecimentos».

Nesta visão da América, a que os seus autores procuram dar a máxima coerência, talvez esteja a singularidade maior de «Jonathan Cartland».

Singularidade que os leitores estão convidados a descobrir numa das melhores bandas desenhadas criadas nos últimos anos.

Carlos Pessoa



**CONDUZIR
OU
BEBER
HÁ QUE ESCOLHER!**

circular e viver.



Evite o encandeamento.
Vele pela sua segurança
e pela dos outros.

circular e viver.



canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

...E a pouca vergonha continua.

«Girabola» dedica-se quase exclusivamente aos fanáticos do futebol. Esses terão de ficar diante do televisor até ao fim do programa se quiserem matar o vício. Dentro daquele velho aforismo segundo o qual «quem quer vícios, paga-os». Nunca será tão apropriado dizer que os pagam com os olhos da cara.

Cada vez mais, porém, «Girabola» vai perdendo interesse, devido à proibição da entrada da RTP nos campos dos clubes nortenhos e também já no do Sporting. Acrescente-se que por questões mal esclarecidas.

O prejuízo é plurirrepartido. Perdem os aficionados porque não fazem o gostinho aos olhos (e então quando o nosso clube ganha vem mesmo a calhar para um soninho repousado), perde a RTP que vê assim prejudicados os seus interesses publicitários e as suas credenciais junto de uma grande fatia de audiência. Os clubes, esses, compreenderão um dia que mais vale ruim acordo que boa demanda. É perigoso entrar em litígio com a Televisão. Por não «compreenderem» isso a tempo, muitas personalidades

e empresas americanas toram à glória.

Repare-se que para a próxima quarta-feira, dia de jogo Benfica-Zurique, tem a Televisão programada a transmissão em diferido do Roma - Colônia. Eis aqui um pequeno «cartão de visita» que a RTP manda aos clubes...

Continuemos em casa para uma ainda que ligeira nota sobre o último «Venha tomar café conosco», com Simone de Oliveira.

Cançonetista, mas não uma cançonetista qualquer, encerrada num compartimento estante de letras e melodias. Apesar das suas muitas entrevistas publicadas na Televisão, esta trouxe-nos algo de novo sobre a sua personalidade ou, melhor dizendo, da sua humanidade. Principalmente em dois aspectos: ao escolher o Primeiro de Maio de 1974 e o assassinato de Allende, Simone mostrou-se atenta ao destino da sua terra e ao destino da construção do futuro; ao reagir, emotiva e racionalista à presença de seus dois filhos, mostrou uma riqueza de coração com a qual entrou no

coração dos telespectadores.

Mas na Televisão não morrem muito de amores por ela. «Enriquecer» o programa com a presença de António Sala, só se compreende como... incompreensível. E talvez não. A TV anda agora lançada na promoção Sala. Não basta a Maria João Metelo? Pois recorre-se ao Cobanco. Mas a Simone, que demônio, tem alguma culpa?

Ainda pelo sábado ficando, permita-se-me uma palavrinha sobre o filme «Sá Carneiro, um documento» e o «debate» subsequente.

A fita já era conhecida e o seu resultado final cifrava-se numa violenta, ora directa, ora ardilosa campanha contra as forças democráticas portuguesas, e numa descarada propaganda da AD. Como a fita se fizera por encomenda da RTP, temos assim a explicação do interesse do Doktor Proença em que os espectadores paguem a taxa: quanto mais dinheiro houver, mais e melhor se poderá servir aquela coligação. E aqui está como nós, que nada temos a ver com ela — graças a Deus! — acabamos por lhe subsidiar a propaganda e a campanha...

A conversa em família esteve a cargo dos senhores Barbosa de Melo, Henrique Granadeiro, Fernandes Fafe e Vítor Cunha Rego.

O Fafe foi mencionado comopositor a Sá Carneiro. Respondeu que não fora bem opor e hoje ainda o seria menos. Oposição, não, compreensão sim. Que é uma personalidade apaixonante. Que de um ponto de vista filosófico considera o dr. Sá Carneiro uma figura nietzschiniana. Explica: o seu querer, a sua... o seu... a sua veemência do seu querer dando um

aspecto digno do super-homem nietzschiniano...

Fafe diria ainda da clarividência de Sá Carneiro. Garantiu que o pensamento dele era limpo e claro, embora não muito original. Explica que o homem político não será teórico, a sua teoria é a sua prática.

No debate nunca se chegou a perceber bem se ele era, de facto, teórico ou não teórico. Barbosa de Melo lembraria até que em política não há grande originalidade. «Por exemplo, desde a Grécia...» O pensamento de Sá Carneiro «era muito concertado». Barbosa lá mais longe: segundo ele, os discursos de Sá Carneiro pareciam ter apenas forma: mas depois, procurando bem, vê-se que têm fundo. E o Fafe, pois, o seu pensamento era fácil, o país é que não era. O país era complicado e por isso, creio eu, é que não estava à altura de compreender a facilidade de um pensamento que não se cingia à complexidade das situações. Facilidades...

Cunha Rego, já com a voz um tanto entarmelada, lançou a grande busca: era Sá Carneiro um liberal social-democrata? E se sim, porquê?

Os quatro meninos, em família, lá ficaram a discutir essas e outras alevantadas coisas. Algumas das quais certamente o Fafe das minhoquices intelectuais tratará nas úberas colunas do «Diário de Notícias», para gáudio de uns e mortal aborrecimento doutros.

...E mais uma triste manobra provocatoriamente eleitoralista se alargou durante três horas! O Barroso deu-lhe a devida cobertura. Há sempre alguém que faz os jeitos a alguém.

TV MARCELO

Repara hoje em sua casa até às 24 horas todas as marcas com garantia. Coloca ainda outro aparelho enquanto repara o seu. Serviço permanente incl. sab e domingos. Tel. 659118 - 659119 - 659110

Hoje



Em Superstrelas desta noite será apresentado o «Festival Rosa de Ouro de Montreux» onde foi galardoado «Dizzy Feet» (na foto)

- Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV
18.22 Tempo dos Mais Novos
18.55 O Homem e a Terra
19.25 Do Paleolítico ao Romano
19.55 O Tempo
20.00 Teletjornal — noticiário nacional e estrangeiro.
20.35 «O Banqueiro Anarquista» — de Fernando Pessoa. Intérpretes: Santos Manuel e Manuel Marcelino. Realização: Eduardo Geada.
21.40 Superstrelas — «Festival Rosa de Ouro de Montreux».
23.10 Últimas Notícias



Gary Cooper

2 RTP

- 17.32 «Beau Geste» — intérpretes: Susan Hayward, Robert Preston, Gary Cooper e Ray Miland.
19.30 País, País
19.55 Desenhos Animados
20.20 Clube de Imprensa
22.00 Telenovela
22.30 Jornal da Noite

Amanhã

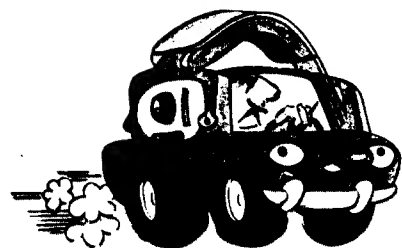
1 RTP

2 RTP

8.00: Bom Dia Portugal; 9.30: Desenhos Animados; 10.00: Nós e a Lei; 10.30: Vale a Pena Ver de Novo — «Os Automóveis e os Homens»; 11.30: «Lar Doce Lar»; 12.00: «Baía Corrigio»; 13.00: Jornal da Tarde; das 13.35 às 17.30: Ciclo Preparatório TV; 18.22: Tempo dos Mais Novos; 18.55: Mare Nostrum Patriae Nostra; 19.20: Europa dos 10; 19.55: O Tempo; 20.00: Teletjornal; 20.30: Vamos Jogar no Totobola; 20.40: «Reviver o Passado em Brideshead» — 2.º episódio; 21.45: TV Repórter; 22.45: Últimas Notícias.

17.45: «Bikinis ao Sol»; 19.30: País, País; 19.55: Desenhos Animados; 20.15: Cine-Clube/2 — com o filme «Os Visitantes»; 22.00: «Cabocla»; 22.35: Jornal da Noite.

Auto Rádios e Anti Roubo PHILIPS



EXPOSIÇÃO, VENDA E MONTAGEM

CETRA

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL. SARL

Concessionário PHILIPS para instalação de AUTO RÁDIOS

R. Cidade de Bolama, 1-B — Olivais Sul Tel. 331022 1800 LISBOA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 16.º Juízo

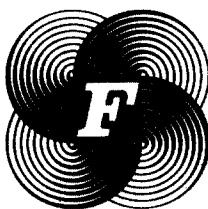
ANÚNCIO

Faz-se saber que por este 16.º Juízo Cível e 2.ª Secção, nos autos de acção de despejo com o n.º 5331/82, que o autor — Lúcio da Costa Mendes, solteiro, marítimo, residente na Rua do Patrocínio, 19, 3.º, Dt.º, em Lisboa, move contra o réu — Carlos Manuel Cavaleiro Cebola Raposo, solteiro, estudante, ausente em parte incerta e que teve a sua última residência conhecida, na Av.ª Dr. José Pontes, 33, r/c, Dt.º Frente, Tipo 76, Lote 4, na Reboleira, Amadora, de que foi designado o dia 16 de Dezembro de 1982, pelas 10 horas, a fim de ter lugar a tentativa de conciliação a que se refere o art.º 972.º do Cód. Pro. Civil, citando o referido réu, para comparecer pessoalmente neste Tribunal naquela data, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir; no caso de não comparecer ou a tentativa se frustrar, começarão a correr editos de trinta dias, contados da data da tentativa de conciliação, no prazo de cinco dias, findo o dos editos, contestar, querendo, a mencionada acção, e ainda deduzir em reconvenção o pedido de benfeitorias ou indemnização a que se julgue com direito.

Lisboa, 29 de Novembro de 1982

O Juiz de Direito,
(Joaquim Maria Ferreira Pascoal)
O Escrivão Adjunto,
José Carlos da Costa Gabriel

Famafo



PREFIRO OS PRODUTOS NACIONAIS

CONSULTE-NOS ACERCA DA VASTA GAMMA DE FABRIC

Famafo

ORÇAMENTO PARA AS SUAS IDEIAS

FOTOGRAFIA • ARTES GRÁFICAS
RAIOS X • OFFSET • CINEMA
• ESCOLAS



ASSISTÊNCIA GARANTIDA

profoto LDA

RUA DE SANTA LUSIA 25
TELEFONES 877481 — 877482 — 877483
APARTADO 2766 — 1150 LISBOA — CODE

POUPE

COMBUSTÍVEL
Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.

ASSEMBLEIA GERAL
SESSÕES EXTRAORDINÁRIAS

A REALIZAR, POR MOTIVO DE OBRAS, NO EDIFÍCIO DA SEDE, NA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA, RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, 89, EM LISBOA.

PROSSEGUE, NOS DIAS 6 E 10 DO CORRENTE MÊS A ASSEMBLEIA EM REFERÊNCIA COM INÍCIO ÀS 20 HORAS, COM A SEGUINTE ORDEM DE TRABALHOS:

— DISCUTIR E VOTAR OS PROJECTOS DOS ESTATUTOS E REGULAMENTOS DE BENEFÍCIOS DO MONTEPIO GERAL E DOS ESTATUTOS DA CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA, ELABORADOS PELA COMISSÃO ELEITA NA 4.ª SESSÃO DA ASSEMBLEIA GERAL DE 30/3/77, QUE TEVE LUGAR NO DIA 21 DE ABRIL DO MESMO ANO.

Lisboa, 6/12/82



MONTEPIO GERAL
CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP

«O Banqueiro Anarquista» (20.35)

2 RTP

Clube de Imprensa (20.20)

...e sugere para hoje...

2 RTP

Emerenciana e Belinha acham que Boanerges mentiu ao dizer que Neco estava a beijar Ritinha. Zuca fica surpreendida ao ouvir Luís dizer para Tobias e Zé da Estação que Pequetita não é sua noiva. Zuca serve à mesa feliz e a mãe desconfia. Neco e Mariquinha inventam que Boanerges maltratava Ritinha e Justino deixa-a ficar com eles. Luís diz a Zuca que não a consegue esquecer e ela fica perturbada. Ao voltar para casa, Luís vê Tina dançando nas estações logo desaparece. Tomé vê Zuca dançando no meio da venda e acaba achando graça.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

Continuação da pag. 3

Institucionalmente sublinha o propósito de rejeitar o compromisso institucional das Forças Armadas para com a defesa do regime democrático.

3) A (presente) modificação (da concepção expressa no texto inicial da Constituição) não podia ser mais clara e intencional, segundo as próprias palavras do autor da proposta de Lei da Defesa Nacional.

Chegados aqui há uma observação a fazer:

A lei pode fixar a missão interna das Forças Armadas de um modo mais claro ou de um modo mais ambíguo.

Para aqueles que estão, sinceramente, com o regime democrático surgido do 25 de Abril, a redacção das missões internas não devia comportar ambiguidades nem subterfúgios. Assim era a redacção do texto inicial da Constituição.

Mas a redacção pode ser vaga. Exemplo:

Discurso do chefe do Estado Maior do Exército, no Instituto de Altos Estudos Militares, em 26 Novembro 1982:

«O Exército defenderia que naquele conceito (de defesa nacional, na Lei de Defesa Nacional) se referissem não apenas a defesa contra a agressão ou ameaça externas, mas sim a defesa contra todas as formas de agressão susceptíveis de fazer perigar a independência nacional, a integridade do território ou a liberdade e segurança das populações.»

Isto é, o Exército defenderia um conceito alargado à ordem externa e à ordem interna.

A referência à missão interna é muito geral e pouco precisa: «liberdade e segurança das populações».

Sendo assim, ocorre perguntar:

Podendo ser atribuída às Forças Armadas, pela Lei da Revisão Constitucional ou pela Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas, uma missão interna de carácter muito geral, imprecisa, permitindo do mesmo passo adoptar um conceito alargado, porque não foi esta a solução aprovada, em vez de se optar por um conceito restrito de defesa nacional, em flagrante contradição com a realidade, com a experiência dos povos?

Porque a verdade é que, independentemente da vontade do legislador, objectivamente, o que se impõe, na prática, pela própria essência da defesa nacional, nas condições do actual estágio de desenvolvimento da sociedade, é o conceito alargado de defesa nacional. E não é de hoje, é de há dezenas de anos.

O âmbito da política de defesa nacional abrange as medidas socioeconómicas, de política interna, cultural, de política externa, de Comunicação Social, militar. A política de defesa nacional abrange todos os domínios da actividade da sociedade, e a todos os níveis. Haverá, hoje, alguém que possa negar que é assim?

Pois bem, o conceito alargado da defesa nacional não foi adoptado porque para a AD e seus aliados no PS, «comportava o risco de interpretação extensiva capazes de pôr em causa a própria sobrevivência das instituições democráticas».

Como aceitar a decisão de adoptar o conceito restrito de defesa nacional e do mesmo passo suprimir a missão interna das Forças Armadas como garantes do regime? Decisão que conseguiu suscitar a oposição da generalidade da hierarquia militar, quer seja mais à direita, quer seja mais à esquerda, mais constitucionalista ou menos constitucionalista, todos sensibilizados quer pelo obsoleto do conceito adoptado, quer pela ofensa que é feita às Forças Armadas que libertaram o País do fascismo, visto que, passados oito anos, não são consideradas idóneas nem sequer para assumirem o compromisso explícito de defesa da liberdade e da segurança das populações contra a ameaça interna?

Contudo, a AD e a direcção do PS sabem muito bem que o conceito restrito, limitado, da defesa nacional é artificial e não corresponde às necessidades reais.

E, porque assim é, a pag. 18 da Memória Justificativa atrás citada, pode ler-se:

«Não se pense, todavia, que a redução do conceito de defesa nacional e da missão primária das Forças Armadas à garantia da independência nacional perante qualquer ameaça externa significa ausência de preocupação pelos aspectos destacados pelos defensores da concepção mais ampla.»

Repáre-se na palavra **primária** acompanhando a palavra **missão**, o que significa que há outras missões além da primária. (Como adiante veremos).

Mas quais são os aspectos do conceito alargado de defesa nacional para que está voltada a atenção do «legislador», ou seja, a direita, a reacção e seus aliados no PS?

1) A «problemática» das chamadas estratégias indirectas (pag. 19 da Memória Justificativa): «que visam precisamente proporcionar o apoio de uma potência inimiga ao desenvolvimento de acções de carácter interno que minem as capacidades morais e materiais da comunidade nacional, procurando impedir ou enfraquecer a reacção adequada desta a uma ameaça de agressão externa. A política de defesa nacional tem de ter como objectivo, entre outros, evitar que isso aconteça.»

«Ver art. n.º 3 e) da proposta de lei.»

Este art.º sobre os objectivos permanentes da defesa nacional tinha a seguinte redacção na proposta de lei:

«e) Contribuir para o desenvolvimento das capacidades morais e materiais da comunidade nacional, de modo a que possa prevenir ou reagir pelos meios adequados a qualquer agressão.»

Forças Armadas

(Na lei aprovada foi acrescentado a seguir a agressão: «ou ameaça externa»).

É evidente que a preocupação da AD está voltada contra os trabalhadores, contra as forças populares e democráticas. No tempo do fascismo a preocupação, por parte do Governo, era a mesma. Sabe-se que, para a NATO, nos diversos países que dessa aliança fazem parte, o inimigo interno são as forças populares e democráticas, os trabalhadores e suas organizações políticas, invariavelmente consideradas como instrumentalizadas pela União Soviética. Vejam-se, entre nós, os temas dos exercícios que nos últimos tempos foram efectuados no Alentejo e no Algarve.

2) A actuação das Forças Armadas em situações excepcionais: estado de sítio e estado de emergência.

Segundo o art.º 275.º 6. da Constituição revista «as Forças Armadas podem ser chamadas a intervir à disposição dos órgãos de soberania, para garantirem a ordem constitucional democrática contra qualquer grave ameaça que a ponha em perigo ainda que não proveniente do exterior» (pg. 19 da Memória Justificativa).

3) A própria essência do conceito alargado de defesa nacional, como havia de se impor necessariamente.

Com efeito, o art.º 6.º 3 da lei de Defesa Nacional diz: «3. A política de defesa nacional tem âmbito interministerial, cabendo a todos os órgãos e departamentos do Estado promover as condições indispensáveis à sua execução.»

Verifica-se assim, que a adopção formal de um conceito de

defesa nacional restrito, limitado à consideração da ameaça ou agressão externa teve por finalidade suprimir o compromisso institucional das Forças Armadas para com a defesa do regime democrático.

A AD não conseguiu fazer aprovar na Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas as disposições que pretendia quanto à utilização das Forças Armadas em situações excepcionais como as de estado de sítio ou de emergência. A legislação sobre esta matéria foi remetida para lei própria, a aprovar pela Assembleia da República.

Mas, fez aprovar, no n.º 3 do art.º 24.º o seguinte:

«3. A lei regula os termos em que as Forças Armadas podem desempenhar outras missões de interesse geral a cargo do Estado ou colaborar em tarefas relacionadas com a satisfação das necessidades básicas e a melhoria da qualidade de vida das populações sem prejuízo da missão genérica referida no n.º 1.»

A missão genérica referida em 1. corresponde ao conceito restrito de defesa nacional:

«1. A missão genérica das Forças Armadas consiste em assegurar a defesa militar contra qualquer agressão ou ameaça externas.»

Mas a referência, no n.º 3. do art.º 24.º, a **outras missões de interesse geral a cargo do Estado** é calculadamente vaga para poder permitir a utilização das Forças Armadas nas mais variadas missões internas, entre as quais, inclusive, missões contra o regime democrático. É, aliás para esses fins que aponta o propósito de instrumentalização das Forças Armadas traduzido

na redacção de Lei de Defesa Nacional e Forças Armadas. A mensagem que o Presidente da República enviou à Assembleia da República explicando as razões por que vetou a Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas desmascara o subterfúgio utilizado no art.º 24.º.

«Nos termos do Artigo 275.º n.º 1, da Constituição», às Forças Armadas incumbe a defesa militar da República.

«Quis-se ostensivamente restringir a missão das Forças Armadas à defesa contra o inimigo externo.»

«O n.º 5 do mesmo artigo vem permitir, complementarmente, a colaboração das Forças Armadas, nos termos da lei, «em tarefas relacionadas com a satisfação das necessidades básicas e a melhoria da qualidade de vida das populações.»

Nenhuma outra missão lhes é autorizada, designadamente, a de cooperarem na manutenção da ordem interna.

«O n.º 3 do Artigo 24.º do Decreto em apreço (o decreto da Assembleia da República sobre a lei da Defesa Nacional e Forças Armadas) estabelece contudo, que a lei regula os termos em que as Forças Armadas podem desempenhar, não só as tarefas referidas no n.º 5 do Artigo 275.º da Constituição, como «outras missões de interesse geral a cargo do Estado». Neste último aspecto afigura-se que o diploma ofende a Constituição.»

Concluindo: Pretendendo as forças políticas que fizeram aprovar o conjunto de leis da Revisão Constitucional, do Tribunal Constitucional e da Defesa Nacional e das Forças Armadas modificar ou «redefinir» o regime democrático instaurado em Abril de 1976 pela Constituição da República, logicamente, pretendem que às Forças Armadas, no do-

minio interno, sejam cometidas missões diferentes das que lhes eram cometidas pela Constituição no seu texto inicial.

Nestas condições suprimir o compromisso institucional das Forças Armadas para com a defesa do regime democrático, isto é, suprimiram, a missão interna das Forças Armadas de garante do regime, invocando que a atribuição de missões dessa natureza «comportava o risco de interpretação extensiva capazes de pôr em causa a própria sobrevivência das instituições democráticas».

Mas pretendendo, na realidade, utilizar as Forças Armadas na ordem interna (como é sobejamente demonstrado pelo verdadeiro plano de instrumentalização das Forças Armadas que é a Lei de Defesa Nacional da Forças Armadas), essas mesmas forças políticas fizeram aprovar o n.º 3 do art.º 24.º da Lei de Defesa Nacional, citado e comentado atrás, que permite a maior ambiguidade e latitude no emprego das Forças Armadas em missões internas. Pois que outro significado poderá ter «outras missões de interesse geral a cargo do Estado»?

Trata-se, portanto, da institucionalização da célebre frase de Balsemão segundo a qual as Forças Armadas devem ser um instrumento da política do Governo.

É esta, em síntese, a missão interna que as forças políticas que fizeram aprovar a Lei de Revisão Constitucional e a Lei da Defesa Nacional e das Forças Armadas reservam às Forças Armadas, isto é, a de serem um instrumento da política do Governo.

É minha convicção que não é este o entendimento que os militares portugueses têm dos seus deveres para com a sua Pátria.


UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
 Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Duplo J; 18.30: Exportar é estar no Mundo; 19.00: Música; 20.00: «Os Miseráveis», de Victor Hugo; 20.15: O espaço é seu; 21.00: Toda a gente é pessoa; 21.30: Viva a noite. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.55: Música sinfónica; 17.00: Partita n.º 4, em ré maior, BWV 828, de Bach; 17.25: Trio em si bemol maior, op. 99, de Schubert; 18.05: Ciclo Marquês de Pombal; 19.00: Terra viva, planeta azul; 19.35: Música de bailado, de Stravinsky; 20.10: Música portuguesa; 21.00: Ciclo Marquês de Pombal - o canto e os seus intérpretes; 22.00: Tudo isto e música também; 22.40: Solos de guitarra; 22.55: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matiné; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos - hora literária; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Musicando; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.03: Programa da LAR; 20.00: Dê no vinte; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Discos LAR; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Bola branca (2.ª edição); 23.05: Confronto; 23.55: Meditando. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00 horas.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 16.00: Todos à uma; 21.00: Rosa dos ventos; 21.30: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13595

HORIZONTAIS:

- Recusa. Tempo do verbo haver. Bilha para malvado, na Lunda.
- Boas Festas. Espaço de terra (pl.).
- Aceira. Carraspana (pop.).
- Querida. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África.
- Vossa Alteza. Espécie de forragem (bras.).
- Capturara. Césio (s.q.).
- Laço. Linguagem, mistura de árabe, francês italiano e espanhol também chamada levantino.
- Vila e concelho do distrito de Portalegre. Ilha de Cabo Verde.
- Tratas por tu. Prefixo que designa ar.
- Filha de Maomé que desposou seu primo Ali.
- Separaria.

VERTICAIS:

- Note bem. Adianta.
- Trabalho. Ancorar.
- Cálculo (s.q.). Ouro (s.q.).
- Temporal.
- Deusa grega do casamento, esposa de Zeus. Sádios.
- Cidade da Roménia. Entre os Caldeus, o 5.º mês. Nota musical.
- Aventurar.
- Preposição. Palmeira da Amazônia. Pronome pessoal.
- Toma nota de. Casta.
- Calma. Preposição.
- Guarneceras de asas. Frutos dos cereais.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9455

HORIZONTAIS:

- O mesmo que larápio. Moeda de prata na Pérsia.
- Faço recuar. Serra do estado da Bahia. (Bras.).
- Zombas. Consentimento.
- Dep. da província de Catamarca, na República Argentina. Árvore indiana cuja casca é empregada como adstringente.
- Uma das Espérides. Orão que os Parses fazem a Deus, ao meio-dia. O sono das crianças.
- Nota musical. Laranja. (gir.). Sódio (s.q.).
- O mesmo que lutar. Restos de velas.
- Vasilha de vinho. Rezo.
- Freguesia do concelho e distrito de Portalegre. Aversão (pop.).
- Cidade do estado do Rio Grande do Sul. Cidade de França. Apelido.
- Vasilha com asas. Deuses familiares e protectores do lar doméstico.

VERTICAIS:

- Opalas. FALA.
- Al. Ramagem.
- Quelimam.
- Mamaram.
- Ea. Sa. Er. CR.
- Mac. Paurá.
- Namoraras.
- Asa. Rá. Sue.
- Os. Ma. Coim.
- ENFADA. V.º.
- Amornaremos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13594

HORIZONTAIS:

- O. QUE NÃO.
- Pau. Amasse.
- Além. Ama. Nó.
- Laço. Fr.
- Arma. Man.
- Sama. Parada.
- Mareara. Ar.
- Namoraras.
- Agem. Usso.
- Le. CR. Ulvo.
- Ampararemos.

VERTICAIS:

- Opalas. FALA.
- Al. Ramagem.
- Quelimam.
- Mamaram.
- Ea. Sa. Er. CR.
- Mac. Paurá.
- Namoraras.
- Asa. Rá. Sue.
- Os. Ma. Coim.
- ENFADA. V.º.
- Amornaremos.



CRÉDITO PREDIAL PORTUGAL
Banco Fundado

BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DAS NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	69\$35	75\$35	
ALEMANHA FED. (marco)	36\$20	37\$30	
AUSTRIA (xelim)	5\$05	5\$25	
BÉLGICA (franco)	1\$675	1\$875	
BRASIL (cruzeiro)	1\$154	\$404	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	71\$15	73\$15	
(notas de 5 a 1000)	72\$65	73\$65	
DINAMARCA (coroa)	10\$40	10\$65	
ESPAÑA (peseta)	\$665	\$615	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	88\$20	90\$20	
(notas de 5 a 1000)	88\$70	90\$70	
FINLÂNDIA (marka)	16\$40	17\$00	
FRANÇA (franco)	12\$75	13\$45	
HOLANDA (florim)	32\$90	33\$90	
INGLATERRA (libra)	14\$15	14\$15	
IRLÂNDIA (libra)	12\$40	12\$40	
ITALIA (lira)	\$057	\$067	
JAPÃO (iene)	\$324	\$359	
NORUEGA (coroa)	12\$70	13\$20	
SUECIA (coroa)	12\$00	12\$60	
SUIÇA (franco)	42\$25	43\$35	
VENEZUELA (bolivar)	18\$40	19\$40	

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
- Int. men. 13 a.
O CIRCO DE MENTIRA

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21 e 23
- N. ac. men. 18 a.
POLTERGEIST, O FENÔMENO

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
ASTERIX E CLEOPATRA

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
RENDEZ-VOUS NO MAX'S
2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS HOMENS PREFEREM AS GORDAS
1.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A GUERRA DO FOGO
18.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ULISSES
3.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS HOMENS PREFEREM AS GORDAS

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.00 - 16.30, 19.00 e 21.30
- N. ac. men. 13 anos
AVENTURA E AVENTURA
Às 24
O SARGENTO DA FORÇA UM

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
O DESEJO DO PROIBIDO

Às 24
TUDO BOA GENTE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45 e 19
- N. ac. men. 18 a.
VEIO DO OUTRO MUNDO
5.ª Semana
Hoje não se realizam as sessões das 21.30 e 24

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
SOMBRAS DO PASSADO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
QUE O DIABO SEJA SURDO
2.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O DIA DA COBRA

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O CASAL TRAPALHÃO

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O REGRESSO À BEM-AMADA
2.ª Semana

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
QUE O DIABO SEJA SURDO
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
OS PIRATAS

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1/6/82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UM CHUI DE BLUE JEANS
Às 24
O JOGO DA AVENTURA

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 18 a.
O ASSASSINO DA ROSA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A FACE DO PODER

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O INVENCÍVEL

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
EUGÉNIO, EUGÉNIO
2.ª Semana



A saude de Verónica Voss de Fassbinder, em exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45
- Int. men. 13 a.
YOL

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 1. 21.15 e 23.30
- Int. men. 13 a.
DIVA

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.15 e 23.30
A SAUDE DE VERONICA VOSS
- N. ac. men. 18 a.

SALA 4
Às 14, 16.30, 19, 21.15 e 23.30
- N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
FAMA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ODEIO AS LOUCAS

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O PRESENTE

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
- Para Todos
LOUCAMENTE APAIXONADO
8.ª Semana

S. JORGE SALA 3

- N. ac. men. 18 a.
Às 14, 16.15, 19 e 21.15
POLTERGEIST, O FENÔMENO
6.ª Semana

SATÉLITE 562832

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 18 e 21 - Int. men. 13 a.
MEPHISTO
Às 24
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA

7.ª ARTE 730715

Av. Repúblicas, à Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
O PRESENTE
Domingo às 11.15
OS 12 TRABALHOS D'ASTERIX

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
13.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
9.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O SACERDOTE DO AMOR

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A DIVA E OS GANGSTERS
3.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
FÚRIA DE VENCER

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «O Sacerdote do Amor», às 21.30 (13 anos)

ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA 3 - «Grease 2», às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA - «Sexo é Outra Música», sessões permanentes (18 anos)

ROYAL - «A Enfermeira dos Generais», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «Os Lutadores de Shaolin», às 21.30 (18 anos)

POLITEAMA - «O Cowboy Implacável», às 21.30 (13 anos)

CITY CINE - «Prima, Eu Amo-te», às 21.30 (18 anos)

MUNDIAL - «Odeio as Loiras», às 21.30 (13 anos)

RESTELO - «A Odisseia do Submarino 96», às 21.30 (18 anos)

2000 - «Star Trek II», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - **Casino** - «Star Trek II, a Ira de Khan», às 17.00 e 21.15 (13 anos)

CASCAIS - **Impala** - «O Caçador», às 21.30 (18 anos)

CASCAIS - **Oxford** - «Firefox», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - **Cine-Almada** - «Armadiha Internacional», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - **Incrível** - «As Duas Faces do Amor», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - **Academia** - «A Odisseia do Submarino 96», às 21.15 (18 anos)

SETUBAL - **Júpiter** - «A Ilha Azul», às 21.15 (13 anos)

COSTA DE CAPARICA - **Silcine** - «Praia Sangrenta», às 21.45 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - **D. João V** - «O Grande Combate», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - **Cine-Plaza** - «Pink Floyd, the Wall», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - **Lido** - «Firefox», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - **Cine-estúdio** - «Sgt. Pappas», às 21.30 (13 anos)

CACÉM - **Cine-Estúdio Flores** - «A Turma dos Repetentes», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA - **Cine-estúdio** - «O Aventureiro», às 21.15 (6 anos)

Porto

LUMIÈRE-A - «O Dia do Perdão», às 21.30 (13 anos)

TERÇO - «O Campeão de Baltimore», às 21.30 (13 anos)

RAIONE - «Pela Medida Grande», às 21.30 (13 anos)

CHAPLIN - «A Outra Metade do Céu», às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO - «Rocky II», às 21.30 (18 anos)

TRINDADE - «Que o Diabo Seja Surdo», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT - «A Casa do Lago», às 21.30 (13 anos)

COLISEU - «O Dia da Cobra», às 21.30 (18 anos)

RIVOLI - «Olho por Olho», às 21.30 (18 anos)

JULIO DINIS - «Hotel Paraíso», às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL - «Mephisto», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «Pela Mira da Espingarda», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE - «A Absorção», às 21.45 (13 anos)

FOCO - «Fantasma do Amor», às 21.30 (13 anos)

SÃO JOÃO - «Estado de Guerra», às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - «Todos de Tanga», às 21.30 (18 anos)

OLIMPIA - «O Justiciero da Moto Voadora», às 21.30 (18 anos)

PEDRO CEM - «Ninguém Diga que Está Bem», às 21.30 (13 anos)

AGUIA - «Intriga de Amor», às 21.30 (13 anos)

BEBÉ - «A Tragédia de um Homem Ridículo», às 21.45 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALCANTARA - **Proibida**, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ARCO DO CEGO** - **ESTEFÂNIA**, D. R. Açores, 32-34 (T. 572388); **AREEIRO** - **APEA-DEIRO**, Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **ESTRELA** - **Aurélio Rego**, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **GRACA** - **Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO** - **Miranda**, L. Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **LUMIAR** - **Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **OLIVAIS VELHO** - **Olivaes**, R. Alves

teatros

Lisboa

COLISEU - **Circo do Natal**, às 21.30 (6 anos)

MONUMENTAL - «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)

ABC - «É Sempre a Viar!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

VILLARET - «Em Carne Cor-de-Rosa Encarnada», às 22.00 (18 anos)



Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVA**: Curia, Av. Madame Curie, 15-A (T. 778439); **SÃO JOSÉ - TIVOLI**: Fernandes, R. São José, 187 (T. 326476); **ALGÉS**: **Miramar**, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); **ODIVELAS**: **Monseratte**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139); **PONTINHA**: Cruz Correia, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

ALAMEDA - **FONTE LUMINOSA**: **Ibérica**, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE**: **Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS** - **LISBOA GINÁSIO CLUBE**: **São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIRRO ALTO**: **Veritas**, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **BENFICA** - **CHARQUINHO**: **Macedo**, E. Poço do Chão, 69-C (T. 703697); **CAMPO D'OURIQUE**: **Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **ESTRELA** - **POSSIDÔNIO DA SILVA**: **Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **MADRE DE DEUS** - **POÇO DO BISPO**: **Migjo**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **RESTELO** - **ALGÉS**: **Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **SALDANHA**: **Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); **BRANDÃO**: **Brto**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA**: **Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970680); **OLIVAL BASTO**: **Nova**, R. Agóres, 11-A (T.



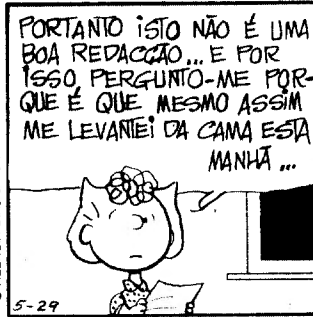
PROPRIEDADE, ADMINISTRAÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.
Administração: Rua da Liberdade, 160, 1.º andar, 1200-001 LISBOA
Impressão: Rua da Liberdade, 160, 1.º andar, 1200-001 LISBOA
Telefone: 201144/5 - 201271/2/3
Fax: 201144/5 - 201271/2/3
Publicidade: 201271/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porto: 321154
Redação: 320271/2/3
Mensagem gravada: 320229
Endereço telegráfico: DIBOIA
Tele: 12383 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20054/5

O TEMPO
MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
6.58 4.0 m 0.09 1.4 m
19.39 3.6 m 12.59 1.3 m
Dia 7
8.01 3.8 m 1.15 1.6 m
20.47 3.5 m 14.16 1.5 m

TEMPERATURAS DO AR
AS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	14°
BRAGANÇA	11°
VILA REAL	10°
PORTO	14°
P. DOURADAS	8°
COIMBRA	12°
C. CARVOEIRO	12°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	10°
ÉVORA	10°
BEJA	10°
SAGRES	13°
FARO	13°
P. DELGADA	18°
FUNCHAL	18°



últimas

UMA CIDADÃ PORTUGUESA foi detida esta semana pelas autoridades policiais da capital moçambicana, acusada de tentar obter ilegalmente um certificado de licenciatura de Medicina. Trata-se de Mariana do Carmo Diogo Soares Rodrigues, de 47 anos, doméstica, natural do distrito de Beja. Segundo fontes policiais, citadas pelo «Jornal Notícias», Mariana Rodrigues encontrava-se em Moçambique há três semanas e procurava obter o falso certificado para, no próximo ano, firmar contrato com as autoridades moçambicanas como médica cooperante. Ela apresentou-se na secção de registo da reitoria da Universidade Eduardo Mondlane como amiga íntima de uma antiga funcionária, actualmente a residir em Portugal, e tentou aliciar o chefe de secção a passar-lhe o certificado de habilitações.

ASSALTADAS INSTALAÇÕES DO PCP em Santo Amaro de Oeiras de onde furtaram calculadoras, gravador de som, amplificador e microfone, além de outros objectos. Porém, logo a seguir, as diligências da PSP local tiveram êxito com a captura de um jovem desempregado, de 19 anos, e apelido Sousa, com a profissão de torneiro mecânico. Estava na posse de alguns dos artigos furtados e que será um dos autores do furto.

GENE KELLY o actor, bailarino e coreógrafo americano, a actriz Lilian Gish, dramaturgo George Abbot, o clarinetista Benny Goodman e o chefe de orquestra Eugene Ormandy, são os cinco laureados de 1982 das «honras» atribuídas pelo «Kennedy Center», centro musical e teatral de Washington. A cerimónia decorreu na presença de «toda Washington» e do presidente Reagan e mulher.

Primeira medida económica do Governo socialista

Peseta passa a flutuar depois da desvalorização de oito por cento

A desvalorização de oito por cento da peseta, anunciada no sábado, pelas autoridades espanholas, não deixa espaço ao governo Socialista de Felipe Gonzalez para outra escolha que não seja o rigor e a austeridade, comentam especialistas e observadores políticos em Madrid.

A mudança de paridade da divisa espanhola — fixada a partir de hoje, segunda-feira, em 127,66 pesetas por um dólar, contra 117,45 na sexta-feira — poderá, mesmo, tornar inevitável um plano de estabilização destinado a jugular os efeitos sobre uma inflação calculada em 15 por cento este ano.

Ao anunciar a primeira decisão tomada pelo governo socialista, exactamente 24 horas após a sua entrada em funções, o ministro da Economia e das Finanças, Miguel Boyer, precisou que a peseta «flutuará» agora livremente, sendo o seu câmbio determinado pelo mercado a partir da sua nova paridade sem qualquer intervenção do Banco Central.

Apesar da dispendiosa política de apoio praticada pelo governo precedente, a divisa espanhola tinha perdido 20 por cento do seu valor relativamente ao dólar desde o princípio de 1982. O governo espanhol, explicou Miguel Boyer, podia, é verdade, deixar a peseta baixar gradualmente até ao nível desejado.

Embora Miguel Boyer tenha renovado o compromisso assumido por Gonzalez de obter no próximo ano um crescimento de 2,5 por cento (contra 1,3 por cento em 1982), e haja afastado, formalmente, a ideia dum plano de estabilização, os socialistas poderiam, no entanto, ser forçados a recorrer a um tal plano.

A desvalorização da peseta não vai, apenas, tornar mais

competitivos os produtos espanhóis no estrangeiro; vai também encarecer o custo das importações, acentuando, assim, a inflação.

Para ser realmente eficaz, saíam vários especialistas, qualquer desvalorização deve

rios», disse Rafael Termes.

O representante da Associação de Banqueiros disse que o «governo optará por um dos caminhos possíveis: a expansão imediata e demagógica seguida pelos socialistas franceses ou o prosseguimento da actual situa-

Efeitos negativos no comércio bilateral com Portugal

MADRID (Fernando Jauregui, correspondente) — A desvalorização da peseta em oito por cento, decretada no sábado pelo ministro socialista da Economia, Miguel Boyer, constitui a primeira medida do gabinete de Felipe Gonzalez e está a ser classificada em todos os quadrantes como um passo «realista» que ajudará sobremaneira as exportações espanholas.

No entanto, especialistas no comércio hispano-português destacaram que se se mantiver a atitude das autoridades de Lisboa, «congelando» praticamente o comércio bilateral, devido ao desequilíbrio da balança a favor da Espanha, a desvalorização repercutirá negativamente nas relações comerciais entre os dois países.

Com efeito, a maior agressividade exportadora espanhola não seria bem acolhida em Portugal, que já está «saturado de produtos procedentes do país vizinho», segundo as referidas fontes comerciais. Também repercutirá negativamente esta desvalorização da peseta no turismo espanhol que passava as suas férias em Portugal, país, que, até agora, resultava enormemente barato para os espanhóis mas que a partir de agora não o será tanto.

ser acompanhada por medidas complementares.

Reacções favoráveis

O presidente da Associação Espanhola da Banca Privada, Rafael Termes, manifestou-se de acordo com a desvalorização.

«Pessoalmente alegro-me com a decisão que é a que mais convém ao país», mas «a desvalorização de nada serve se não for acompanhada de medidas sobre política de despesas públicas, financiamento e de sala-

ção através de uma política prudente, reforçando a luta contra a inflação e contra o desequilíbrio com o exterior, que foi a alternativa escolhida».

Um representante da Confederação Espanhola de Organizações Patronais, José Luis Ayuso, referiu que a medida é de acordo com a moeda e a incerteza sobre o seu futuro.

«Evidentemente que uma decisão sobre a evolução da peseta não pode considerar-se à margem das demais decisões de política económica que se adoptem», acrescentou.

Fontes da União Geral de Trabalhadores (socialista) declararam que a decisão é «adequada para impedir certas expectativas que pudessem gerar o processo de depreciação que a peseta vinha suportando».

Os órgãos de Informação reagiram, também de uma forma geral, positivamente a esta medida, destacando a rapidez de decisão do novo Gabinete, que tomou esta medida um dia depois de ter tomado posse.

O «El País» sublinha que a decisão de «enfrentar com realismo este desafio constitui um facto elogiável» e entende esta medida como «imprescindível para restabelecer a competitividade externa dos sectores produtivos e para conservar ou criar, através de um relançamento da actividade, postos de trabalho».

O monárquico «ABC» diz, por sua vez «que esta medida parece realista», bem como os «argumentos utilizados para a explicar» e, depois de indicar o «apreciável valor político» da desvalorização assinala «que este é o início de uma nova política económica que se define como realista, a qual parte com a cobertura da autoridade que concede uma maioria parlamentar sem precedentes na actual etapa histórica da nossa pátria».

Quanto ao «Diário 16» afirma que «a desvalorização era uma realidade e o governo limitou-se a reconhecê-la, destacando a rapidez com que o fez».

O católico «YA» assinala que «as circunstâncias não permitem outro jogo» mas destaca que a medida não se enquadra com a anunciada política socialista de manter o nível dos preços coordenar o crescimento moderado da oferta monetária e lutar contra o desemprego.



Um novo romance de José Cardoso Pires

Um romance novo de José Cardoso Pires será apresentado hoje à crítica e aos leitores pelas edições «O Jornal». Do escritor sabemos que é um trabalhador exigente. Dessa exigência, da qualidade da escrita, falam os seus livros. E esperamos todos que esta «Balada da Praia dos Cães» — título estranho, a evocar pesadelos, a sugerir um enredo de sombras, mistério e o ladrar soturno dos cães vadios numa praia deserta — retoma a afirmação do ficcionista seguro e pujante de «O Delfim».

O ensaísta de «A Cartilha do Maralva», o moralista de «E Agora, José?», deixou sempre os seus leitores desejosos do convívio com o criador e contador de histórias de «Caminheiros» e «Anjo Acorado». A sátira de «O Dinossauro Excelentíssimo», a ironia de «O Burro em Pé», e as «Histórias de Amor», marcam o itinerário do escritor que sem pressa, a passo certo, evidenciando um domínio invulgar da matéria literária, no conto, no romance, no teatro, foi construindo uma das obras mais significativas da literatura portuguesa contemporânea. Responsabilidade contraída que é uma promessa aos leitores, e um motivo de exigência para os críticos, agora que publica um novo romance: «A Balada da Praia dos Cães».

Nunca as nossas FA's foram tão solicitadas

Líbano sugere envio de tropas portuguesas para Beirute

A eventual participação de Portugal na força multinacional estacionada em Beirute (Líbano) será decidida na próxima quinta-feira, em Conselho de Ministros, de acordo com declarações prestadas pelo vice-primeiro-ministro e titular da Defesa, Freitas do Amaral. A posição que Portugal vier a assumir responderá a uma proposta, formulada a semana passada pelo Governo libanês, para o alargamento da força multinacional que se encontra naquele país e que integra, por enquanto, apenas tropas dos EUA, da Itália e da França.

Freitas do Amaral, que falava antes de seguir para Paris, onde hoje participa numa reunião da União Europeia da Democracia Cristã, esclareceu que o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Melo Egídio, terá de ser ouvido, antes de se chegar a uma decisão.

Para além de Portugal, a proposta libanesa inclui a participação de forças do Brasil, da Colômbia e, possivelmente, também da Grã-Bretanha. Em princípio, estas novas forças não substituirão as dos EUA, Itália e França, destinando-se apenas a reforçá-las.

De acordo com agências internacionais, o Brasil coloca sérias reticências à sua participação, uma vez que não deseja quebrar o estatuto de estrita neutralidade que tem mantido relativamente aos conflitos no Médio Oriente. Quanto à Colômbia, referem as mesmas fontes, imporia como condição para a sua participação, que os

encargos com o envio e manutenção das tropas não sejam da sua responsabilidade.

Em termos de posição definitiva — e numa altura em que ainda não é conhecida qualquer reacção britânica — parece assente o afastamento brasileiro, cuja diplomacia faz questão em realçar que, no Brasil, reside uma grande colónia de libaneses a qual poderia reagir desfavoravelmente.

Da parte dos países que mantêm contingentes militares em Beirute, a primeira reacção conhecida partiu da Itália, cujo ministro dos Negócios Estrangeiros, Emilio Colombo, apontou que o «refresco» da força multinacional poderia contribuir para «reafirmar a soberania e a legalidade no Líbano».

Registe-se que nunca, como agora, as forças armadas portuguesas foram tão solicitadas, em termos internacionais.

Com efeito, a proposta libanesa junta-se aos contactos que se vêm registando com vista à eventual participação portuguesa numa força internacional que assegurará a transição da Namíbia para a independência. Para além disso, ocorre também numa altura em que a cooperação militar com Portugal é solicitada — e está a ser negociada — por países africanos, como Moçambique e Guiné-Bissau.

LONDRES

VOOS ESPECIAIS 1^o AIR PORTUGAL
PREÇOS EXCEPCIONAIS DESDE 17.850\$00

PARTIDAS NATAL
23 A 27 DE DEZ./82
NATAL + FIM DO ANO
23 DEZ./82 A 2 JAN./83
FIM DO ANO
27 DEZ./82 A 2 JAN./83

VISITE OS SEUS FAMILIARES RADICADOS EM INGLATERRA A PREÇOS EXCEPCIONALMENTE BAIXOS

INFORMAÇÕES E RESERVAS DESDE 1840

abreu

LISBOA	Avenida da Liberdade, 160	Tel. 371341
LISBOA	Avenida de Roma, 66	Tel. 803609
PORTO	Avenida dos Aliados, 207	Tel. 317921
PORTO	R. Eug. Castro, 256 (Foco)	Tel. 691686
COIMBRA	Rua Sota, 2	Tel. 270116
FARO	Avenida da República, 124	Tel. 250358
PORTIMÃO	R. Infante D. Henrique, 83	Tel. 27528
FUNCHAL	Rua Gurgulho, 1	Tel. 310778

FIM DO ANO NA MADEIRA

partidas
De 26/12 a 2/1
de 27/12 a 3/1
Inscreva-se já

INFORMAÇÕES E RESERVAS

DESDE 1840

abreu

LISBOA	Avenida da Liberdade, 160	Tel. 371341
LISBOA	Avenida de Roma, 66	Tel. 803609
PORTO	Avenida dos Aliados, 207	Tel. 317921
PORTO	R. Eug. Castro, 256 (Foco)	Tel. 691686
COIMBRA	Rua Sota, 2	Tel. 270116
FARO	Avenida da República, 124	Tel. 250358
PORTIMÃO	R. Infante D. Henrique, 83	Tel. 27528
FUNCHAL	Rua Gurgulho, 1	Tel. 310778